

Um Romance de
CATHERINE MARCELLE

*Um amor entre o
céu e a terra.*

A Casa

32

A Casa

32

Catherine Marcelle

Copyright ©

Todos os direitos reservados

A província

Normandia é uma província ao Noroeste da França, que na década de 40, estava sob o regime nazista de Adolph Hitler, assim como todo o país.

Marcel era um rapaz jovem, com seus vinte e poucos anos, que vivia em Orne, região da baixa Normandia, com Jacques, seu pai, Renné, sua mãe e seu irmão mais novo, Allan.

Sua mãe era católica, assim como a maioria dos moradores da redondeza, e assim, junto com Jacques, Renné criou seus filhos na fé que ela costumava seguir.

Iam a Abadia de Ciel de France todos os domingos pela manhã.

Assim que despertava, Renné preparava o desjejum da família com um café que exalava seu aroma por toda vizinhança. Era o cheirinho das manhãs em Orne.

Naquela manhã de junho de 1944, Jacques voltou da loja de pães apressado, queria contar a boa nova para sua esposa.

- Renné, Renné, sente-se aqui, deixe-me contar o que vi.

Renné largou o bolo que começara a fatiar e sentou-se ao lado de seu marido, como ele pediu;

- O que é isso, homem! Que cara é essa? O que viu?

Jacques buscou o ar como se quisesse tempo para se expressar da maneira mais direta;

- As ruas estão lotadas de tropas alemãs, parece que estão esperando um ataque a qualquer momento.

- Por aqui? Não me diga! Você viu com seus olhos ou ouviu falar?

- Por Deus mulher! Claro que vi com meus próprios olhos! Aqui não é mais seguro.

Renné passou a mão pelo cabelo ajeitando os fios em desalinho, em um gesto de preocupação com a notícia;

- Para onde vamos Jacques?

- Não sei. Pensei que talvez pudéssemos ficar uns tempos com meu tio em Bernay.

- Não temos notícias dele há tanto tempo. Será que ainda é vivo?

- Sim. É vivo. Há uns quinze dias, eu estive com Andrés quando fui ao barbeiro, ele vai para aquelas bandas de vez em quando, disse que ouviu sobre titio. Ainda vive só na casa.

- E seu primo não vai vê-lo?

- Sabe como Tio Orlan é difícil Renné... Andrés não quer mais se envolver.

Renné pensava nas palavras do marido enquanto seus olhos fitavam o sol pela janela, que começava a ficar mais forte;

- Não sei, Jacques. Talvez seja melhor que esperemos um pouco mais para ver o que acontece.

Jacques voltou os olhos para sua esposa, como quem previne alguém de um perigo eminente;

- Espero que tenhamos esse tempo... e Marcel, ainda não se levantou? E Allan?

- Já chamei todo dois. Vá se lavar, vou servir o café.

Aquela manhã de domingo já não era mais a mesma das outras manhãs. Renné colocou a mesa com esmero de sempre, mas seus pensamentos iam longe. Deveria seguir a intuição de Jacques?

Sentou-se mais uma vez e decidiu esperar pela missa para que pudesse tomar uma atitude definitiva. Quem sabe conseguiria conversar com Padre Gael e assim poder ter seu coração aliviado para tomar a decisão correta?

O café da manhã da família Burnier seguiu como em todas as ocasiões em que todos estavam juntos.

Marcel, por ser o mais velho, cuidava de Allan com carinho e dedicação. Muitas vezes a relação de Marcel com o irmão mais novo era a de pai e filho. Jacques já não tinha mais forças para acompanhar o crescimento de Allan, que nasceu de uma gravidez inesperada aos quarenta e dois anos de Renné.

Jacques já havia se aposentado. Ajudava a Renné nas questões simples de casa como fazer compras ou ajudar a cuidar do jardim. Seus sessenta e cinco anos já pesavam para o título de pai adquirido há dez anos.

Allan sentia amor verdadeiro por seu pai, mas Marcel era verdadeiramente a sua referência de proteção e amizade.

Após o café, seguiram para a Abadia juntos, como faziam todos os domingos e Allan não pôde deixar de notar a movimentação diferente nas ruas.

- Olha Marcel, está cheio de homens armados!

Marcel tentou dar um "quê" de descontração a situação, mas olhou para seu pai, como quem pressentia algo no ar;

- Sim. Talvez tenham vindo atrás de você, te disse para tomar banho todos os dias, não disse?

Allan sorriu com desdém;

- Ah sim. Acredito. Devem estar atrás de você, isso sim!

Marcel sorriu para o irmão sem tirar os olhos dos homens que andavam de um lado para o outro em todas as pequenas ruas por onde passavam.

De repente ouviu alguém chamar;

- Marcel! Marcel! Espere!

Todos pararam e perceberam o amigo de Marcel, Jean, que fazia parte do exército francês;

Jean correu para alcançar o amigo, que o alcançou ofegante. Cumprimentou a família de Marcel com cordialidade;

- Bom dia Sr. Jacques, Sra. Renné...

Jean mexeu no cabelo de Allan e apertou a mão de Marcel;

- Desculpem o mau jeito, é que já vou sair com meu pelotão.

Marcel percebeu o tom sério na expressão do amigo de infância;

-O que está acontecendo, Jean?

- Vocês precisam sair daqui o quanto antes. Parece que os Estados Unidos e a Inglaterra mandarão tropas para cá. A coisa vai ficar feia.

Jacques confirmou o que temia;

- Quando será isso?

- Não sabemos, mas pode ser a qualquer momento.

Allan interrompeu a conversa tensa;

- O que vai acontecer?

Jean olhou para Marcel buscando a resposta para um menino assustado - Nada que tenhamos que nos preocupar.

Jean apertou a mão do amigo mais uma vez;

- Cuide-se meu amigo, leve sua família para longe do litoral.

Marcel retribuiu o gesto;

- Cuide-se também meu amigo. Obrigado por nos avisar.

Jean se despediu de todos e partiu para se juntar aos outros em um pequeno carro do exército.

Marcel tentou manter o tom ameno;

- Veja só! Ainda bem que Jean nos parou. Esqueci a carteira com meus documentos em casa, tenho que voltar.

Jacques olhou para Renné;

- Voltemos com ele Renné, com toda essa movimentação não é seguro que andemos separados.

Assim que entrou em casa, Marcel tratou de distrair seu irmão, que apesar do esforço de todos, já começava a notar a inegável tensão que rondava o povoado.

- Allan, procure a carteira em minhas coisas, vou ver se a deixei por aqui pela sala.

Allan atendeu ao irmão prontamente, deixando Marcel tranquilo para conversar com seus pais;

- Pai, mãe, precisamos sair daqui.

Jacques respondeu em tom urgente;

- Conversei com sua mãe hoje cedo sobre isso, iríamos conversar com você após a missa.

- Temos que pensar em algum lugar.

Renné se aproximou de Marcel para manter o tom de voz baixo;

- Eu e seu pai estávamos pensando em ficarmos uns dias em Bernay com tio Orlan.

Marcel buscou em seus pensamentos a lembrança do tio de seu pai;

- Não o vemos há anos...

- No momento é a única solução que temos meu filho; - Jacques respondeu apreensivo.

Marcel olhou para mãe enquanto Allan descia as escadas aos gritos;

- Marcel! Não encontrei! Vamos assim mesmo! O homem da pipoca vai embora quando a missa começa, temos que pegar ele lá!

Marcel olhou para sua mãe e respondeu convicto a seu pai;

- Pai, vamos começar a arrumar nossas coisas e partimos para Bernay amanhã antes do sol nascer.

Em seu coração, era a única decisão que protegeria sua família da fúria daquela guerra que já havia levado tantos de seus amigos.

Estava decidido. Aquele seria o último domingo em Orne.

O dia D

Jacques e Renné passaram todo o dia se preparando para a mudança repentina. Marcel convenceu Allan que tio Orlan não estava bem de saúde e que precisava de cuidados, pois vivia só.

A princípio, a notícia não foi bem recebida. Mudança de escola, novos amigos... O cenário para o menino não era animador, mas como sempre, Marcel o convencia.

Todos já estavam com as malas prontas e as providências tomadas, quando a madrugada caiu sobre o pequeno vilarejo

vigiado.

Marcel observava seus pais e seu irmão descansando enquanto tentava imaginar o que encontraria em Bernay.

Seriam bem recebidos? Conseguiria um emprego? Uma boa escola para Allan? Perdido em seus pensamentos acabou adormecendo.

O dia já começava a surgir naquela manhã de seis de junho, quando Jacques despertou e percebeu que já deveriam estar a caminho.

Acordou Marcel e começaram a levar o que haviam julgado necessário para o carro da família.

O relógio ia dar seis e meia da manhã quando se preparavam para fechar a casa e partir, quando começam a ouvir bombas e tiros.

Allan correu para abraçar o irmão que rapidamente entrou com sua família de volta para a casa.

Jacques abraçou a esposa;

- Tarde demais! Não vamos conseguir!

Renné tentou conter o medo, mas não conseguiu conter seu pranto.

Marcel tentou observar a movimentação pela janela da sala, entre as cortinas;

- Começou. Temos que ir agora porque com certeza vai ficar muito pior.

Renné não conseguiu disfarçar o medo;

- Não podemos sair assim!

- Marcel tem razão, vamos agora, mais tarde não teremos chance.

Marcel protegeu Allan e correu para o carro com seus pais.

Rapidamente pegam as ruas mais distantes de onde a movimentação se fazia crescente e notou que a situação era bem mais graves do que poderia supor.

Toda a tropa alemã estava nas ruas e mais carros chegavam com homens armados.

Marcel desviava das pessoas e dos tiros que não sabia de onde viam e para onde poderiam ir.

O cenário era de terror. Renné escondeu o rosto de Allan em seu colo, o protegendo do inevitável. O som das bombas e dos tiros era ensurdecedor.

Pessoas gritando, buscando ajuda, era o cenário que se desenhava.

A guerra mostrava a sua face mais cruel, mais uma vez.

Marcel conseguiu se afastar e pegou a pequena estrada em direção a seu novo destino. Alguns carros do exército passavam por eles, aumentando a tensão de Renné. Apesar da tensão, conseguiram chegar a Bernay em segurança.

Depois de um tempo, Marcel parou em frente a uma pequena loja de chocolates que ainda estava fechada.

- Todos estão bem?

- Sim meu filho, estamos bem. - respondeu Jacques ainda com as mãos trêmulas.

- E aí rapaz, como está? - Marcel se dirigiu ao irmão caçula, visivelmente abalado;

Allan estava apavorado. Cresceu sob o clima tenso da guerra, mas nunca havia presenciado aquela cena de terror.

- Estou bem... Marcel, mas todos que ficaram vão morrer. Não vão conseguir.

Marcel tentou acalmar o coração angustiado do irmão;

- Claro que vão conseguir. Eles sabem o que fazer. Ficarão em casa até que tudo passe. Não se preocupe. Quando voltarmos, você verá todos os seus amigos de novo.

Renné deixou uma lágrima cair discretamente, sabia que talvez isso não aconteceria.

Jacques percebeu a tristeza da mulher;

- Bem, chegamos até aqui! Agora vamos em busca da casa de titio. Ficaremos todos bem!

Assim foi feito. Entraram na rua indicada pelo velho papel que Jacques havia guardado há anos.

- Pare Marcel. É esta rua. Veja. Continua igual.

- Parece uma rua tranquila, poucas casas... Qual o número pai?

- Deixa-me ver... Casa 32.

Marcel tentou visualizar a numeração das casas, mas não teve sucesso.

- As casas são bem antigas. Se existe alguma placa, as plantas cobriram. Teremos que perguntar.

Assim foi feito.

Avistaram uma senhora sentada à beira de um grande portão de uma casa simples, e Marcel questionou o que buscava;

- Com licença, senhora. Procuro a residência do Sr. Orlan, casa 32. Poderia me ajudar? Não vejo números nas casas.

A senhora olhou para todos no carro e voltou o olhar para Marcel;

- Quem são vocês?

Marcel olhou para seu pai e decidiu seguir em frente com a conversa;

- Orlan é nosso tio.

- Pois está há muito tempo sem vê-lo por certo! Orlan faleceu tem cinco anos!

Marcel não escondeu o desapontamento.

Jacques interveio;

- Não fomos avisados!

Marcel manteve a calma e saiu do veículo, acompanhado por seu pai;

- Deixe que me apresente devidamente, sou Marcel e este é meu pai Jacques.

A senhora cumprimentou sem muito entusiasmo;

- Me chamo Gertrudes. Vivo aqui há quinze anos. Não me lembro de ter visto vocês por aqui.

Ela estava certa. A última visita de Jacques a seu tio havia sido a mais de quinze anos. Marcel tinha a idade de Allan e Renné havia ficado em casa cuidando da irmã acamada.

- Sim, há muito não o via. Mas tínhamos notícias dele por meio de outros parentes. Estamos surpresos com tal notícia. - Jacques buscava na velha senhora alguma explicação para o ocorrido.

- Ele não saía de casa, vivia sozinho. Somente uma senhora vinha para cuidar dele, fazer comida, lavar suas roupas, essas coisas... Um dia soubemos que andava doente e por fim, faleceu. A casa ele deixou para ela. Por que não vão lá procurar saber mais?

Por um momento Marcel pensou em desistir, mas haviam ido longe demais para voltar. Até porque, não tinham para onde voltar;

- Onde fica a casa? Iremos lá.

Gertrudes apontou para a última casa do lado oposto à sua.

Era a casa mais antiga da rua.

As grades enferrujadas estavam cobertas de galhos secos.

O jardim era imenso, porém com nítido aspecto de abandono. Árvores frondosas cobriam todo o jardim e não permitiam a entrada da luz do sol.

Folhas secas cobriam todo o chão.

- Que casa legal! Se tivesse uma casa dessas lá na rua aposto que iam dizer que era mal assombrada.

Marcel sorriu da inocência de Allan naquele momento tão complicado para todos.

A casa de fato tinha um aspecto sombrio e não tinham ideia do que encontrariam. E o pior, não podiam voltar.

Olharam-se e decidiram chamar pela senhora, a nova dona do lugar.

Marcel bateu palmas três ou quatro vezes quando notaram que a porta da entrada da casa começou a se mover.

De longe não conseguiam perceber com clareza, mas a silhueta de uma senhora se fazia notar.

Enquanto aguardavam, percebiam os detalhes daquela casa escura e ao mesmo tempo acolhedora.

Havia um pequeno lago do lado direito do imenso jardim e uma velha pequena cabana ao lado dele.

A senhora começou a caminhar na direção da entrada.

Era uma mulher que aparentava estar nos seus cinquenta anos de idade, forte, robusta. Os cabelos brancos se mesclavam com uns poucos fios pretos que restavam. O coque era grosso e enrolava um cabelo longo e pouco viçoso.

As roupas eram recatadas e carregava enrolado no pulso esquerdo, um crucifixo.

A expressão era rude, de pouca conversa.

Diante da figura pouco amigável da senhora, Marcel buscou fôlego para iniciar um diálogo;

- Bom dia, senhora, desculpe incomodá-la...

A senhora interrompeu as futuras explanações de Marcel;

- O que querem?

Diante do quadro que começava a se desenhar, Jacques achou melhor ir direto ao assunto;

- Sou sobrinho de Orlan. Viemos a sua procura e soubemos que faleceu. Se possível gostaria de saber a respeito.

A senhora mudou um pouco a feição embrutecida;

- Que entrem. Por fim algum parente.

Tirou da beira da saia um molhe de chaves, seleciona a maior e abriu o grande portão preto.

Marcel agradeceu;

- Obrigado. - E finalmente entrou com sua família na casa de número 32.

O medo

Jacques lembrava-se bem do clima sempre úmido de Bernay. O sol da manhã chegava sem força e quase sempre chovia. Aquele dia não era diferente. As grandes árvores escureciam mais o jardim amplo e mal cuidado. Tentaram olhar tudo o que podiam, enquanto a senhora se preparava para subir as escadas e abrir a porta da casa.

- Entrem. Sentem onde quiserem.

Jacques acomodou Renné e Allan em um sofá velho e espaçoso. Sentou-se em uma das três cadeiras que ficavam a frente.

A senhora sentou-se em uma grande poltrona vinho, cuidadosamente colocada entre uma grande imagem da Virgem Maria e de três cadeiras delicadamente decoradas.

A sala, como já era de se esperar, era grande e quase não tinha móveis. Os poucos que haviam eram antigos, porém, em bom estado.

As paredes eram escuras, mas limpas. Havia um quadro grande na parede, com a pintura do retrato de Orlan.

Marcel resolveu interromper o silêncio;

- Bem, sou Marcel, e estes são meus pais Jacques e Renné e meu irmão Allan.

A senhora, visivelmente mais relaxada, conseguiu observar com mais atenção à família de seu antigo patrão.

- Sou Claire.

Notando a postura mais amistosa de Claire, Marcel seguiu com o diálogo;

- Sei que deve achar estranho que depois de anos estejamos aqui, assim, sem prévio aviso. Viemos do litoral, a situação por lá está deveras complicada. A guerra chegou ao auge e temo pela segurança de minha família.

Jacques entrou na conversa;

- Foi então que me lembrei de meu tio Orlan. Então a ideia era ficarmos aqui até que as coisas voltassem ao normal. Por mais que meu tio tivesse um temperamento difícil, não me negaria este favor. Mas diante do ocorrido, confesso que não sei o que lhe dizer...

- Sim, senhora Claire, essa triste notícia nos pegou a todos de surpresa.

Claire respirou fundo, como que buscando palavras para expor suas ideias;

- Lamento pela situação de vocês. Por aqui as coisas não estão tão calmas, mas ainda podemos desfrutar da ilusão de que tudo está como antes. Bem, vou ser direta em relação à situação.

Jacques olhou para Renné e voltou o olhar para a senhora, aguardando por fim, o desfecho para seus problemas.

- Prossiga, Senhora Claire. - Marcel deixou a senhora iniciar o seu discurso.

- Trabalho para o Senhor Orlan há alguns anos. Uma década talvez. Cheguei aqui buscando emprego de porta em porta. Seu tio viu minha proposta de emprego cair como uma luva, pois a moça

que aqui estava já não cumpria sua obrigação como lhe era devido. Foi assim que comecei a cuidar da casa e dele também.

- A Senhora morava aqui?

- No início sim. Mas depois de um tempo, aluguei um quartinho aqui perto.

- E tem alguma razão especial para não querer ficar aqui? A casa é tão grande...

- Senhor Marcel, esta casa tem muitos problemas.

- Problemas? Que tipo de problemas?

Claire olhou para Allan e cochichou no ouvido de Marcel;

- Creio que seja melhor que sua mãe vá com a criança conhecer o restante da casa.

Marcel percebeu a gravidade da revelação a ser feita;

- Mamãe, vá com Allan para conhecer a casa. Ele não deve estar se aguentando de curiosidade.

Allan sorriu e foi levado por Renné para longe da sala.

- Do que se trata Senhora Claire?

A senhora começou seu relato a Marcel, observada por Jacques;

- Senhor Marcel, na primeira noite que dormi nesta casa, vi coisas que por muito tempo me fizeram duvidar de minha própria sanidade.

- Que coisas?

- Esta casa tem vida própria. Uma vida que desconhecemos de onde venha.

Marcel sorriu tentando conter sua reação;

- Desculpe Senhora Claire, não entendo...

- Pessoas Senhor Marcel... Pessoas vivem aqui, que não pertencem a este mundo.

- O que quer dizer?

- Pessoas caminham, mexem nas coisas, sussurram em nossos ouvidos...

Marcel olhou para o pai e voltou sua atenção para a senhora;

- E... Tio Orlan sabia disso?

- Sim. Sabia e convivia como se tudo fosse normal. Seu mundo não era mais o nosso. Vivia com eles, não conosco.

- Sim, entendo...

- Então resolvi vir, fazer meu trabalho e ir embora.

Marcel escutou com atenção, sem interferir.

- Quando estava doente, Senhor Orlan me pediu que cuidasse da casa quando ele se fosse, o que, por gratidão a ele, me comprometi a fazer. Mas agora que estão aqui, espero que possa transferir esta incumbência a vocês.

- Não pretende ficar?

- Aqui? Não Senhor Marcel. Sou grata ao Senhor Orlan por tudo, mas... Não poderei cumprir o que prometi.

- Mas... Senhora, já tem emprego? Como vai se sustentar e pagar o seu quarto? - Jacques perguntou interessado.

- Senhor, ele me deixou algumas economias, vou vivendo com elas até conseguir trabalho.

Marcel olhou em volta da casa e voltou a falar com a mulher;

- Senhora Claire, deve ficar aqui conosco. Nada lhe fará mal. reconsidere sua decisão.

- Eu agradeço Senhor Marcel, mas rezei dia e noite por uma solução, e vocês apareceram. Minhas preces foram ouvidas. Cuidem bem desta casa. Vosso tio tinha um grande carinho por ela.

Claire se levantou, ajeitou seu vestido e caminhou em direção às escadas;

- Juntarei minhas coisas.

Assim que Claire sumiu nas escadas, Jacques sentou-se ao lado de Marcel;

- O que foi isso?

- Pobre mulher. Não me parece nada bem.

- Não está bem? Está completamente louca!

- Não podemos deixá-la ir.

- Marcel, do jeito que ela está, é perigoso que ela fique entre nós. Se foi capaz de criar uma história destas, imagine o que não seria capaz de fazer?

Marcel recostou na velha cadeira;

- Parecia ser tão lúcida...

- Para você ver. Conheci muitos doidos assim. Conversavam normalmente, mas na verdade eram malucos de pedra. Tenho experiência nisso! Não devemos confiar.

Renné entrou na sala com Allan;

- Onde está a Senhora?

Jacques se levantou e foi ao encontro da mulher;

- Você não vai acreditar mulher, mas depois lhe conto com calma... O que achou da casa?

- É velha, mas de pé. Isso que importa. Mas... Estou preocupada Jacques, do que se trata? - E dirigiu-se a Marcel; - Filho, podemos ficar ou não?

Quando Marcel ensaiou iniciar as explicações, Claire desceu as escadas com duas malas.

Renné olhou para Marcel mais confusa do que estava.

- Bem Senhor Marcel, como disse, cuidem bem da casa de vosso tio.

Dirigiu-se a Allan e passou a mão pelo queixo do menino;

- Boa sorte criança.

- Senhora Claire, está segura de sua decisão?

- Sim, Senhor Marcel. Um bom dia para todos.

A Senhora se apressou em deixar a casa. Renné foi até a porta, recém-fechada pela mulher;

- Por que ela foi embora?

Jacques olhou a senhora se afastar pela janela da grande sala e se virou para responder à mulher;

- Esta Senhora Claire é louca. Completamente louca. Acredita que disse que tem pessoas de outro mundo nesta casa?

Marcel olhou para Jacques repreendendo-o sem palavras, ao levar os olhos na direção de Allan;

- Papai, não é bem assim.

Jacques percebeu sua precipitação;

- Ela inventa coisas... Mas a boa notícia é que nos deixou com a casa!

- Pessoas de outro mundo? - Allan se mostrou confuso e interessado.

- Coisas da cabeça dela Allan, nosso pai não disse nem metade das coisas que ela inventou. Nem mesmo você teria tanta imaginação.

- Ainda bem que foi embora!

Marcel abraçou o irmão;

- Sim, é verdade. Agora me mostre o que viu. Gostou da casa?

Marcel e Allan deixaram a sala, enquanto Renné segurou a mão de Jacques;

- Homem! Por Deus! Que história! Temos que fechar bem as portas e janelas... Afinal essa gente, nunca se sabe!

- Disse isso a Marcel. São perigosos! Tomaremos cuidado, não se preocupe. Agora temos um lugar para ficar, isso é o que importa. Vamos até o carro pegar algumas coisas.

- Deixe passar mais um tempo até que a senhora se afaste bem da casa.

Jacques sorriu;

- Ela já deve estar longe! Saiu daqui como o diabo foge da cruz.

- Valha-me Deus! Prefiro esperar. Venha, vou lhe mostrar a casa.

Jacques e Renné se abraçaram. O pesadelo, por fim, havia terminado.

Agora estavam seguros.

A moça no retrato

A tarde já começara a cair quando a família Burnier deu por finalizada a pequena mudança. As roupas devidamente guardadas, pequenos utensílios de cozinha nos armários e alguns objetos pessoais ainda espalhados pela casa.

A casa de Orlan era realmente grande. Os cômodos eram amplos, os tetos altos. A escada que levava ao segundo andar, onde ficavam os quartos, era de madeira escura, bem talhada. As janelas eram igualmente grandes, protegidas por grossas cortinas em tom de vinho.

A dispensa estava praticamente vazia. Exausta pelo dia cheio de relevantes acontecimentos, Renné sentou-se em uma das seis cadeiras que decoravam a cozinha;

- Estou morta! Minhas pernas vão explodir a qualquer momento!

Allan terminava de guardar alguns objetos quando resolveu sentar-se com sua mãe;

- Mãe, tem muitos quartos aqui. Será que eu posso ficar com um só pra mim?

Renné olhou o filho com desconfiança;

- Perdeu o medo de dormir sozinho?

- Acho que sim... Marcel pode ficar no quarto do lado, qualquer coisa eu o chamo.

- Qualquer coisa... Sei. Por mim não há problema. Termine logo isso, pois temos que comer alguma coisa ainda. Temos que dormir cedo, amanhã sairei em busca de uma escola para você.

- Não tem pressa mãe, estudo com o Marcel aqui em casa mesmo.

- Ah pois sim! Termine logo isso Allan e vá se acostumando com a ideia de voltar à escola.

Allan fez que não gostou nem um pouco da ideia e continuou seu trabalho com certa contrariedade diante do ultimato da mãe.

Marcel ajeitou suas roupas em seu novo quarto e ao colocar seus livros na pequena cabeceira, notou um antigo porta-retratos dourado com a foto de uma jovem.

Ele se sentou na beira da cama para olhar melhor.

As feições delicadas e o olhar doce daquela moça que aparentava seus vinte anos no máximo, chamaram a sua atenção.

Tentou tirar a foto do porta-retratos buscando alguma descrição, um nome, uma data, uma dedicatória... Com cuidado para não danificar a foto já em estado precário, conseguiu por fim, soltá-la e viu escrito em letras miúdas, quase apagadas:

“Com o amor de sempre, Charlotte.”

Virou a fotografia para observar melhor. Agora aquele rosto tinha um nome: Charlotte.

Para quem seria aquela pequena e tão sincera dedicatória?

Charlotte tinha os cabelos loiros e longos. Mesmo sem poder desfrutar das cores do retrato, era possível notar os olhos claros,

talvez, verdes, bem desenhados. Estava sentada em um banco pendurado por duas cordas. As mãos sobrepostas ao colo.

A imagem daquela moça, tão distante de sua realidade, mexeu com seu espírito profundamente.

Procurou pelas gavetas e prateleiras algo mais que o ligasse aquela imagem. Buscou sem sucesso até que chegou a uma pequena prateleira que ficava quase escondida, na parte baixa de um pequeno criado mudo ao fundo do quarto.

Encontrou ali, uma pequena caixa decorada com pequenas pedras brilhantes, de todas as cores. A caixa era de uma delicadeza ímpar; em sua mente, só poderia pertencer à moça do retrato.

Após admirar todo o adorno do pequeno objeto, abriu delicadamente seu precioso achado.

Sentiu um aroma de flores que inebriou todos os seus sentidos. De onde vinha aquele perfume? Olhou ao redor e fechou os olhos por alguns segundos para que aquele aroma o invadisse por completo.

Nunca havia sentido nada igual.

Era como se por alguns segundos, estivesse em um vasto campo de flores perfumadas.

Abriu os olhos como se estivesse acordando de um sonho longo.

Olhou para a caixa e não conseguia acreditar no que seus olhos viam.

Brincos pequenos, singelos, um anel de pedra azul e um bracelete dourado com pequenas pedras do mesmo azul do anel.

Tocou com cuidado cada peça até que por fim pegou delicadamente um dos brincos, o de pequenas estrelas prateadas.

Passou seu polegar pelos detalhes da joia e não podia deixar de imaginar que aqueles brincos poderiam ter pertencido a Charlotte.

Olhou mais uma vez para o anel e se voltou para a velha foto.

- Não pode ser!

O anel do pequeno porta-joias era o mesmo que Charlotte usava no retrato. O desenho singular, em formato arredondado com detalhes de pequenas pétalas de flor envolvendo a pedra azul.

Colocou a caixa sobre a cama e segurou o anel com cuidado.

O perfume ainda estava no quarto. Sentiu uma mistura de melancolia e felicidade. Algo que não sabia explicar.

Aos poucos o aroma delicado começava a sumir e Marcel guardou as joias, colocando a caixa dentro de seu armário, enrolado em uma de suas roupas.

Desceu apressado em busca de seu pai.

Olhou pela sala e observou pela janela, nenhum sinal de Jacques.

Foi para cozinha onde Renné preparava o que comer com o filho mais novo.

- Mãe, onde está meu pai?

- Acho está no jardim. Algum problema filho?

- Não, nenhum. E por aqui, tudo bem?

Allan se antecipou em responder;

- Marcel, mamãe deixou que eu fique em um quarto sozinho.

- Que bom! Basta saber se conseguirá ficar nele a noite toda!

- Foi exatamente o que disse! Se não conseguir, irá dormir naquela cabana do lado do lago!

Marcel sorriu com a expressão de surpresa de Allan diante da brincadeira da mãe.

- Vou buscar o pai.

Marcel caminhou até o grande jardim e notou que uma chuva fina começava a cair. Um vento frio soprava suavemente, anunciando a noite que começava a chegar.

Jacques estava na parte de trás da casa, cortando algumas lenhas.

- Pai, já esta tarde! Deixe isso para amanhã!

- Sua mãe pediu essas lenhas para cozinhar algo para nós. Já terminei. Aos poucos eu chego lá.

- Não tem mais idade para tanto esforço. Deixe que cuido disso amanhã. Vamos entrar.

Entram na casa e se sentaram no sofá quando Jacques largou seu corpo no encosto macio;

- Hoje dormirei como um bebê!

- Pai, tio Orlan era irmão do vovô, certo?

Jacques levantou a cabeça encostada para responder ao filho;

- Sim, ele era um dos quatro irmãos de seu avô Serge. O único que escolheu viver afastado.

- E por quê?

- Filho, seu avô contava que tio Orlan foi o último dos irmãos. Quando nasceu todos já estavam homens feitos. De todos, ele foi o único que recebeu uma educação privilegiada. Contava com a ajuda

dos outros irmãos, inclusive de papai. Ele gostava de estudar, isso ajudou muito. Ele conseguiu se destacar na área do Direito. Casou-se com uma mulher de família influente e desde então, se afastou da família.

Marcel ouvia tudo, atentamente.

- Seu avô foi o quem mais se sentiu com a distância. Não sabia quase nada do irmão e não buscava saber. As poucas vezes que eu o via, era quando um tio ou primo meu me levava para vê-lo. Eu particularmente me simpatizava com ele. Nossa diferença de idade não era muita e sempre notei certa afetividade da parte dele e da esposa para comigo.

- E viviam sozinhos, ele e a esposa?

- Tiveram uma filha, lembro-me dela. Uma boneca. Uma pena...

Marcel sentiu seu coração saltar. Encostou no sofá para retomar o fôlego e continuar seu inquérito.

- Por que uma pena?

- Uns quatro anos antes de você nascer, a filha de titio pegou a maldita gripe espanhola de 1918. Morreu, se não já tinha, iria completar vinte anos. Eu queria ter ficado mais perto de titio, mas... Seu avô ainda era vivo à época e fazia questão de manter quem pudesse, bem longe.

Marcel tentou disfarçar a emoção. Seus olhos, sem que notasse, encheram-se d'água. Levantou-se para se recompor, enquanto Jacques continuava com suas lembranças;

- Depois disso poucas vezes vim vê-los. A ele e a esposa. A última vez foi quando você tinha uns dez anos. Depois disso, só sabia dele por Andrés. Uma vez disse que titio havia ficado viúvo. Ele sempre vinha para as proximidades de Bernay e nos dava

notícias, mas por certo não sabia muita coisa... Tendo em vista que nem mesmo da morte de titio ele soube.

- Qual o nome da moça... Da filha de titio?

Jacques pensou por um momento, buscou em suas lembranças, alguns nomes vieram a mente...

- Catarina, Clhoe... Deixe-me ver...

- Charlotte, seria Charlotte?

- Charlotte! Sim! Nossa! Lembrei-me!

Marcel finalmente sabia quem era a moça do anel de pedra azul. Era a sua prima Charlotte.

- Onde ouviu esse nome?

Marcel não ouviu a pergunta de seu pai. Estava com o pensamento na foto, em Charlotte.

- Filho... Onde ouviu?

Jacques foi interrompido pela presença de Renné;

- Venham todos, preparei algo rápido até que comece a esquentar a lenha, devem estar famintos!

- Em boa hora! Venha filho, depois continuamos essa conversa!

Jacques seguiu Renné até a cozinha.

Marcel foi até a janela. Observou as plantas no jardim, Charlotte viveu ali. Em outro tempo, naquele mesmo lugar.

Observava a chuva que caía e a lua cheia no céu, por entre as árvores.

A noite estava só começando.

A reunião

Jacques terminava a ligeira refeição com sua família na mesa da cozinha, que ficava no canto direito de quem entrava nela. As cadeiras eram organizadamente dispostas uma ao lado da outra. As paredes eram em tom bege, mas escurecidas pelo tempo. Algumas velhas panelas faziam a decoração, penduradas por ganchos que acusavam debilidade avançada.

A chuva aumentava com o passar das horas, o vento assobiava nas velhas portas e janelas criando uma sinfonia de melancolia e acolhimento.

- Acho que não usarei as lenhas hoje, creio que esta refeição ligeira nos abastecerá por toda a noite. O que me dizem?

- Por mim, está ótimo. Dou-me por satisfeito. Quero me deitar e dormir como um anjo! - Desabafou Jacques, afastando o prato vazio sobre a mesa.

- Marcel, Allan... E quanto a vocês?

- Estou satisfeito, mãe. Também estou cansado.

- Tem alguma sobremesa?

- Não tive tempo de preparar nada, filho. Prometo que amanhã farei um bolo de chocolate só pra você.

- Está bem... - Allan respondeu desanimado.

- Vamos rapaz! Te levarei até seu quarto novo. - Marcel despediu-se de Jacques e Renné - Boa noite, durmam bem.

- Boa noite, filho. - Jacques e Renné beijaram Allan que saiu da cozinha com Marcel.

O quarto escolhido por Allan era arejado e de poucos móveis. O armário era pequeno, a cama simples. Poderia se dizer que era o quarto mais simples da casa.

- Ficar bem aqui sozinho?

- Sim, veja Marcel, a janela dá para o lago!

Marcel caminhou até a janela;

- Ah... Então por isso escolheu este quarto. Tem a vista mais bonita!

Allan sorriu.

- Daqui vejo a parte mais macabra deste jardim. Ficarei de olho em tudo.

- Não ficará não senhor. Tem que se deitar cedo.

Marcel beijou Allan e o esperou se deitar para deixar o quarto.

A chuva não dava trégua.

Marcel entrou no seu quarto, não da mesma forma que da primeira vez.

Olhava as paredes em sua volta, o chão, o teto, a janela... Tudo o levava até Charlotte.

"Por que não paro de pensar nisso?"

Foi em direção da janela para tentar organizar seus pensamentos.

Abriu uma parte da vidraça para sentir o vento em seu rosto. Algumas pequenas gotas da chuva molharam a sua face, fazendo o vento frio ficar ainda mais gelado.

Imaginou Charlotte correndo pelo jardim, imaginou como seria sua voz, de que gostava, o que pensava.

Abriu o armário e revirou a roupa em que havia guardado a caixa preciosa, mas sua ansiedade não permitiu que a encontrasse com a rapidez que seu coração pedia.

- Coloquei aqui, nesta blusa verde... Não entendo.

Buscou em outras roupas sem sucesso.

Fechou o armário e buscou na mesinha de cabeceira, junto ao retrato. Abriu as pequenas gavetas e quando já havia perdido as esperanças, andou pelo quarto sem entender o que poderia ter acontecido e então avistou a caixinha na prateleira abaixo do criado-mudo, onde ele a encontrou pela primeira vez.

- Não é possível. - Resmungou surpreso.

Sentou-se na cama e abriu seu pequeno tesouro. Tudo estava lá.

- Allan. Com certeza foi Allan. Vou esconder bem escondido. Não quero nem pensar em perder algo desta caixa.

Colocou seu pequeno tesouro dentro de uma bolsa que guardava pequenos pertences pessoais e a acomodou embaixo de seu armário.

Pegou um lençol e um grosso cobertor que trouxe de sua casa em Orne e ajeitou na cama de casal espaçosa.

Deitou-se e com a cabeça apoiada nos braços, de frente ao retrato de Charlotte.

"Estou ficando maluco...".

Todos já haviam se recolhido, cansados, exaustos. A casa estava silenciosa. Os quartos estavam iluminados somente pela luz

da lua cheia, que apesar das nuvens densas, insistia em entrar pelos cômodos.

Mas a aparente tranquilidade nos quartos dos novos moradores escondia uma tumultuada conferência na grande sala de estar.

A atmosfera era densa e apesar das cortinas entre abertas, a escuridão prevalecia.

Nos caibros do teto que ia da entrada até o grande corredor que dava para cozinha, pendurava-se com maestria um homenzinho de no máximo um metro e vinte de altura. Tinha perícia em pendurar-se e enrolar-se sem cair. Os pés eram como guizos pontiagudos, virados para cima. A cabeça era desproporcionalmente oval e contrastava com o corpo franzino e maltrapilho. O homenzinho pendurava-se e girava, repetindo a mesma frase;

- Hoje vai ter festa na casa. Hoje vai ter festa na casa. Hoje vai ter festa na casa.

Sua voz fina e histérica só foi interrompida quando uma mulher de aspecto muito rude gritou do sofá onde estava sentada:

- Cale-se verme! Estou tentando escutar as ordens!

A mulher tinha a pele negra, os cabelos bem curtos, dava para notar as feridas em seu couro cabeludo. Não tinha dentes, e seus olhos eram grandes e vivazes, negros como a noite. As sobrancelhas eram grossas, quase brancas. Ela olhava fixamente para o corredor escuro e dizia;

- Preciso escutar as ordens!

Sua voz grossa ecoava até a cozinha, onde uma senhora de aspecto muito magro, esperava sentada por alguém que não tardaria em chegar.

De repente surgiu na sala um homem muito alto, de pele visivelmente pálida, enrugada. Ele não era velho, mas sua pele tinha

algo escamoso, que causaria asco na pessoa de estômago mais forte.

O barulho em sua volta era ensurdecedor. Gemidos, uivos, choro, risadas.

O homem trazia um pequeno cajado em sua mão direita. O corpo era curvado. As pernas muito finas, os joelhos ossudos. Os cabelos, de um ruivo intenso, eram como palha, esticado até os ombros.

Bateu o cajado no chão da sala e logo foi rodeado por um grupo de maltrapilhos chorosos que agarravam seus pedaços de roupa, como se implorassem por algo de extrema urgência.

Ajoelhavam-se e choravam. O homenzinho prontamente desceu do caibro e se juntou aos outros. Assim como a senhora negra que se levantou quando viu a figura bizarra se aproximar.

O homem ruivo afastou os pedintes com fúria;

- Seus problemas apenas começaram! Já viram quem repousa naqueles quartos?

O homenzinho não tardou em responder;

- Senhor, isto vai ser fácil para nós!

Uma jovem de cabelo em desalinho e voz chorosa emendou;

- Sim! Sim! Faremos tudo certo! Confie em nós!

O homem olhou diretamente nos olhos da jovem;

- Sabe bem que não pode mais falhar comigo!

A jovem caiu em pranto copioso;

- Não falharei!

- Assim espero, ou quer voltar para seu castigo?

- Não! Não! Imploro-te!

- Solte-me! Já está avisada! Todos estão! Agora a família toda está aqui! Melhor assim! Minha vingança será completa! Que venham mais deles!

O homem soltou uma gargalhada assombrosa, maléfica, intimidadora.

Seguiu em direção à cozinha e se dirigiu à senhora esquelética que se sentava em uma das seis cadeiras;

- Como ela está hoje? Calminha?

- Sim. Está calma, senhor.

- Continue vigiando bem.

- Sim, senhor.

- Agora vou fazer uma visitinha aos nossos novos hóspedes.

- Sim Sr. Aldráz.

O homem ruivo e intimidador tinha um nome. E um propósito.

Subiu as escadas suavemente sem tirar os olhos dos que permaneceram no chão da sala, observando os movimentos de seu senhor.

O homenzinho montou no ombro de Aldráz e foi até o quarto recepcionar os parentes de Orlan.

O primeiro quarto era o de Jacques e Renné, que ficava tão logo o guarda-corpo da escada acabava.

Aldráz entrou no quarto enquanto seu companheiro correu pelo chão como se buscasse o cheiro de algo. Correu toda a habitação andando como um animal de quatro patas, mas com certa velocidade.

Chegou até a cama do casal, que dormia sem imaginar o que se passava em sua recamara.

Aldráz observava as feições de Jacques enquanto o pequeno homem se apoiava nos pés de Renné, que estavam descobertos e com os dedos virados para cima. Apoiado, ele esticava sua enorme cabeça até as canelas de Renné, como se testasse o seu faro.

Aldráz cochichava no ouvido de Jacques com malícia;

- Tem as feições do outro. Veja a cara da ratazana.

- Quer que eu os chame até aqui?

- Hoje não. Amanhã chamaremos esses trastes para nossa festinha.

Deixaram o quarto enquanto Renné se revirava na cama.

Passaram pelo quarto de Marcel e o homenzinho olhou para Aldráz, com cuidado;

- Entramos?

Aldráz olhou com olhar de fúria.

- Por hora não.

Seguiu com passos firmes para o quarto de Allan;

- Deixe esse pra mim! Deixe esse pra mim, senhor!

- Cala-te Brás! Fará o que eu mandar! Você cuida do casal. Hermínia cuida deste aqui.

Aldráz virou-se e se deparou com Allan, desdobrado, se aproximando de sua cama para voltar ao seu pequeno corpo.

- Por favor! Só desta vez! - Brás dá uma risada maliciosa. - O deixe comigo só um pouquinho...

- Só por hoje! Não demore, precisamos manter guarda lá embaixo.

Aldráz sai do quarto deixando Brás, o homenzinho, à vontade com Allan.

Antes que o menino fosse definitivamente atraído pelo seu corpo de carne, Brás o pegou pela mão e aproximou seu rosto ao do menino, olhando-o de frente;

- Ei menino! Menino! Vire esse olho para mim. Vou levar você e você não vai fazer nada.

Allan olhou para Brás com expressão de terror, tentou soltar sua mão da dele, mas os longos e finos dedos do homenzinho seguravam seus pulsos com força.

- Para a cabana não! Para a cabana não! - Allan gritava com pavor.

- Levo você para onde eu quiser!

Brás segurou os braços de Allan com seus pés e seguiu para o lago.

O corpo físico de Allan repousava entre os lençóis com visível expressão de desconforto.

Brás seguiu com Allan desdobrado para a cabana, ao se aproximar do lago, se aproximou novamente de seu rosto amedrontado;

- Segue! Vai! Entra no lago! Verá o que te espera lá embaixo!

Allan gritava e chorava;

- Chegue perto, deixe que te puxem pelos pés! Eu ajudarei a te afundar sem piedade!

De repente, uma força, como um ímã, puxou Allan para dentro da casa.

Brás observa decepcionado;

- Maldito! Livrou-se desta vez!

Os gritos de Allan ecoaram pela casa;

- Socorro! Marcel! Marcel!

Marcel acordou com os gritos do irmão e correu para socorrê-lo.

Ao chegar ao quarto, viu Allan suado e transtornado;

- Calma rapaz! Teve um pesadelo, só isso!

- Não quero mais dormir aqui!

- Se acalma! Vamos até a cozinha beber água e você dorme comigo em meu quarto, vamos.

Marcel desceu as escadas de mãos dadas com Allan, ainda trêmulo.

Eram observados por Aldráz, que de braços cruzados, se apoiou na parede da sala, no final da escada.

Todos cochichavam entre si e correram para observar os irmãos, que, sem se darem conta, tinham os passos seguidos por Brás, que os acompanhava pelos caibros da sala.

Chegaram até a cozinha acompanhados, como se estivessem sendo escoltados.

Marcel deu o copo de água ao irmão;

- Ainda está com as mãos frias! Se acalme! Já acabou, foi um sonho ruim.

Allan bebeu a água e subiu com o irmão.

Brás insinuou subir as escadas. Aldráz o impediu;

- Não- não. Ficarão no quarto da protegida. Perdeu sua chance. Fique aqui de guarda. Seu trabalho começa amanhã com o casal.

No quarto, Marcelo abraçou Allan;

- Esquece isso, pense em coisas boas e dormirá rapidamente.

Allan segurou a mão do irmão e fechou seus olhos.

Marcel continuou;

- Amanhã será outro dia, tudo será diferente.

A velha cabana

A Terça-feira amanheceu chuvosa em Bernay. A casa de Orlan ficava em uma rua tranquila. De pouca a quase nenhuma movimentação. A maioria dos vizinhos eram idosos, saiam pouco de suas casas.

Quando a chuva vinha para ficar, como naquele dia, a impressão era a de que aquela era uma rua abandonada.

Naquela Terça-feira em especial, fazia muito frio e o que se ouvia, era apenas o som da chuva fina caindo sobre as folhas das árvores e sobre o chão úmido.

Os planos de Renné de acordar cedo não deram certo. Despertou em um impulso e rapidamente olhou seu relógio de pulso que ela havia deixado na mesinha ao lado da cama. O relógio marcava 08h15minh.

- Por Deus! Essa hora já tinha que estar na rua!

Virou-se para Jacques que dormia profundamente;

- Jacques! Acorde! Temos muito que fazer hoje!

Percebendo que Jacques virou-se para o outro lado, sacudiu seu ombro até que seu marido demonstrasse algum sinal de que havia despertado.

- Ande homem! Deixe de moleza!

Jacques abriu os olhos com dificuldade;

- Mulher! Deixe-me dormir mais um pouco! Tive uma noite horrível!

- Pois eu também! Acho que estranhamos a casa.

- Não, não! Não deveríamos ter comido antes de dormir.

- Não comemos nada pesado Jacques! Estranhamos a casa. Essa noite será melhor. Vamos! Vá comprar pão e leite enquanto ajeito a cozinha.

Jacques sentou-se na beira da cama e pensou na noite tumultuada que teve. Não tinha nenhuma lembrança concreta, mas trouxe consigo ao acordar um aperto no peito que não sabia explicar.

Era como se não tivesse dormido. Estava cansado, angustiado, exausto.

Renné foi até o quarto de Allan antes de descer para a cozinha e viu a cama do menino vazia;

- Dormir sozinho... Pois sim!

Entrou calmamente no quarto de Marcel e viu os dois irmãos dormindo abraçados.

Sorriu e ajeitou as cobertas.

A casa estava fria, quieta. A sala recebia a luz do sol por entre as nuvens. Fraco, tímido. Sem força.

Renné desceu as escadas e se dirigiu à cozinha.

Passou pela senhora sentada na cadeira, sem se dar conta. Buscou uma toalha, a jogou sobre a mesa, esticando com as mãos as partes mais amarrotadas. Buscou as xícaras e o bule. Estava sendo observada em todos os seus gestos.

- Mulher, volto já. - Jacques fez o anúncio da porta da cozinha.

- Não demore.

A velha senhora observou a movimentação de Jacques para a rua. Levantou-se calmamente da cadeira e o seguiu. Deixando Renné só na cozinha, com o suspiro de uma repentina leveza.

Jacques e a senhora saíram da casa. Caminham pelo jardim e ao chegar à metade do caminho, a senhora interrompeu a sua marcha, deixando Jacques seguir só.

Suavemente se moveu para o lado do lago. Aproximou-se da pequena cabana e sentou-se na porta do velho casebre.

Para Marcel o despertar foi bem diferente. Sentiu um bem estar que a muito não lhe visitava.

Calmamente afastou Allan de seu braço, o colocando do outro lado da cama.

Levantou-se e foi para a janela. Lembrou-se de Charlotte. Já estava se acostumando a tê-la em seus pensamentos. Olhava para o céu nublado e um sentimento de profunda tristeza tomava conta do seu coração. Queria olhar para ela, falar com ela, mas sabia que isso jamais seria possível.

Sem notar, buscou o retrato da moça que começava a roubar a sua paz.

Sentou-se na cama e olhou para Charlotte, mais uma vez.

Buscava entender a razão de seu encantamento por aquela moça, tão distante da sua realidade.

Acariciou os longos cabelos loiros e sentiu naquele olhar a cumplicidade que não havia sentido com mais ninguém, até ali.

Ao colocar o retrato de volta em seu lugar, notou o anel de pedra azul no canto da mesinha.

Pegou o anel e olhou para Allan dormindo.

"Será que ele achou a caixa?"

Olhou para o retrato de Charlotte;

- É você? Me diz que foi você... Dá-me outro sinal...

Agarrou o anel com todo o seu coração e o colocou embaixo de seu travesseiro.

-Você vai ficar aqui comigo.

O perfume de rosas voltou a preencher todo o quarto.

"Aquele perfume de novo...".

Fechou os olhos e deitou-se novamente.

- Por que eu sinto você tão perto de mim?

Marcel adormeceu com o aroma das flores e o pensamento em Charlotte.

Jacques voltou para a sua rua com o pão e o leite para o café da manhã da sua família. Quando passou pela casa de dona Gertrudes, a encontrou sentada em seu pequeno quintal.

Resolveu parar e cumprimentar a mulher;

- Bom dia Senhora.

Gertrudes cerrou os olhos para enxergar melhor.

- Sou o Sr. Jacques, sobrinho do Senhor Orlan. Falamo-nos ontem.

- Ah sim. Bom dia. E então, encontrou o que queria?

- Sim. Ficaremos aqui na casa por enquanto.

- Ficarão?

- Sim. Já acertamos tudo com a Senhora Claire.

- Ela ficará com vocês?

- Não. Preferiu ir embora.

Gertrudes sorriu;

- Ela nunca gostou desta casa.

- Desculpe, não entendi.

- Ela nunca gostou de morar nesta casa. Desde que Orlan morreu foi um suplício para ela ter que dormir lá.

- Ela lhe contou as histórias de pessoas do outro mundo também, por certo.

- Ah, Sim senhor. O senhor não acredita?

Jacques pensou antes de responder. Não queria causar má impressão e nem parecer grosseiro, mas resolveu ser sincero;

- Não acredito nestas coisas Senhora Gertrudes.

Gertrudes olhou seriamente para Jacques por um momento;

- Senhor Jacques... Há muitos mistérios entre a Terra e o céu.

Jacques sorriu; - Pode ser... Imagino meu tio ouvindo estas histórias...

- Seu tio acreditava Senhor Jacques. Sobretudo depois da tragédia com a esposa.

Jacques se surpreendeu com a revelação e se aproximou do portão da velha senhora;

- De que tragédia fala?

- Ora! Do suicídio da Senhora Rose. Orlan nunca se recuperou.

- Suicídio? Quando foi isso?

- Quando vim para cá já tinha ocorrido. Claire me disse que foi um pouco antes dela chegar aqui. Deve ter sido em 1930, 1931... Não sei ao certo.

- A última vez que visitei titio foi por volta de 1932, sei por que Marcel tinha uns dez anos. E Rose ainda estava lá.

- Talvez tenha sido neste ano.

- Que tragédia... Não fazia ideia. Pobre do titio.

- Essa casa é cheia de lembranças tristes, Senhor Jacques.

- Sim. Mas são apenas lembranças.

Gertrudes sorriu para novo morador;

- Sim... Apenas lembranças.

- Vou andando. Tenha um bom dia Senhora Gertrudes.

Gertrudes cumprimentou com a cabeça e o sorriso nos lábios.

O caminho até sua casa parecia mais longo desta vez.

' Suicídio! E titio aqui sozinho. Quanta tristeza para uma só família!'

Jacques buscou a lembrança de Rose em sua mente. Era uma mulher agradável, muito educada, com cabelos muito negros e lisos. Lembrou-se do esforço que fazia na última visita de Jacques, para não transparecer a tristeza que carregava desde a morte da filha.

Entrou em sua casa ainda abalado com a notícia.

Ao passar pelo jardim tranquilo, não imaginava que ao lado, na pequena cabana do lago, algo acontecia.

Um choro forte, sentido, vinha de dentro da pequena choupana, o que deixava a velha senhora sentada à porta, nervosa e aflita.

- Cale-se! Cale-se! Mantêm esta boca fechada! Quero silêncio! - A velha senhora gritava com energia, mas o choro não cessava.

- Minha filha! Minha filha! Preciso sair!

Quanto mais Jacques se aproximava, mais inquieto se tornava o pranto, até que Jacques cruzou o jardim e entrou na casa, sem notar a mulher de longos cabelos negros que chorava com as mãos na janela improvisada da velha cabana triste.

- Homem! Que demora! Onde foi buscar este pão?

- Não muito longe, parei para conversar com a Senhora Gertrudes.

Enquanto isso, Marcel descia as escadas com Allan e entrou na cozinha;

- Bom dia a todos.

- Bom dia filho, já são quase 10h30minh, nunca dormiram tanto!

- Verdade mãe, mas eu já havia acordado, deitei um pouco e peguei no sono de novo.

- Normal, estávamos todos cansados. - E se dirigiu ao marido; - E então, Jacques, sobre o que conversaram?

- Não imagina o que descobri. A Tia Rose, esposa do titio, se suicidou.

Renné fez expressão de surpresa;

- Não me diga!

Na cabana, Rose sentia seu coração doer mais forte, como se recebesse dardos apontados diretamente para ela. Não conseguia escapar. Sentou-se no fundo do velho casebre e com as mãos na cabeça, gritava, sendo ouvida somente pela anciã que continuava de guarda;

- Não quero ficar! Não quero ficar! Onde estão os remédios! Meus remédios!

A conversa continuava na cozinha, sem imaginarem o que ocorria do lado de fora da casa.

- Dever ter sido demais para ela ter perdido a filha. - Renné falou em tom sentido.

Marcel olhou para a mãe compartilhando seu pesar.

- O que vocês encontrarem de objetos pessoais de Charlotte ou de Rose, peço que me entreguem, por favor. Vou guardar em local separado em meu quarto.

- Sim filho. É o correto a fazer. - Jacques tocou no braço do filho em um gesto cúmplice.

Renné resolveu mudar o clima pesado da conversa;

- Jacques, adivinha quem não conseguiu dormir sozinho esta noite?

- Não me diga!

Allan se defendeu;

- Eu tive um pesadelo! Pergunte a Marcel!

- Sim. É verdade! Acordei com os gritos dele, não sei como não acordaram.

- Eu e seu pai estávamos exaustos. Mas senhor Allan, como prometido, dormirá hoje na cabana do lago.

Allan largou a sua xícara sobre o pires e afastou sua cadeira em um gesto impensado de pavor;

- Nunca! Não quero ir para lá!

Todos se surpreenderam com a reação do menino.

- O que é isso rapaz! A mãe está brincando!

- Filho, o que é isso? Sua mãe não faria isso!

- Allan, o que houve? Estou brincando com você!

Allan não conseguiu conter o pranto;

- Marcel, não quero ir para lá!

- Se acalme rapaz! - Marcel abraçou Allan e olhou preocupado para seus pais;

- A guerra, os ataques, a mudança... Tudo isso está sendo demais para todos. Isso tudo vai passar. Essa noite será muito melhor.

Allan não conseguiu conter o choro. Escondeu o rosto nos braços do irmão, tentando controlar o soluço que vinha entre as

lágrimas.

Jacques olhou para Marcel e se lembra das histórias da Senhora Claire;

- Sim. Espero que essa noite seja melhor.

O encontro

O dia na nova casa da família Burnier seguia seu curso. Como havia dito, Renné foi à procura de escolas pelas redondezas. Não foi fácil. A escola mais próxima ficava a quarenta minutos da casa.

Não era do mesmo padrão da antiga escola de Allan, mas atendia ao propósito desejado.

Na volta, passou no mercadinho da esquina para comprar alguns itens que faltavam.

Veio caminhando calmamente pelas ruas de Bernay, olhava as casas, as pessoas... Mas não conseguia deixar de pensar na estranha reação que Allan teve no café da manhã.

Imaginou que talvez Marcel estivesse certo e que a toda a tensão que viveram em Orne e a inevitável mudança tenham abalado seu filho muito mais do que imaginava.

Marcel havia se formado há poucos meses. Era professor de Literatura e pensou em sair em busca de algumas escolas para lecionar.

Saiu logo depois do café e voltou no final da tarde com algumas promessas.

Conversou com alguns moradores das ruas próximas e se ofereceu para dar aulas particulares. Precisava ajudar seu pai com

as despesas. A aposentadoria de Jacques era suficiente para cobrir os gastos da família, mas Marcel fazia questão de colaborar.

Mesmo antes de se formar, já ajudava com o dinheiro que ganhava trabalhando como ajudante na redação de um jornal de um amigo da família.

Jacques ficou em casa com Allan. Aproveitou para concertar portas, armários e tudo o que o tempo havia danificado.

Allan ficou na sala, desenhando. Tentava esquecer a noite anterior. Mas entre um pensamento e outro, a sensação ruim voltava.

Rose por sua vez, já havia se acalmado. Permaneceu no canto escuro da cabana, encolhida, com a cabeça baixa.

A senhora resolveu entrar para se certificar do estado de sua prisioneira;

- Se acalmou?

Rose não tinha forças para responder.

- Ei! Falo com você!

Com muito esforço, Rose levantou a cabeça e olho para seu algoz;

- Preciso descansar! Sinto dores!

- Descansar nada! Que descansar? Você aqui não pede nada!

- Minha filha! Minha filha!

- Sua filha não vem! Você não vai mais ver sua filha! Nunca mais!

Em aparente descontrole, Rose caiu em prantos novamente;

- Meus remédios! Dê-me meus remédios!

- Já disse para ficar quieta! Prefere voltar para a companhia dos outros?

- Meus remédios! Meus remédios!

- Suicida maldita! Não tem o direito de chorar!

A senhora deixou Rose em prantos, sem força, estirada no chão e voltou para seu posto de guarda. Ao olhar para a casa, percebeu Charlotte na entrada principal.

Charlotte se aproximou do casebre, causando enorme desconforto à anciã guardiã, que falava timidamente;

- Afaste-se! Não se aproxime mais!

Charlotte olhava fixamente dentro dos olhos da senhora, que cada vez mais se afastava.

Quando se aproximou da porta da cabana, a senhora se afastou e correu para o outro lado do lago, resmungando em voz baixa;

- O chefe saberá disso!

Charlotte entrou na cabana e sentiu seu coração se despedaçar ao ver o estado de sua mãe. Ajoelhou-se diante dela sem ser notada;

- Meus remédios! Meus remédios! – Rose gritava alucinada.

Charlotte chorava com Rose, e suavemente passou a mão nos cabelos de sua mãe;

- Mamãe estou aqui... Por que não consegue me ver ou me ouvir?

Rose não ouvia Charlotte, mas seu desespero parecia ter cessado. Como por encanto. Seu choro foi dando lugar ao silêncio.

- Mamãe... Não precisa ficar aqui...

À medida que acariciava os cabelos de Rose, Charlotte lhe transmitia a paz que ela desconhecia já fazia algum tempo. Principalmente depois que, em um ato impensado de desespero, tomou todos os remédios que o médico havia receitado para melhorar seu estado de ânimo, e morreu, com o coração partido e a alma desassossegada.

De repente, Rose entrou em uma espécie de sono profundo e Charlotte a beijou sem pressa;

- Não está sozinha, mãe. Estarei sempre aqui.

Charlotte deixou a cabana sob o olhar distante da senhora, que voltava ao seu lugar, ao perceber que estava só com a prisioneira novamente.

Enquanto Charlotte se afastava, a senhora resmungava;

- Não vai libertá-la, ouviu bem! Nunca vai libertá-la!

A tarde já começava a se despedir e os primeiros sinais da noite começavam a despontar no céu cinzento.

Na sala, Marcel conversava com seus pais sobre as escolas que havia visitava em busca de emprego, quando Charlotte entrou na casa.

Passou por todos sem ser notada e parou ao lado de Marcel que se sentava na ponta do sofá. Marcel mantinha uma mão no colo e a outra apoiada no braço do grande móvel. Charlotte passou sua mão suavemente pela mão em que ele se apoiava.

Depois acariciou seu rosto. Marcel ouvia atento os relatos de sua mãe e sentiu uma sensação de sossego e bem-estar que o fez recostar a cabeça.

Charlotte olhava para seu rosto com admiração.

Depois de um tempo, saiu da sala e subiu as escadas suavemente.

Chegou até seu antigo quarto, agora ocupado por Marcel. Sentou-se na antiga cama e fechou os olhos;

“Preciso de forças para ajudar a minha mãe e a essas pessoas. Pai... Onde o senhor está? Preciso tanto de ajuda!”

Emocionada com sua situação, deixou uma lágrima cair.

Sua atenção se voltou para a porta do quarto, quando notou que Marcel se aproximava.

O rapaz entrou no quarto e como de costume, foi até a janela. Marcel não sabia, mas estava sendo observado por Charlotte, com carinho.

Marcel virou-se e seguiu em direção à cama. Se sentou ao lado de Charlotte, que em um impulso, segurou sua mão.

- “Eu queria tanto que você me visse...”.

Marcel sentiu novamente o perfume de flores;

- Charlotte...

Charlotte respondeu, mesmo sabendo que não podia ser ouvida;

- Sim. Sou eu...

- Se for você, me de um sinal.

Charlotte deitou sua cabeça no colo de Marcel;

- Não sei como fazer isso.

- É tão estranho. Sinto como se ainda vivesse nessa casa, sinto seu cheiro, sua presença. Isso tudo é real?

- É real... queria tanto conversar com você. Não sabe o quanto.

Sem que se desse conta, Marcel deixava uma lágrima discreta cair;

- O que está acontecendo comigo?

Charlotte voltou o olhar para Marcel e se emocionou ao ver suas lágrimas. Passou a mão em seu rosto como se quisesse enxugá-las;

- Estou aqui, Marcel.

Marcel buscou o anel que deixou embaixo de seu travesseiro, o segurou com firmeza e se deitou, sem tirar os olhos do retrato.

Charlotte se deitou ao seu lado. O abraçando.

- Consegue me sentir ao seu lado?

Marcel sentiu o perfume cada vez mais forte;

- Posso sentir você...

Charlotte sorriu emocionada;

Os dois fecharam os olhos quase ao mesmo tempo. Nada mais existia. O tempo, a morte, o corpo... Só havia vida e amor.

A noite invadiu o quarto e Marcel caiu no sono.

Depois de algum tempo, Marcel deixou o corpo físico e seguiu em direção à janela. Charlotte olhava emocionada.

- Marcel... Vire-se, olhe para mim.

Marcel se virou calmamente e finalmente, conseguiu ver Charlotte.

Os dois se aproximaram e Marcel, emocionado, passou a mão por seu rosto;

- É você?

Charlotte acarinhou o rosto de Marcel;

- Sim...

Marcel olhou cada detalhe do rosto de Charlotte. Estava encantado. Os olhos, verdes como imaginava, A boca, os longos cabelos loiros... segurou suas mãos e as colocou na direção de seu coração, sorrindo;

- Está sentindo?

Charlotte assentiu com a cabeça.

Marcel olhou em seus olhos;

- É por você.

Marcel apertou as mãos de Charlotte contra seu peito.

- Quero ficar aqui com você.

- Estarei sempre aqui. Eu prometo.

- Mas não consigo ver você.

- Você é especial. Sei que um dia conseguirá me ver quando estiver desperto.

Marcel abraçou Charlotte. Fechou os olhos para que seu perfume penetrasse em seus sentidos.

Charlotte deitou a cabeça no ombro de Marcel.

- Preciso ir, Marcel.

- Não! Fica mais um pouco.
- Não posso.
- Por quê?
- Um dia explicarei pra você. Mas não agora, não há tempo.
- Quando vou te ver de novo?
- Quando acordar estarei com você, quando se deitar também. E sempre que pensar em mim.

Marcel sorriu e Charlotte beijou sua mão;

- Feche os olhos, não pense em nada agora. Vamos sair da casa juntos e depois nos separamos.

Marcel aproximou seu rosto ao rosto de Charlotte e encostou os seus lábios em sua fronte.

- Você é linda.

Charlotte sorriu com ternura.

A noite estava iluminada. Apesar do frio, apesar da chuva que caía, apesar das nuvens.

Marcel e Charlotte haviam se encontrado.

A ajuda

A noite seguia na casa 32. Marcel dormia com o anel de pedra azul em suas mãos, quando foi despertado por Allan;

- Marcel, Marcel, acorda!

Marcel abriu os olhos com dificuldade. Parecia que pesavam uma tonelada.

- Acorda Marcel! – Allan insistiu.

- Estou acordado...

Marcel se espreguiçou cerrando os olhos;

- Que horas são?

- Não sei, deve ser umas oito horas. Mamãe quer saber se você vai jantar.

Marcel sentou na beira da cama e colocou o anel embaixo do travesseiro;

- Não... Eu faço alguma coisa leve antes de dormir.

- Que anel é esse?

- Como assim que anel é esse? Sabe muito bem!

- Não sei não!

Marcel olhou para Allan com malícia;

- Então não abriu o porta-joias?

Allan fez uma rápida expressão de surpresa;

- Que porta-joias?

Marcel conhecia o irmão, sabia quando mentia. E aquele não era o caso.

- Um porta-joias de pedrinhas coloridas. Nunca viu?

- Não! Eu juro!

Marcel olhou para o irmão, sem falar nada por um tempo;

- Está bem. Vá jantar você.

- Hoje dormirei aqui.

- Por mim tudo bem, mas tem certeza que já quer desistir assim, rápido?

- Acho que sim.

- Rapaz, foi só um pesadelo, eu tenho também, às vezes. Temos que enfrentar nossos medos. Está desistindo muito rápido.

Allan sentou ao lado de Marcel, pensativo;

- E se eu tiver de novo?

- Você me chama de novo. Simples!

- Hum... Está bem. Vou tentar dormir sozinho, mas preste atenção caso eu te chame!

Marcel sorriu para o irmão;

- Claro! Confie em mim! Agora vá comer!

Allan saiu do quarto, deixando Marcel sozinho com seus pensamentos. Olhou para o retrato de Charlotte e teve a certeza de que havia sonhado com ela, apesar de não se lembrar de imagens claras. Tentou trazer alguma lembrança de sua mente e só conseguiu lembrar-se das palavras:

“Quando acordar estarei com você, quando se deitar também. E sempre que pensar em mim.”

- Charlotte...

Sentiu seu coração bater aliviado, tranquilo, feliz. Não sabia explicar como, mas sabia que esteve com ela, E sabia que estaria novamente.

Enquanto isso, Jacques, Renné e Allan jantavam sob o olhar vigilante de Brás.

O homenzinho estava sentado junto à porta. Tinha as pernas dobradas e curvava seu corpo abraçando seus joelhos pontiagudos.

- Hoje não vou comer muito. Quero dormir bem a noite toda.
– Jacques conversava com tranquilidade.

- Ninguém terá pesadelos aqui hoje, já estamos mais habituados a casa, não é Allan?

- Sim, vou dormir no meu quarto sozinho de novo.

- Que boa notícia!

Brás se levantou e se moveu rapidamente até Renné, chegou perto de seu ouvido e sussurrou, com os olhos em Jacques;

- O coloque para cuidar do menino! Ele não faz nada! Não ajuda em nada! Veja como zomba de você! Olha pra ele! Olha! Olha!

Renné virou-se para o marido e disse em tom altivo;

- Se você não dormisse tão pesado, poderia ter ouvido seu filho gritando ontem à noite.

- De que fala, mulher? Você também não acordou com os gritos dele!

- Claro que não! Tinha trabalhado todo o dia, estava exausta!

Jacques soltou o garfo em seu prato com rigidez;

- E eu não?

Brás seguiu soprando ideias no ouvido de Renné;

- Ele quer que faça tudo sozinha, veja a cara de vagabundo que tem!

- Você? Faz-me rir! Deixa tudo para depois e eu acabo fazendo o que você deveria ter feito!

Jacques se irritou com as acusações da mulher, levantou-se e jogou o prato sobre a pia;

- Ora era o que me faltava! Vou para o meu quarto que é o que faço de melhor!

- Isso! Vá dormir! É mesmo o que faz de melhor!

Jacques se retirou da cozinha visivelmente contrariado.

Brás soltou uma gargalhada histérica e seguiu Jacques, engatinhando pelas escadas ao lado de sua vítima.

Na cozinha, Renné desabafou com Allan;

- Veja você, dá para entender o seu pai? Uma hora está bem e outra está com este humor!

Allan olhou para Renné, sem saber o que responder;

- Vá para seu quarto filho, amanhã iremos conhecer a escola nova. Te acordarei muito cedo.

Allan beijou sua mãe que sorriu, ainda alterada pela discussão repentina.

Allan entrou em seu quarto com cuidado, sem notar a presença de Hermínia sentada em sua cama.

Hermínia havia deixado a vida física de forma cruel. Durante sua vida na carne, havia se perdido pelos caminhos da prostituição para cuidar dos dois filhos, abandonados pelo pai, sem nenhum recurso.

Perdeu seus filhos para a gripe espanhola e viu sua situação piorar drasticamente. Sem esperanças, passou a cometer vários crimes, até que também foi cometida pela gripe e morreu sozinha, em uma esquina das ruas escuras de Paris.

Sofreu durante muitos anos em regiões inferiores, até que se uniu a Aldráz, que a escravizava mentalmente em troca de favores particulares de diversos fins.

Sua condição mental era deplorável. Sentia culpa e horror dos atos que havia cometido. Achava-se digna do modo como vivia com Aldráz e seus demais companheiros de infortúnio.

Sua aparência era triste e perturbadora. Os cabelos de aspecto sujo em desalinho caíam sobre a face roxeada pela constante falta de ar que pensava ainda sentir.

Hermínia havia recebido a incumbência de "cuidar" de Allan. E assim o faria.

Assim que Allan sentou em sua cama para ler suas revistas, sentiu um aperto no peito. Abriu os primeiros botões da camisa para respirar melhor.

Pensou que poderia abrir a janela, mas ao se aproximar, viu o lago e a cabana, o que fez com que mudasse de ideia de pronto.

Voltou para a cama e colocou dois travesseiros juntos para que, ficando com a cabeça mais alta, pudesse respirar melhor.

- Não quero sentir medo. Vou ficar bem, vou ficar bem.

Allan repetia as palavras em voz alta, fazendo com que Hermínia parasse para ouvi-lo.

Olhou para o menino com mais atenção e lembrou-se de seu filho mais velho. Chorou com tristeza;

- Por que tiraram meus filhos de mim? Por quê? Agora não tenho ninguém!

Allan pulou para fora da cama em um salto. Havia escutado a voz de uma mulher, que não sabia de onde vinha.

- Quem falou? Quem falou?

Lembrou-se de Marcel pedindo que enfrentasse seus medos.

Confiava em seu irmão.

Ficou parado, no meio do quarto, esperando uma resposta...

...Que não tardou em chegar.

Hermínia percebeu que podia ser ouvida, se aproximou com desespero, apoiando-se nos ombros pequenos do menino;

- Pode me ouvir? Ajude-me! Ajude-me a salvar meus filhos!

Allan sentiu um arrepio correr de sua espinha até a nuca. Sentiu todo o seu corpo arrepiar. Agora tinha certeza. Alguém estava no quarto com ele.

Pensou em gritar pelo irmão, mas resolveu aguentar mais um pouco, afinal, Marcel estava no quarto ao lado, sabia que no momento em que chamasse, seria socorrido.

- Q-quem é?

Hermínia ajoelhou-se diante do menino;

- Me leve até eles! Não sei como os encontrar, não me deixam! Ajude-me! Ajude-me!

Allan buscou forças para responder;

- M- mas...Tenho que saber quem é você...

- Sou Hermínia... - A jovem respondeu em um pranto dolorido e copioso.

Allan se sentiu orgulhoso de si mesmo. Havia aguentado até ali.

Podia aguentar mais.

- O- oque v-ocê quer?

Hermínia, agarrada aos pés do menino, deitou sua cabeça no chão, como se perdesse suas forças;

- Não aguento mais... Ajude-me...

Allan se compadeceu com a petição da mulher, que não via, mas ouvia de forma clara e nítida;

- Não sei se posso. Mas não chora. Vou pensar em um jeito de fazer o que me pede. Vou falar com meu irmão, ele vai me ajudar.

- Quero descansar...

- Vai descansar. Eu prometo que vou te ajudar. Amanhã você volta aqui.

O pedido de Allan a fez lembrar-se de seu algoz, Aldráz.

- Não contarei nada a ninguém que vai me ajudar. Ninguém. Serei leal a você. Voltarei, eu juro!

- Está bem. Agora preciso dormir. Tenho que acordar cedo amanhã. Entende? Pode me deixar dormir?

Hermínia levantou-se e do chão e com a cabeça baixa perguntou, ainda em tom triste;

- Me deixa ficar aqui?

Allan sentiu sua saliva descer com dificuldade por sua garganta, respirou fundo e decidiu aceitar a presença de Hermínia;

- S-Sim. Se quer ficar, fique. Mas não fique olhando para mim. Só me deixe dormir, por favor.

- Não olharei! Não olharei! Não farei nada!

Allan se deitou e se cobriu com cautela. Ainda sentia medo, mas um medo misturado a certa confiança. Não imaginava que seria capaz de chegar tão longe. Ainda não sabia o que estava

acontecendo. Mas estava seguindo sua intuição, e isso o dava forças para continuar.

Deitou-se e fez a oração que aprendeu na Abadia de Orne, repetindo as palavras que havia decorado com a ajuda da mãe.

- Amado Jesus Cristo, Eu submeto minha mente e minhas atividades durante o sono a operação única do Espírito Santo. Desfaço todas as energias negativas e pensamentos ruins, e proíbo-lhes de operar em meu sono ou em qualquer parte de meu inconsciente. Santo Cristo, tomai conta também do meu coração para que eu tenha um sono e sonhos abençoados. Amém.

A oração sincera de Allan era um refrigerio para o coração de Hermínia. Sentada no canto do quarto, a jovem infeliz fechou os olhos para que aquelas palavras penetrassem em seu espírito sofrido. Conseguiu pela primeira vez, respirar sem dificuldade.

E Allan também. A sensação ruim que sentira quando entrou em seu quarto, pouco a pouco se dissipava.

Marcel lia em seu quarto, quando resolveu descer e fazer uma refeição leve.

Antes de descer as escadas, entrou no quarto de Allan para se certificar de que o irmão estava bem. Sorriu ao vê-lo entre as cobertas dormindo;

- Conseguiu ficar só.

No quarto de Jacques e Renné a atmosfera era outra. Brigados, virados um de costas para o outro, adormeceram com o coração angustiado e ferido.

Era o solo fértil para os planos de Brás.

A luz na escuridão

A pequena discussão na hora do jantar abalou profundamente o equilíbrio emocional de Renné. Mais sensível que o marido, se sentiu angustiada por não ter, ainda que somente naquele breve momento, a parceria de que já estava acostumada.

Por mais que tentasse, não conseguiu relaxar profundamente e seu sono durava alguns minutos até que algum ruído ou reação biológica de seu corpo a faziam despertar. Ficou nesse ritmo, dormindo e acordando, mudando sua posição na cama para buscar a comodidade de que precisava para o repouso tão esperado. Mas não teve sucesso.

Jacques também havia se desarmonizado interiormente, mas sabia dosar melhor suas prioridades.

Com o corpo cansado e a mente exausta, deitou-se e não demorou a cair em sono profundo.

Os sentimentos de animosidade que ambos nutriam um pelo outro naquele momento, criavam uma repulsão energética que dificultava até mesmo a aproximação física de seus corpos.

Assim, repousavam, cada um em um canto da cama e um enorme espaço entre ambos.

Brás observava a cena de outro ângulo.

Esperava até que Renné se desligasse de seu corpo físico, mas o desprendimento da esposa de Jacques estava longe de acontecer. No pouco tempo que deixava seus sentidos em estado letárgico pelo breve sono, seu espírito não conseguia se libertar dos liames do corpo físico, permanecendo como uma sombra ao lado da carcaça cansada e abatida.

Observou Jacques ao lado do corpo, totalmente independente, ligado apenas pelo fio prateado que o mantinha na sua vida física, e disse em voz alta;

- Hoje a brincadeira vai ser só com você!

Jacques estava sentado ao lado de seu corpo, olhava para o nada, seus sentidos estavam completamente adormecidos.

Brás colocou os pequenos braços finos sobre os ombros de seu perseguido, abraçando-o com uma delicadeza sinistra. Os fluidos de Brás envolviam Jacques em vibrações escuras e desajustadas.

Saíram juntos do quarto, desceram a escadas e passaram pela porta, sem dificuldades.

Ao cruzarem o grande portão que dava para a rua, não notaram a presença de Charlotte sentada ao lado do pé de amoras.

Charlotte observava toda a movimentação da casa, mas seu olhar constantemente fitava a velha cabana do lago.

Perdida em seus pensamentos, não notou a presença de um ilustre senhor que se sentou ao seu lado.

- No que pensa?

Charlotte virou-se para o homem e sorriu com timidez;

- Quem é o senhor?

- Sou Lían. Um amigo da sua família de longa data.

O homem tinha um semblante tranquilo, sereno. Os cabelos eram totalmente brancos, com fios finíssimos. Vestia roupas claras, largas, em formato de túnica.

Com a voz segura, porém mansa e acolhedora, continuou;

- Há muito acompanho a situação em que sua família se encontra, especialmente sua mãe.

Charlotte deixou algumas lágrimas discretas correrem em seu rosto e desabafa em voz baixa;

- Não sei como ajudá-la.

Lían colocou sua mão no ombro da moça;

- Acalme o seu coração. Você a ajuda muito. Mas entenda que Rose só poderá sair desta situação por ela mesma.

- Sei disso, mas... Não entendo porque as coisas chegaram a este ponto. Essas... Criaturas exalam tanto ódio... Nunca havia visto nada parecido. Não sei como lutar contra isso. E meu pai... Não tenho ideia de onde esteja. Talvez ele pudesse me ajudar com mamãe.

Charlotte cobriu a face com as mãos, escondendo o choro angustiado que não conseguia conter.

- Seu pai ainda precisa de um tempo para se adaptar a sua nova condição. Do jeito que está não poderia fazer nada por sua mãe. Está muito fraco, mas acolhido.

Charlotte levantou a cabeça, enxugou as lágrimas e virou-se para Lían;

- Eu poderei vê-lo?

- Por hora não. Mas esse dia não tardará a chegar.

- Por que querem tão mal a minha mãe? E a essa pobre família?

- São irmãos em estado moral baixíssimo. Ainda se regozijam com o sofrimento alheio. Sua mãe atraiu grande parte desses irmãos infelizes quando esteve nas regiões inferiores expiando sua condição de demência temporária.

Charlotte baixou a cabeça, mas continuou ouvindo com atenção;

- Mas a situação realmente delicada é a de Aldráz. Ele é o grande perseguidor de seu pai e se aproveita desses infelizes que escraviza para executar seu plano de vingança.

- Por que quer se vingar?

- Essa é uma história bastante longa, e muito antiga. Por hora é importante que saiba que Aldráz está esperando a presença de seu pai na casa. Sabe que a qualquer momento isso vai acontecer. Enquanto isso, cria essa nuvem de perturbação que atinge a todos.

- E se ele encontrar meu pai do jeito que o senhor disse que ele está, fraco... Se Aldráz conseguir chegar até ele?

- Não conseguirá. A região onde seu pai está ainda é muito densa, mas ainda assim, espíritos como Aldráz não conseguem entrar. A diferença de padrões vibratórios é inenarrável.

- Não posso lutar contra todo esse ódio... Não posso.

- Não pense no ódio de Aldráz. Nem no desespero dessas pessoas que se sentem ligadas a ele pela inferioridade moral que ainda carregam. Pense que você é uma chama viva que está aqui, acesa em meio a toda essa escuridão. O rapaz e o menino podem te ajudar. Poderá se comunicar com eles, assim como já fez com Marcel.

- Como poderão ajudar?

- Ambos são portadores de grande sensibilidade e aos poucos se darão conta disso. Vocês não estão desamparados, esquecidos, sozinhos. Tudo tem um propósito e ninguém carrega uma cruz que não lhe pertença.

Charlotte olhou para Lían com atenção e o mentor continuou.

- Charlotte, seja chama na vida de todos, de todos eles.
Ilumine a escuridão.

Lían abraçou a jovem, comovida com as palavras daquele que trouxe paz para seu coração sem esperanças.

Do outro lado do portão, nas calçadas frias de Bernay, desencarnados passavam de um lado para o outro, em uma movimentação que contrastava com a calma daquelas ruas nas horas de sol.

Em meio a essa multidão, Brás seguia abraçado a Jacques, passando por ruelas e becos como se buscasse algo importante.

Por fim, foi atraído por uma música que vinha de longe. Seguiu a melodia e chegou a um bar que ainda funcionava a todo vapor.

Bebidas, homens, mulheres... Era difícil distinguir os encarnados dos desencarnados, tamanha a semelhança vibratória.

Brás avistou um homem sentado à mesa, com duas mulheres. Ele bebia e fumava freneticamente. Entre um gole e ouro, beijava uma das mulheres, enquanto acariciava as pernas da outra.

- É aqui que vamos ficar!

Aproximou-se do homem e esperou que ele soltasse a fumaça que havia tragado. Assim que largou a substância carregada de nicotina e fluidos, Brás aspirou com a voracidade de quem não podia perder a grande oportunidade.

Jacques e Brás não estavam sós com o trio. Ao lado das duas mulheres, estranhas criaturas com forma feminina desfrutavam das sensações das mulheres, riam e se ligavam ao homem com carícias e palavras de baixo calão.

Ao notarem a presença de Jacques, se aproximaram cada uma de um lado, o envolveu em teias vibratórias que ele não encontrava força para sair.

Jacques sentiu-se atraído pela orgia que começava a se desenhar, se entregando às criaturas que rapidamente deixaram de lado as duas mulheres e o homem embriagado.

Brás soltava gargalhadas enquanto sugava o hálito do homem embriagado de álcool e nicotina.

Enquanto isso, do lado de fora da casa 32, sozinha, Charlotte permanecia em prece, emanando energias benfazejas que incomodavam a velha senhora guardiã de Rose.

Não suportando mais aquelas virações, a senhora se afastou do casebre e seguiu para o interior da casa, deixando Rose livre de suas influências perturbadores, pelo menos por aquele momento.

Marcel estava sem sono. Resolveu acabar de ler um livro quando se deu conta do adiantar das horas.

- Preciso dormir! Amanhã sairei em busca de mais escolas, preciso estar descansado.

Falava para si mesmo enquanto ajeitava a sua cama para o repouso.

Resolveu buscar um copo de água.

Desceu as escadas e chegou à cozinha, observado pelos visitantes, sem que se desse conta.

Abriu a geladeira e retirou uma garrafa de água gelada.

Um homem com o corpo completamente deformado, se arrastava para a cozinha. Tinha pequenos objetos que chacoalhavam cada vez que se mexia. Seus pés eram virados para trás, o que o impedia de ficar de pé. As pernas eram retorcidas e o tronco, repleto de feridas. Os braços também eram retorcidos e a cabeça tinha o formato pontiagudo que se inclinava para um dos lados.

No meio ao silêncio da madrugada, Marcel escutou os pequenos chocalhos vindo em sua direção, enquanto bebia a água, encostado na pia.

Ao ouvir o barulho peculiar, colocou lentamente o copo sobre a bancada e percebeu o barulho aumentar, se aproximando, bem devagar.

Olhou para os lados e não viu nada, nem ninguém. Foi até a parte de trás da casa, mas também não havia nada.

Seguiu para a sala e parou para tentar captar o ruído novamente.

Não ouviu mais nada.

Olhou toda a sala e subiu as escadas.

A aberração tentou acompanhá-lo, mas parou no primeiro degrau.

Marcel chegou a seu quarto certo do que havia escutado.

Lembrou-se das palavras de Claire e começou a considerar a possibilidade de ter se enganado quanto à sanidade da mulher. Deitou-se em sua cama e em seus pensamentos, pediu a Charlotte que não o deixasse só;

“Com certeza você sabe o que acontece nesta casa...”.

Charlotte se sentiu atraída para a casa, como se um ímã irresistível a puxasse.

Marcel continuava...

" Fale comigo... Fale comigo, Charlotte, onde você está?"

Charlotte não costumava entrar na casa nas horas escuras. Mas seguiu aquela força que a empurrava para o seu antigo quarto. A voz de Marcel ecoava em seus ouvidos:

"Fale comigo."

Charlotte ouviu sua petição.

- Estou aqui, Marcel.

Com o perfume de flores ocupando todo o quarto, os sentidos de Marcel foram aos poucos entrando em estado de repouso.

Já com os olhos fechados, murmurou baixinho;

- Fala comigo...

Charlotte passou a mão no rosto de Marcel e com um sorriso se aproximou do ouvido de seu primo;

- Você é a chama que ilumina os meus medos. E eu serei a sua.

A aparição

Os pássaros cantavam timidamente sobre os galhos molhados das árvores. As folhas ainda encharcadas pela chuva da madrugada dançavam lentamente com a brisa fria daquela manhã de céu cor de gris.

O despertador tocou interrompendo o silêncio no quarto de Marcel. As cortinas fechadas davam um ar de penumbra ao cômodo, que ainda mantinha o aroma de flores no ar.

Marcel abriu os olhos e interrompeu o som estridente.

Lembrou-se da madrugada e da sensação de ter Charlotte ao seu lado e sorriu.

Marcel ainda não havia parado para pensar racionalmente na situação que se apresentava diante dele e não tinha pressa em fazê-lo. Há muito não sentia seu coração tão leve. Lembrava

vagamente de viver a mesma sensação somente em sua época de criança.

Era uma alegria sem condições que o fazia ser forte e frágil, livre e cativo.

Buscou o anel no esconderijo de seu travesseiro. Aquele anel era o mais próximo que poderia chegar de Charlotte, de forma tangível.

Beijou com carinho a joia preciosa;

- Bom dia Charlotte...

Aquele seria um dia cheio. Planejou sair em busca de mais escolas para oferecer seus serviços. Estava particularmente confiante.

Desceu as escadas com entusiasmo.

Chegou à cozinha e se deparou com Renné arrumando a mesa para o café.

- Bom dia, mãe. Já de pé?

- Bom dia filho. Tenho que levar Allan para comprar uniforme, material, amanhã ele já começa na escola nova.

- Bom...

- Dormiu bem?

- Muito bem! E a senhora?

Renné suspirou como quem precisasse colocar para fora sua angústia, enquanto derramava o café na xícara de Marcel, relatou o seu drama;

- Não preguei o olho direito. Acordava toda hora... Horrível!

- Calma Dona Renné, aos poucos vamos nos acostumando com nossa vida nova. Tudo vai se arrumar.

- Deus te ouça filho. Vou chamar seu irmão. Coma o bolo de fubá. Está do jeito que você gosta.

Sozinho na cozinha, Marcel lembrou-se do estranho fato ocorrido na madrugada. Lembrou-se do barulho bizarro dos chocalhos. Pensou em compartilhar sua história com Jacques ou Renné, mas achou melhor guardar para si. Precisava entender melhor o que havia acontecido.

"Tem alguma coisa nesta casa...E eu vou descobrir".

Cortou uma fatia do bolo pensando nas histórias que ouvia de seus amigos em Orne. Histórias de fantasmas, de pessoas que voltavam dos mortos e assombravam os vivos.

Nunca havia pensado no assunto com seriedade. Mas isso começava a mudar.

Seus pensamentos foram interrompidos com a chegada de Allan e Renné.

- Olha o rapazinho aí! Estou orgulhoso de você! Conseguiu dormir uma noite inteira sozinho!

Allan se sentou e olhou para Marcel com orgulho. Mas não tinha motivos para comemorar. Tinha em suas mãos um problema de difícil solução.

Marcel sentiu a falta de Jacques;

- E papai? Não acordou?

- Não, está roncando como um porco. Deixe-o dormindo, assim perturba menos.

Marcel estranhou a reação da mãe;

- O que aconteceu? Brigaram?

- Deixe isso para lá, não quero estragar o seu dia. Vou me arrumar. Allan tome seu café.

- A senhora não vai comer nada?

- Não tenho fome, como alguma coisa na volta.

Marcel olhou para Allan buscando alguma explicação;

- Sabe o que aconteceu?

Preocupado com sua situação, Allan ignorou a pergunta do irmão, e em tom baixo, iniciou a conversa reveladora;

- Marcel, você não vai acreditar no que aconteceu ontem.

- O que houve?

Allan contou a sua experiência macabra com detalhes. A voz da mulher, o que ela havia dito. Marcel escutou, aturdido, as palavras do irmão.

- Acredite em mim, por favor. Ela vai voltar hoje, o que eu digo a ela?

Marcel tentou organizar em sua mente as novas informações. Sempre deu bons conselhos ao irmão, mas pela primeira vez, não sabia o que dizer.

- Não teve medo?

- Um pouco, no início. Mas eu sabia, não sei como, que ela não iria me fazer mal.

Diante da coragem inesperada do irmão apesar de fatos tão graves, Marcel resolveu compartilhar a sua própria história.

- Tenho algo para lhe dizer, mas terá que me prometer que ficará entre nós dois.

Allan assentiu com a cabeça.

Quando Marcel iria começar seu relato, Renné chegava à cozinha;

- Ainda não terminou? Vamos Allan! Quero sair antes que seu pai acorde!

Allan se levantou; - Vou me arrumar. - Passou por Marcel e falou em seu ouvido;

- Na volta nós conversamos.

Renné retirou a xícara de Allan da mesa;

- Que segredos são esses?

- Coisas do Allan... Bom, tenho que ir também, vou pegar alguns documentos.

Renné beijou seu filho; - Vá com Deus e boa sorte.

- Vou precisar. Mãe, estamos todos confusos com tanta novidade, tenha paciência com papai.

Renné sorriu sem muita empolgação.

- Vou tentar.

Marcel deixou Renné só na cozinha. Cansada da noite anterior, se sentou na cadeira para tentar recuperar um pouco a sua força, antes de sair.

"Jacques está velho, realmente preciso ter mais paciência com ele."

Em cima da mesa com as pernas cruzadas, Brás sentia as vibrações de arrependimento vindas de Renné.

Com certa velocidade, se dirigiu para a cadeira ao lado e se aproximou;

- Teu marido é um imprestável. Ele gosta é de se divertir!

As emanções vindas de Brás encontraram certa dificuldade para agregarem-se com as de Renné desta vez. Mas foram suficientes para interromper o fluxo de pensamentos cordiais que ela começava a desenvolver.

Percebendo o inevitável adiamento de seus planos, resolveu fazer companhia a Jacques. Abandonou a cozinha e foi até o quarto do casal. Sentou-se na cabeceira da cama e resolveu esperar a volta de sua presa ao velho corpo de carne.

Renné foi em busca de Allan e saíram, logo após Marcel, deixando Jacques sozinho na casa, com Brás.

O devaneio que Jacques, em desdobramento, viveu com Brás durante a madrugada, trouxe consequências para o seu corpo físico.

As vibrações inferiores que as infelizes criaturas trocaram com ele, haviam desajustado completamente o seu campo de forças.

As células do corpo físico começaram a reagir às constantes ordens de desajuste que o corpo espiritual comandava.

Ao lado do corpo em repouso, era possível notar a corrente de fluidos inferiores que passava do perispírito de Jacques para seu corpo material.

A imunidade abalada foi o primeiro sinal do desajuste inevitável.

Jacques finalmente despertou.

Sentia dores na cabeça e nas costas. Sentia como se seu corpo pesasse uma tonelada. Sentou-se na cama enquanto tossia, colocando as mãos na garganta que doía.

Brás saltou da cabeceira para o lado de Jacques.

Relatou em seu ouvido, com detalhes, todas as sensações que ele havia compartilhado com as mulheres libertinas.

Jacques reviveu as sensações inconscientemente, piorando o seu estado geral.

Tentou levantar-se da cama, mas não conseguiu. Voltou a deitar, cobrindo-se com urgência devido ao frio atroz que sentia.

Ainda era manhã quando Marcel voltou para a casa. Havia logrado seu objetivo: Começaria no dia seguinte a dar aulas em um colégio no bairro vizinho.

Renné e Allan chegaram um pouco depois.

Allan saiu em busca de Marcel e o encontrou no quarto de Jacques.

Ao lado do pai, Marcel conversava com um Jacques visivelmente enfraquecido.

- Não se preocupe filho, é só um resfriado daqui a pouco estarei melhor.

- Mesmo assim tem que se cuidar. Vou pedir a mamãe para fazer uma sopa. Allan, - Dirigiu-se ao irmão caçula- Chame mamãe aqui.

Allan saiu e voltou com Renné, que olhou surpresa para o marido ainda na cama.

- O que houve?

- Acho que pegou um resfriado, pode fazer uma sopa quente, mãe? Acho que fará bem para ele.

Brás iniciava uma aproximação à esposa preocupada quando se viu atado em seu propósito.

Sentiu a atmosfera do quarto mudar completamente. Não conseguia mais manter-se no cômodo, que exalava um aroma que ele repudiava alucinadamente.

Charlotte entrava no quarto.

Charlotte aproximou-se de Renné e carinhosamente envolveu seus braços sobre ela;

“Cuide de seu marido. Ele precisa de você agora. Lembre-se de todas as vezes que cuidaram um do outro.”

Renné olhava compadecida para o marido;

- Vou fazer uma canja. Ele vai melhorar.

Renné seguiu para cozinha, acompanhada de Charlotte.

Marcel sentia o aroma de flores e olhou para Allan;

- Está sentindo esse cheiro?

Allan inspirou profundamente;

- Sim. Cheiro de flor.

Marcel sorriu aliviado. Era real.

- Está sentindo pai? - Perguntou com entusiasmo.

- Estou sentindo um enjoo infernal, isso sim!

Marcel afagou os cabelos brancos de seu pai;

- O senhor vai melhorar.

Allan se aproximou do irmão;

- Marcel vem para o meu quarto, vamos continuar nossa conversa.

- Vamos, mas deixa a mãe voltar.

Na cozinha, espíritos amigos aguardavam por Charlotte e Renné.

Eram três homens e uma mulher.

Charlotte e a mulher ficaram ao lado de Renné e enquanto a canja estava sendo preparada, a mulher colocou suas mãos sobre a iguaria, liberando fluidos luminosos que se mesclavam aos ingredientes da panela.

Os homens se dirigiram ao quarto do enfermo.

Através das mãos, transmitiam fluidos para corpo físico e espiritual de Jacques. As moléculas invisíveis penetravam no perispírito que, recebendo a carga de energia, automaticamente modificavam as células do corpo físico.

Jacques adormeceu.

Os amigos invisíveis deixaram a recamara.

Colocando a mão na frente de Jacques, Marcel constatou animado;

- Acho que a febre diminuiu.

- Deixa o pai descansando. Vamos!- Allan tinha pressa.

Marcel também.

Antes de sair, Marcel abriu um pouco as janelas, e viu Brás observando o quarto do jardim, visivelmente contrariado.

Assombrado pela visão daquela criatura assustadora, Marcel projetou a cabeça para fora da janela para enxergar melhor, piscou os olhos rapidamente e ao abrir, percebeu que o jardim está vazio.

- Marcel, vamos. Marcel! O que foi?

Marcel olhou para o irmão e não conseguia falar. Voltou a olhar pela janela. Não havia mais ninguém.

- O que foi? – Allan insistiu, curioso.

Marcel não tinha mais dúvidas. Não estavam sozinhos na casa.

Abriu a porta do quarto e fez um gesto para que Allan passasse;

- Vamos. Vamos conversar.

A paz temporária

Jacques dormia pela primeira vez em equilíbrio pleno, enquanto Marcel e Allan conversavam a portas fechadas.

Ao lado do irmão, sentado na cama, Marcel começava o seu relato;

- Você deve se lembrar da Sra. Claire e o que papai disse sobre ela.

- Ela disse que via pessoas de outro mundo.

- Sim. Ela disse que ouvia barulhos, ruídos, coisas assim.

Marcel caminhou até a janela;

- Eu confesso que achei a Sra. Claire meio fora de si, mas depois comecei a reconsiderar desde que... Desde que senti uma presença, assim que entrei em meu quarto pela primeira vez.

- Você viu alguém?

- Não vi. Só... Senti.

Marcel olhou para o retrato de Charlotte e voltou o olhar para Allan.

- Quem é?

- É nossa prima Charlotte. Filha do tio Orlan.

Allan pegou o retrato;

Olhou para o irmão com surpresa;

- Foi ela? Foi ela que você sentiu no quarto?

Marcel voltou a sentar-se;

- Sim..., mas esse não é o problema, pelo contrário. Charlotte é uma presença que... Faz-me muito bem. O que realmente me deixou confuso foi o que ouvi na noite passada.

Já era tarde quando fui até a cozinha e de repente um barulho estranho surgiu do nada... Como se fossem chocalhos, sabe? Aqueles que se movem conforme a pessoa se move.

- Sei... E aí?

- Nada, só ouvi. Depois subi e não ouvi mais nada. Mas o pior... Foi hoje, ali, no quarto do pai.

Allan se ajeitou como se estivesse se preparando para uma revelação importante;

- O que aconteceu lá?

- Àquela hora que olhei pela janela...

- Eu sabia... Você mudou a cara! O que tem?

- Dessa vez eu vi.

- O que viu?

- Um homem... Mas, tinha uma aparência... Diferente. Vou poupar você dos detalhes, mas... Posso te dizer, era assustador.

Allan não escondeu a reação de medo, arregalou os olhos e apertou as mãos;

- E agora?

- Temos que entender o que está acontecendo. Creio que o mal que eles podem nos fazer é nos abalar, nos intimidar, só isso. Temos que ser corajosos, Allan, como você foi com a mulher.

- Charlotte poderia nos ajudar, se você pudesse vê-la como viu o tal homem... Se ela estiver mesmo aqui, deve ver eles também.

Marcel suspirou;

- É o que mais quero... Poder vê-la, falar com ela.

- E hoje, o que faço? Ofereci ajuda a mulher, a Hermínia.

- Diga que... Vai ajudá-la, mas que precisa de alguns dias. Tente saber o motivo de ela estar aqui, quem está com ela... Acha que consegue fazer isso?

- Sim. Consigo. E você, tenta falar com Charlotte.

Marcel sorriu;

- Esteja certo que sim.

Allan olhou mais uma vez para o retrato;

- Ela é bonita!

- Sim... É linda.

- Está gostando dela?

- O Que está dizendo? De onde tirou tais ideias?

- Do modo como olha para o retrato. Nem para a Sara você olhava desse jeito aí!

- Agora entende meus olhares? Está certo. Vamos ver o pai que é melhor. E lembre-se: Nada de abrir a boca. Isso fica entre nós.

- Está bem.

Antes de deixarem o quarto, Marcel colocou as mãos no ombro do irmão;

- Tem certeza que consegue fazer isso? Não vai ficar com medo?

- Tenho certeza. Estamos juntos não estamos?

- Sempre!

Marcel abraçou o irmão. Estava orgulhoso de sua coragem.

No fundo Allan tinha receio do que viria. Não havia sentido medo de Hermínia, mas seu coração saltava quando pensava na sensação do sonho ruim que havia tido na beira do lago. Respirou fundo e seguiu em frente. Marcel estava com ele, isso bastava.

A tarde seguiu um pouco mais tranquila.

Renné já conseguia pensar no marido com mais serenidade.

Jacques tomou a canja e recebeu mais fluidos que contribuíram para a sua melhora.

A noite começava a cair e do lado de fora da casa, algo acontecia.

Lían e mais três espíritos amigos faziam vigília no jardim da família.

- Hoje teremos que ajudar Charlotte para que as vibrações da casa sejam as melhores, dentro do possível.

- Tentaremos manter estes infelizes em estado letárgico para que não mande emanções para Aldráz. Se ele aparecer, as coisas ficarão mais difíceis. - Marion se dirigiu a Lían, em tom urgente.

- Sim. Podem ir. Ficarei aqui aguardando Charlotte.

Marion e os dois espíritos se dirigiram a casa.

A velha senhora guardiã de Rose estava na entrada, de onde podia continuar mandando suas sugestões infelizes para sua prisioneira.

Foi a primeira a sentir as vibrações de Marion.

- Malditos! Devem estar aqui em algum lugar! Posso sentir!

A superioridade moral de Marion e dos outros amigos invisíveis impedia que eles fossem percebidos pelos perseguidores infelizes.

Eles apenas sentiam um grande mal estar, resultado da alteração energética que os envolvia.

A perseguidora-guardiã não teve forças para ir longe. Desnorteada, entorpecida, caminhava desorientada de um lado para o outro.

E assim foi com os outros.

Alguns não conseguiam sair do lugar, outros desmaiavam, caindo ao chão, perdidos de si mesmos.

Assim que sentiu as vibrações superiores, Brás correu para o porão. Andava de um lado para o outro como um bicho acuado, andava pelas paredes, corria pelo teto. Sentiu suas forças limitadas.

Algo acontecia... E ele não podia evitar.

Um dos bem feitores se dirigiu a Marion;

- Charlotte deve se apressar. Não conseguiremos manter esse escudo fluídico por muito tempo.

Marcel estudava em seu quarto, acompanhado de Allan que fazia algumas anotações. Jacques dormia enquanto Renné, deitada ao seu lado, remendava algumas meias.

No jardim, Charlotte se juntou à Lían;

- Estou pronta. O senhor acredita que será possível? Marcel conseguirá me ver?

- Tudo está preparado para que Marcel goze das suas faculdades com toda a tranquilidade, sem influências inferiores. O ambiente está propício. Você só terá que adaptar-se a tudo o que te rodeia nesta casa, que já fez parte da sua vida um dia. Fique tranquila. A providência divina cuidará para que a mediunidade de Marcel flua da melhor maneira.

Charlotte assentiu, confiante.

- O menino está com ele, espere-o sair. Não tardará a acontecer. -Instruiu o bem feitor;

E assim aconteceu.

Marcel terminou sua leitura e guardou seus livros, demonstrando cansaço;

- Rapazinho, já é hora. Vá para o seu quarto e seja corajoso. Lembrou-se o que terá que dizer?

- Sim. Farei do jeito que combinamos.

- Está certo de que conseguirá?

Allan suspirou;

- Sim. Estou.

- Estarei bem aqui, sabe disso, não sabe?

- Sei.

- Quer que eu te leve até lá?

- Melhor não. Qualquer coisa te chamo.

Marcel acarinhou os cabelos do irmão.

- Vá! Boa sorte rapaz!

Allan sorriu e seguiu com segurança.

Em seu quarto, Hermínia esperava seu mais novo aliado sentada em sua cama.

Estava mais fraca que o normal, mas sem a falta de ar habitual. Viu Allan se aproximar, mas não conseguiu falar.

Allan fechou a porta e colocou seus cadernos sobre a escrivaninha.

Sentou-se em sua cama, ao lado de Hermínia.

Sentiu seu braço arrepiar. Não teve dúvidas. Hermínia estava ali.

O arrepio chegou até a nuca. Fechou seus olhos e tomou coragem;

- Hermínia. Você está aqui?

Hermínia buscou forças para responder;

- E-estou aqui! Es-estou aqui!

Allan ouviu a voz da mulher.

A sua coragem aumentou.

- Vou lhe ajudar. Dê-me mais um tempo. Mas não quero que fique triste ou preocupada. Está bem?

A resposta demorou a chegar. Com muito esforço, a pobre mulher chorava;

- Vou esperar criança. Vou esperar... Estou cansada! Estou cansada!

- Pois então descanse. Pode ficar aqui. Só não fique me olhando! Fique e descanse.

Hermínia chorava, mas desta vez não era um choro de desesperança. Apesar da fraqueza de que estava sendo acometida, sentia seu coração sossegado. Depois de tanto tempo, não se lembrava mais o que era ouvir uma palavra de conforto. Chorou de gratidão;

- Não olharei! Não olharei!

Foi para o canto do quarto, recostou a cabeça nas pernas fracas e fechou os olhos molhados de lágrimas. Soluçava baixinho.

Allan ainda podia ouvir os soluços tristes;

- Não chore...

As palavras de Allan eram uma prece de amor para seu coração. Aos poucos seu choro deu lugar ao silêncio.

Allan deitou-se com o coração profundamente comiserado. Não teve coragem de insistir em inquéritos com a mulher. Esperaria que ela ficasse mais forte. Não tinha pressa.

Compartilhou do silêncio de Hermínia e dormiu em paz.

Charlotte já estava em seu antigo quarto. Observava Marcel de olhos fechados, perdido em seus pensamentos, deitado em sua cama.

Começou a olhar em volta, as paredes, as cortinas de seu antigo quarto. A mesinha de cabeceira... Reviveu suas lembranças mais profundas.

O aroma de flores começou a invadir o quarto e Marcel abriu os olhos;

Em meio aquele perfume que inebriava seus sentidos, Marcel finalmente viu o seu amor.

Se sentou, sem sair da cama.

Marcel já havia estado com Charlotte em desdobramento, mas quando voltou ao corpo físico, trouxe somente a sensação do encontro tão desejado, sem claras lembranças.

Ali, pode ver, com nitidez absoluta e com riqueza de detalhes, aquela que, desde o primeiro dia em que chegou à casa, havia dominado seus pensamentos.

Marcel olhava deslumbrado.

Charlotte se aproximou de Marcel, estendendo-lhe os braços;

- Sou eu, não tenha medo.

Marcel segurou as mãos de Charlotte;

- Não tenho medo!

Charlotte se sentou e olhou nos olhos de Marcel, acariciando seu rosto.

Marcel encostou seus lábios na frente de Charlotte novamente, mas desta vez, estava consciente do que fazia. Charlotte fechou os olhos para sentir melhor o contato tão esperado.

Também de olhos fechados, Marcel disse emocionado;

- Como pedi por isso! Como pedi!

Charlotte voltou os olhos para Marcel;

- Marcel... Não temos muito tempo. Preciso lhe falar.

- Fale...

Charlotte explicou para Marcel o que acontecia na sua casa. Explicou a situação de sua mãe, de seu pai, a vingança de Aldráz, ainda sem sentido para ela e falou da ajuda de Lían e dos outros amigos invisíveis.

Marcel olhou para a prima, tentando processar as informações que até alguns dias atrás, seriam absurdas para ele.

- Você e seu irmão podem nos ajudar a ajudá-los e acabar com tanto sofrimento.

- Como poderemos ajudar?

- A princípio, é importante que façam orações, uma vez ao dia, todos vocês reunidos. De preferência, no cair da noite. Isso vai diminuir a ação deles sobre vocês. É essa ação que precisamos evitar.

Marcel passou a mão no rosto da amada;

- E tia Rose, como posso ajudar?

Charlotte baixou a cabeça;

- As preces ajudarão a ela também... Talvez ela consiga te ver. E então possa te ouvir.

Marcel levantou o rosto de Charlotte;

- Eu vou ajudá-la. Não se preocupe. Eu prometo.

Charlotte sorriu;

- Preciso ir.

- Por quê?

- Eles ainda estão aqui, fora de ação temporariamente, mas não por muito tempo. Não posso ficar.

- Vou te ver sempre?

- Sempre que necessário.

Marcel aproximou o rosto de Charlotte ao seu;

- Me sinto tão bem quando você está perto de mim. Não quero que isso acabe.

- Estamos em condições tão diferentes...

Marcel não deixou Charlotte terminar;

- Eu amo você.

Charlotte se emocionou com as palavras espontâneas de Marcel e com os olhos marejados, falou em tom quase triste.

- Eu também te amo...

Abraçam-se com ternura e Marcel percebeu Charlotte menos densa em seus braços.

- Tenho que ir, Marcel.

Aos poucos, os contornos de Charlotte se tornavam menos nítidos e Marcel observava com dificuldade sua amada diante de seus olhos.

Levantou-se para tentar segui-la, em vão.

Sorriu emocionado. Queria guardar aquele momento para sempre.

Foi para o quarto de Allan para compartilhar de sua felicidade, mas encontrou o irmão dormindo.

Voltou para o seu quarto e deitou-se em sua cama.

Nunca havia estado tão feliz.

Havia encontrado o amor. Havia finalmente, encontrado Charlotte.

A retaliação

Não demorou muito para que o teor vibratório da casa voltasse ao seu tom sombrio. Após a saída dos espíritos amigos, os perseguidores voltaram ao seu estado normal.

Brás foi para o lado de fora da casa. Exigia explicações.

- Covardes! Apareçam! Apareçam!

A família Burnier dormia, indiferente a movimentação que se desenhava.

Brás andava de um canto ao outro, transtornado;

- Verão quando Aldráz voltar! Verão!

Brás sintonizou-se rapidamente com Aldráz, que não tardou em chegar.

O homem ruivo passou por Brás e entrou na casa. Sem emitir nenhuma palavra.

Brás o seguiu com resignação.

Ao passar pela porta da sala, bateu seu cajado no chão com força;

- O que aconteceu aqui?

Andou pela casa, voltando à sala com olhar de cólera.

Brás se antecipou às explicações;

- Esses malditos! Chegaram com a protegida e ocuparam tudo!

Aldráz emitia grunhidos pavorosos. Teve o ímpeto de subir as escadas, mas voltou no meio do caminho.

Seguiu para a cabana do lago.

Rose levantou a cabeça e se deparou com a imagem que causava em seu íntimo um profundo estado de terror.

Aldráz se aproximou com calma;

- Você vem comigo.

Rose não conseguiu expressar reação. Aldráz a puxou pelos cabelos, arrastando-a para fora da casa.

Brás observava tudo com imensa satisfação.

Aldráz arrastava Rose pelas ruas, provocando em sua vítima um choro de apelo desesperado;

- Por favor! Por favor! Eu imploro! Tenha piedade!

Aldráz continuava seu trajeto sem afetação.

Brás saiu após o seu mentor. Resmungava palavrões e insultos para quem cruzasse com ele pelas ruas.

Avistou um homem sentado no asfalto, de aparência desmazelada. Olhou bem para certificar-se de que se tratava de um encarnado.

Os fluidos animalizados emanados por um encarnado é algo de extremo valor para perseguidores como Brás.

Ao inalar tais fluidos, esses espíritos infelizes têm todas as sensações do encarnado, fazendo-os sentir como se estivessem novamente na carne.

O homem maltrapilho tirou dos bolsos da velha calça encardida, um pequeno embrulho com pequena quantidade de cocaína. Enrolou com cuidado uma nota de dez francos e consumiu a droga com pressa.

Brás se aproximou. Colocou seus finos braços sobre o homem, abraçando-o.

A cena era deplorável. Ambos consumiam a droga estimulante, O homem, inalando através das vias respiratórias carnis e Brás, inalava os fluidos da substância misturados aos fluidos do encarnado, através de seu denso perispírito desajustado.

Consumiram toda a quantidade do pequeno embrulho. O homem se levantou e seguiu pelas ruas.

Brás dava pulos de alegria como uma criança que acabara de ganhar um brinquedo novo.

Saiu em busca de mais diversão.

Juntou-se a um grupo que bebia e fumava, em uma das esquinas de Bernay. Havia outros como ele, envolvendo suas presas arditamente.

Os perseguidores riam compulsivamente. Soltavam provocações no ouvido de seus hospedeiros enquanto inalavam seus hálitos carregados de álcool e nicotina.

Enquanto Brás se divertia, Aldráz e Rose chegavam ao seu destino.

O lugar era uma das inúmeras zonas inferiores espalhadas pela Terra, onde espíritos ainda em estágio mental em desequilíbrio viviam.

O lugar era frio e escuro.

Choro, risos e gemidos faziam parte do cenário de filme de terror.

Grandes cavernas com odor fétido ajudavam a compor a atmosfera sinistra.

Rose gritava descontrolada;

- Não! Aqui não! Deixe-me voltar! Deixe-me voltar!

Aldráz por fim, soltou os cabelos de Rose, jogando-a no chão áspero e mal cheiroso, sem piedade. Chegou o mais perto possível de sua mártir.

- Olhe bem a sua volta.

Rose não conseguia desviar sua atenção dos olhos escuros de Aldráz, que repetiu, desta vez em tom alto;

- Olhe a sua volta!

Rose obedeceu. Seu pavor aumentava à medida que se dava conta que estava de volta ao seu cativeiro mais hostil.

Assim que se despreendeu do corpo de carne pelo infortúnio do suicídio, Rose foi levada por Aldráz para uma daquelas cavernas. Ali, mesclava seus momentos com os arredores de sua casa, sempre acompanhada por espíritos responsáveis por sua vigilância.

Rose ajoelhou-se diante de Aldráz;

- Por favor, me leve daqui, eu não fiz nada! Por favor!

A raiva de Aldráz só aumentava. Agarrou a pobre mulher pelos cabelos e atirou-a contra algumas pedras que estavam a sua frente.

Percebendo que Rose ainda chorava, a segurou novamente, jogando-a para mais longe.

Rose começava a perder os sentidos.

Aldráz a tirou do chão, levantando-a pelo pescoço;

- Eu nem comecei.

A jogou no chão novamente e deu-lhe pontapés, apesar de sua petição dolorosa implorando que parasse.

Com chutes, a levou para dentro de uma das cavernas.

Lá dentro, um homem a esperava.

Aldráz levantou a cabeça de Rose, para que ela visse seu mais novo guardião.

O cheiro putrefato tomou conta do cubículo.

Um homem alto se aproximou.

Não tinha cabelos. O Rosto era totalmente deformado. Por todo o corpo, alguns pedaços pendurados, expurgavam uma substância amarelada e viscosa.

Aldráz jogou sua vítima nos braços do homem.

- Sabe o que fazer.

O homem, com o aspecto sugerindo um avançado estado de putrefação, recebeu sua encomenda.

Na casa, Renné acordou preocupada com o estado do marido. Colocou a mão em sua fronte para certificar-se de que a febre não havia voltado. Respirou aliviada ao perceber que o marido seguia melhorando.

Buscou o copo que havia colocado na mesinha e percebeu que ainda havia água. Sentou-se na cama e bebeu calmamente, até ouvir a porta de seu quarto se abrir. Imaginando ser um de seus filhos, virou-se rapidamente, mas não viu ninguém.

A porta, entreaberta, deixava parte do escuro corredor à mostra.

Renné sentiu um vento frio entrando pelo quarto.

Levantou-se e fechou a porta rapidamente. Foi para a janela para fechar as cortinas, quando ouviu novamente a porta se abrir.

Ainda de costas, falou em voz alta;

- Allan, isso não é hora para brincadeiras.

Virou-se calmamente.

Não viu o que estava à sua frente. A mulher negra, de cabelos ouriçados e grandes olhos escuros, sorria para Renné.

Indiferente à nova companhia, Renné seguiu para a porta, fechando-a novamente, desta vez, com a chave.

"Casa velha e caindo aos pedaços..." Pensou.

Voltou para a cama. Cobriu-se e olhou mais uma vez para a porta.

Renné não podia ver, mas a senhora continuava de pé, olhando para ela.

Já Marcel e Allan, desligados do corpo, foram levados para fora da casa, em locais onde puderam ser instruídos sobre a luta que teriam que enfrentar no novo lar onde viviam.

Lían e outros benfeitores aguardavam os irmãos, trazidos por seus protetores, espíritos amigos que os acompanhavam em sua trajetória reencarnatória.

Não se lembrariam com clareza, do que iria acontecer naqueles breves momentos quando de volta aos seus corpos de carne, mas preservariam a intuição para que a perguntas tivessem respostas e para que agissem com firmeza nos momentos cruciais da batalha que ambos enfrentariam.

Lían assumiu a palavra;

- Queridos irmãos, antes de qualquer coisa, quero que saibam que não estão sozinhos. A situação que enfrentam será de grande proveito para ambos. Nada é por acaso, confiem em nossas instruções e acima de tudo, tenham fé no criador de todas as coisas.

Antonie, ao lado de Lían, tomou a palavra e se dirigiu a Marcel;

- Levaremos vocês até seu tio Orlan. Ele está ainda em estado de repouso em um de nossos postos de socorro, mas já apresenta certa lucidez.

Marcel consentiu com a cabeça.

Fora do corpo, o espírito goza não somente de liberdade em relação ao espaço que o cerca, mas principalmente, de liberdade mental. Livre das amarras que o prende ao pesado fardo carnal, suas faculdades mentais se expandem, como um gás liberto de um frasco fechado. Essa libertação ainda é limitada, mas considerável.

Seguiram juntos, Marcel, Allan, seus protetores, Lían e Antonie.

A volitação é um recurso conquistado por espíritos em certo grau de elevação. É o meio pelo qual eles, na maioria das vezes se transportam, de um lugar a outro.

Do grupo, somente Marcel e Allan ainda não desfrutavam dessa faculdade. Os protetores de ambos os levaram. Se estivessem no corpo, seria como se alguém os carregasse pelo braço.

Volitaram até a região onde estava o posto de socorro mencionado por Antonie.

O lugar fazia lembrar os postos de atendimento de emergência da Terra.

Entraram na acomodação simples, mas de aspecto asseado, e notaram várias macas, dispostas uma ao lado da outra.

Nas macas, alguns espíritos repousavam, outros, despertos, choravam. Alguns pediam por notícias de parentes.

Lían deu uma breve explicação a Marcel sobre o estado de Orlan;

- Aqui geralmente ficam os irmãos recém-chegados ao mundo da verdade, mas tem exceções. Seu tio é uma delas. Apesar do tempo de chegada, ainda não tem condições de ir para uma colônia, mas ao mesmo tempo está resignado e verdadeiramente disposto a reparar seus erros, o que concede a ele a proteção adequada para evitar desajustes que poderiam levá-lo às regiões inferiores.

Marcel ouvia com atenção, enquanto caminhavam pela sala;

Orlan repousava na penúltima maca.

Estava desperto, calmo. Seu semblante acusava profunda tristeza.

Lían foi o primeiro a se aproximar;

- Como vai Orlan? Sente-se melhor?

Orlan respirou fundo;

- Sim. Sinto-me melhor.

- Tem visita para você.

Orlan conseguiu forças para virar o rosto, olhou para Lían e perguntou com interesse;

- Minha mulher? Minha filha?

Lían sorriu, segurando a mão do senhor calvo e abatido;

- Não... Ainda não.

Orlan virou seu rosto novamente;

- Quem então?

- Marcel e Allan. Os filhos do seu sobrinho Jacques. Lembra-se dele?

- Sim. Lembro-me. Onde estão?

Lían fez um gesto para que os irmãos se aproximem.

Orlan olhou para os sobrinhos, enternecido. Sentia um carinho sincero por Jacques. Estendeu a mão para Marcel, que retribuiu o gesto;

- Marcel, a última vez que lhe vi era um menino.

Olhou para Allan e sorri;

- O Que fazem aqui?

Antonie deu a resposta;

- Orlan, eles estão na sua casa, com Jacques e Renné. Não preciso lhe dizer o que estão passando não é?

Orlan levantou mais o seu corpo, ajeitando-se;

- Minha filha está lá! Viram minha filha?

- Sim, Orlan, Marcel já teve contato com ela. Eles vão ajudá-la com nossos irmãos infelizes.

Orlan voltou a pegar na mão de Marcel;

- Ajude-a! Ajude a trazer minha esposa!

- Sim. Ajudarei. Não se preocupe.

Orlan continuou;

- Preste atenção, tome cuidado com Aldráz. Ele é nosso maior inimigo.

Marcel olhou para Antonie e Lían, e voltou o olhar para Orlan;

- Nosso inimigo?

- Na verdade, é inimigo meu. Conhecemo-nos na ocasião que eu era gerente do Banco de Bernay. Era responsável pela concessão de créditos. Adráz nos procurou para que concedêssemos um empréstimo e para tanto, deu sua casa como garantia. A situação ficou difícil para ele. Acabou por perder a casa e daí por diante, perdeu tudo. A mulher o deixou com os filhos, e ele se entregou a vícios de todos os tipos, até cometer suicídio.

- Mas... Não entendo, era o seu trabalho.

Orlan suspirou;

- Não foi bem assim... Ele me procurou diversas vezes pedindo ajuda. Eu poderia ter ajudado. Conhecia sua família. A esposa dele havia trabalhado uns tempos em nossa casa. Eu tinha condições de ajudar. E não o fiz.

Lían acrescentou;

-A grande questão, é que Orlan e Aldráz já se conheciam de longa data. Em uma existência anterior a esta, Aldráz foi bastante prejudicado por Orlan, que teve agora, nesta nova vida, oportunidade de reparar seu erro e estender-lhe a mão e mais uma vez, não o fez.

Antonie completou;

- O ódio de Aldráz é antigo, mascarado na ocasião em que se reencontraram apenas pelo véu do esquecimento temporário.

Orlan colocou as mãos na face;

- Me arrependo tanto! Se eu pudesse voltar no tempo!

Lían o consolou com carinho;

- Não se desequilibre meu irmão. Temos agora a oportunidade de ajudar. E ainda terá muitas outras.

Lían olhou para Marcel;

- É importante que olhemos esses infelizes não como inimigos, mas como seres doentes. Utilizaremos os recursos que estiverem disponíveis. Temos que começar tentando acalmar o ódio que por hora, domina todo psique de Aldráz.

- As preces que Charlotte mencionou serão de grande ajuda.
- Acrescentou Antonie.

Orlan fez uma súplica à Lían;

- Traga minha filha até mim!

- Você ainda não está em condições. Está se fortalecendo, em breve a verá. Agora descanse. Nossos irmãos precisam voltar.

Orlan fechou os olhos, resignado.

Marcel segurou na mão de seu tio com carinho, se despediu-se sem palavras.

Lían seguiu ao lado de Marcel;

- Agora entende como isso começou. Você e seu irmão voltarão e terão essas informações apenas em seu íntimo, não em suas mentes. No momento certo, agirão de acordo com elas.

Os espíritos amigos levaram os irmãos de volta a casa.

A madrugada longa, já começava a se despedir.

Um longo caminho

Na manhã seguinte, Jacques já era outro homem. Havia repousado não somente o corpo físico, como também recebeu benesses em seu corpo espiritual.

Aliviada com a melhora do marido, Renné procurou abastecê-lo de tudo o que pudesse contribuir para sua recuperação completa.

Era o primeiro dia na escola de Allan e o primeiro dia de trabalho de Marcel. Saíram juntos após o café da manhã.

Jacques permitiu que Marcel usasse o carro da família para que os meninos não precisassem se desgastar em condução pública, algo precário naquela região.

No caminho, Allan estava ansioso por novidades;

- E então, como foi à noite?

-- Foi a melhor noite da minha vida. Estive com Charlotte. Ela apareceu para mim.

Allan reagiu com entusiasmo;

- Jura? Por que não me contou?

- Oras! Estou contando! Lembre-se que não poderemos falar desses assuntos em casa.

- Sim, eu sei. Como foi? Você a viu assim, como está me vendo?

- Exatamente como te vejo agora. Todos os traços do rosto, os contornos do corpo, as roupas...

- Como será possível? Não estava sonhando?

Marcel sorriu;

- Não... Estava bem acordado. Não sei como isso é possível... Não mesmo.

- Ela falou com você?

- Sim! Foi rápido, mas foi... foi incrível. Ela me pediu que fizéssemos orações na casa.

-Eu rezo sempre antes de dormir.

- Eu sei. Mas é bom que façamos todos. Já que todos vivem juntos.

- Vai falar com o pai e a mãe?

- Pretendo falar hoje. Creio que não irão se opor. E com a tal mulher, como foi?

- O nome dela é Hermínia, não esqueça. Foi bem. Ela entendeu que preciso de tempo para encontrar um jeito de ajudá-la.

Marcel suspirou;

- Nós vamos conseguir, Allan. Acordei com esta certeza.

Allan respondeu pensativo;

- Vamos sim. Também acordei com mais coragem. Já sei tudo o que fazer.

Marcel sorriu;

- Vá com calma, rapaz! O assunto é muito sério.

Allan sabia da seriedade do assunto, mas estava disposto a enfrentar o que viesse.

Marcel deixou o irmão em seu destino e seguiu para o seu primeiro dia de trabalho.

A primeira aula de Marcel foi um sucesso. Apaixonado pela profissão, carismático e persuasivo, conseguia facilmente trazer seus alunos para seu universo literário.

Saiu da sala, realizado.

Como teria que esperar quarenta minutos para sua próxima aula, decidiu tomar um café.

Sozinho, sentado no refeitório do colégio, localizado em um grande pátio arborizado, não demorou para que viesse à tona em seus pensamentos seu encontro com Charlotte.

Lembrava-se de cada detalhe do seu sorriso doce e tímido. Havia considerável movimentação de alunos a sua volta, mas Marcel só ouvia o silêncio. Olhava para as folhas das árvores que balançavam com o vento frio e revivia em sua mente repetidas vezes o momento em que acariciou o rosto de Charlotte.

Imaginou como sua vida seria feliz se ela fizesse parte dela, do jeito que ele sonhava.

Inexplicavelmente, Charlotte havia se convertido na mulher de sua vida. Não havia encontrado, apesar das muitas oportunidades que teve, uma mulher que o preenchesse de forma tão plena.

Um misto de leveza e pesar dominava o seu ser. Como viveria sem Charlotte? Quando chegasse a sua hora, será que finalmente ficariam juntos?

A brisa daquela manhã gelada passou por seu rosto como se levasse embora toda a tristeza e angústia, deixando somente em sua mente a suave lembrança daquele momento singular.

Passou seu curto tempo livre imaginando formas de ajudar a sua amada. Perdido em seus pensamentos, voltou para o mundo real quando ouviu a campainha tocar, anunciando que a próxima aula estava prestes a começar.

Juntou seus livros acomodando-os nos braços, meio desajeitado.

Ao se levantar, sentiu o aroma de flores que tanto lhe encantava.

Fechou os olhos para sentir melhor.

“É você...”

Procurou a sua volta, mas viu apenas a movimentação dos alunos.

Sorriu e pensou no rosto de Charlotte. Em Seus traços finos e delicados, nos longos cabelos dourados caindo sobre os ombros e nos olhos bem desenhados que lhe traziam a paz que ele nunca havia encontrado.

Abriu os olhos devagar;

"Eu te amo."

Seguiu para a sala com o coração mais leve.

Charlotte, sentada ao lado da cadeira usada por Marcel, sorria emocionada;

"Eu te amo...".

A manhã seguiu serena, exalando o perfume da promessa de dias melhores.

No início da tarde, quando Marcel e Allan voltaram para a casa, encontraram Jacques e Renné conversando na cozinha.

Allan colocou sua pasta sobre a cadeira e foi verificar as panelas;

- Estou morto de fome!

- Vá se trocar, ainda não terminei! - Renné se dirigiu a Allan com firmeza, mas com certa doçura no tom da voz.

Marcel se apoiou na porta da cozinha.

- Tudo bem por aqui?

- Tudo bem. E você, filho. Como foi?

- Tudo bem pai. Os alunos são ótimos, são interessados, isso facilita muito.

- Isso é bom!

- Sim, com certeza! E então dona Renné; - se aproximou da mãe, abraçando-a - O que teremos hoje?

Envolvida entre as panelas, Renné se virou rapidamente para o filho;

- Ensopado de galinha com batatas. Sinta o cheiro!

- Estou sentindo este cheiro desde que cruzei o portão lá fora!

Renné sorriu orgulhosa;

- Está uma delícia! Vá se lavar, já já vou servir.

Antes de subir, Marcel resolveu aproveitar o clima amistoso para fazer o anúncio;

- Pai, mãe, tenho pensado em umas conversas que tive com o Padre Gael lá em Orne e... Acho que devemos reservar um momento do dia para fazermos orações, juntos.

Renné e Jacques se entreolham. Marcel ia às missas de domingo somente por insistência de Renné. Tinha boa relação com Padre Gael, mas não era adepto da ideologia católica. Fazia muitas perguntas, que nem mesmo o pároco sabia responder.

- Como assim filho? - Renné retirou do ombro uma pequena toalha que usava para segurar as panelas.

- Você ficou cismado com o que aquela mulher disse? - Perguntou Jacques, preocupado.

- Não pai, não é isso, é que ainda não encontramos nenhuma igreja pelas redondezas, então, por que não rezarmos aqui?

- Não vejo problema filho, é que você nunca deu muita importância a essas coisas... Mas, nunca é tarde! Como faremos?

- Eu, Allan, a senhora e o papai nos reuniremos, na sala, de preferência, todas as noites antes de dormir. Faremos uma breve oração e é só!

Jacques sorriu com ironia;

- Todos os dias? Nem na igreja rezávamos tanto!

- Homem! Na igreja basta uma vez na semana, mas em casa, sem padre nem nada, é melhor todo dia! Marcel está certo! Começaremos hoje à noite filho!

Marcel sorriu com a explicação da mãe;

- Está certo! Vou me lavar!

Certificando-se que Marcel já havia subido as escadas, Jacques falou em voz baixa;

- Tenho por certo que ele ficou preocupado com as histórias da maluca.

- Nosso filho é inteligente, não acredita nessas coisas. Deve estar sentindo falta das missas.

- Pois sim...

Antes de ir para seu quarto, Marcel procurou o irmão para dar a notícia;

- Allan, tenho uma boa notícia.

Allan virou-se para o irmão enquanto terminava de vestir a camisa;

- O que foi?

- Já falei com eles sobre a oração.

- Eles aceitaram fazer?

- Sim. Eu disse que era para substituir as missas de domingo em Orne.

- Boa! Vamos começar hoje?

- Sim, hoje antes de dormir. Agora vá almoçar, vou em seguida.

Allan se apressou para chegar à cozinha, Marcel desceu pouco tempo depois.

Marcel já havia aprendido a selecionar seus pensamentos. Tentou esquecer o lado sombrio do problema que passavam e pensava apenas em ajudar. A quem precisasse.

Era a memória, escondida temporariamente de sua consciência, emitindo seus dados. O que poderíamos chamar de intuição.

Marcel seguia a sua com obstinação. Tentou apagar o medo e a dúvida, colocando a sua força em pensamentos de paz e de amor.

Suas vibrações formavam uma grande teia de luz. Por mais que tentassem, as companhias desajustadas não conseguiam penetrar no ambiente. Sentiam-se fracas, perdidas em seus propósitos.

Assim, o almoço seguiu em paz.

Marcel passou a tarde planejando as aulas do dia seguinte enquanto Allan lia alguns livros em seu quarto.

Jacques arrumou todo o jardim. Varreu as folhas secas e podou algumas árvores enquanto Renné cuidava da arrumação da casa.

Assim, a noite chegou fria e silenciosa.

Após o jantar, todos se reuniram na sala para conversar.

Falaram dos velhos tempos e dos planos para o futuro.

O sono começava a chegar para Allan, que entre um bocejo e outro, se enroscava no sofá com a cabeça no colo do irmão.

- Ei rapazinho, ainda temos que fazer a oração, não vá dormir!

- Eu sei... Não estou dormindo.

- Como faremos isso filho? Só sentar e rezar? - Jacques tentava apressar o momento inevitável.

- Pensei em fazermos a oração tradicional e depois falamos algumas palavras.

- Como na missa, Jacques! Já se esqueceu?

- Das missas? O que você acha? - Jacques respondeu à mulher com ironia.

- Vamos começar então? O sono também está começando a me vencer.

Levantaram-se e foram até a mesa.

Não sabiam, mas estavam sendo observados.

Brás, enrolado aos caibros do teto, aguardava a hora em que todos fossem dormir. Longe das irradiações de Marcel, poderia fazer o que quisesse.

Os demais se mantinham espalhados pelos outros cômodos.

Marcel se dirigiu à Renné;

- Mamãe, quer fazer a oração? A senhora sabe fazer como o Padre fazia.

Aceitando o convite de Marcel, Renné se ajeitou na cadeira e se preparou para começar;

- ' Pater noster qui es in caelis
sanctificetur nomen tuum
adveniat regnum tuum
fiat voluntas tua,
sicut in caelo et in terra.
Panem nostrum quotidianum
da nobis hodie;
et dimitte nobis debita nostra,
sicut et nos dimittimus debitoribus nostris,
et ne nos inducas in tentationem,
sed libera nos a malo. Amen.'

Todos mantiveram seus olhos fechados.

Aquelas palavras, pronunciadas com todo o sentimento e compartilhada por todos, ecoavam no íntimo dos perseguidores.

Brás recebeu a oração como dardos venenosos.

Desceu do teto profundamente aborrecido. Entre palavrões, gritava descontroladamente;

- O que querem com isso! Seus desgraçados!

Allan pensou em Hermínia e desejou profundamente que seu sofrimento acabasse. O pensamento do menino criou uma onda

luminosa que subiu até os lugares mais distantes da casa. Mas, antes disso, chegaram até o quarto do menino, onde Hermínia estava.

Sentada em um canto do quarto, Hermínia sentiu sua angústia diminuir pouco a pouco.

Ao seu lado, um espírito amigo olhava para a jovem mulher, enternecido.

- Esperei tanto que você me concedesse essa oportunidade!

O homem magro, de semblante amoroso, doou seus fluidos para o denso perispírito de Hermínia, que os recebia como um bálsamo reconstrutor.

- Não se martirize tanto minha irmã. Todos nos enganamos nas estradas da vida. Mas sempre podemos buscar novos caminhos.

Hermínia não conseguia ver seu benfeitor, nem o ouvir, mas as palavras carregadas de caridade e amor, entravam pouco a pouco em sua mente.

Sentiu suas emoções equilibrando-se até que conseguiu dar-se conta de sua condição, sem tanta culpa e desespero.

O benfeitor deixou o quarto otimista com a situação de sua protegida.

Após a oração de Renné, Marcel tomou a palavra;

Ao seu lado, Lían o inspirava;

- Pedimos proteção para todos os habitantes desta casa. Que encontrem a paz merecida por todos. Que o amor prevaleça sempre e que possa habitar nos corações mais amargurados.

Brás se contorcia alucinado. Colocava as mãos nos ouvidos e andava de um lado ao outro da sala, até que não suportou mais e

saiu do cômodo iluminado;

- Vocês venceram por hoje! Só por hoje!

Saiu da casa como se fugisse de seu pior pesadelo.

Os demais ouviam a súplica de Marcel, contrariados. Mas mantiveram-se em seus lugares.

Diferentemente de Hermínia, ainda não eram capazes do encontro consigo mesmos, mas suportaram as emanções luminosas, apesar do visível mal estar.

Após a oração, cada um subiu para o seu quarto.

Na cama, Jacques beijou sua companheira;

- Até que foi bom. Me sinto melhor. O que achou?

- Achei ótimo. E você está precisando mesmo.

- Eu? Que ideia é essa?

- Ainda não está recuperado cem por cento.

- Eu estou ótimo, mulher! - Jacques abraçou a esposa se ajeitando confortavelmente para a sua tão esperada noite de descanso.

Marcel deixou Allan na porta de seu quarto;

- Durma bem rapazinho. Já sabe, qualquer coisa, é só me chamar.

- Boa noite Marcel.

Allan deitou-se esperando o chamado de Hermínia, que não veio.

“Deve estar descansando...”.

Cobriu-se para se proteger do frio intenso e não tardou a adormecer.

Ele tinha razão. Hermínia descansava. Sem dor. Sem tristeza. Pelo menos por aquela noite.

Marcel vestiu mais uma blusa e se deitou. Olhou para o retrato de Charlotte, pensativo;

- Onde você deve estar agora?

Fechou os olhos e voltou a recordar de seu encontro. Sorria sem perceber.

Foi quando ouviu Charlotte chamar seu nome;

- Marcel!

Ele abriu os olhos rapidamente e teve a visão que tanto desejou, durante todo o dia.

Charlotte estava em pé, ao lado da janela.

E a noite estava só começando...

Laços e nós

Marcel levantou-se da cama e foi ao encontro de Charlotte. Segurou suas mãos e olhando diretamente em seus olhos, falou com emoção;

- Pensei em você durante todo o dia.

Charlotte sorriu enternecida;

- Eu sei.

Marcel acariciou os cabelos da amada;

- Será que um dia me explicará como isso é possível? Como consigo te ver, te tocar...

- Então pensava que somos feitos de fumaça?

- Não... fumaça não... -Marcel deu um sorriso espontâneo.

- Então... O que você está tocando agora também é um corpo, só que um corpo menos denso que o seu. Posso torná-lo visível e até mesmo palpável com a força da minha vontade, e com a sua ajuda.

- Minha ajuda?

- Sim. Você é um doador de fluidos nato. Eles ajudam a compor o que preciso para que isso aconteça.

- Mas... Como faço isso?

- Você nasceu com esse dom. E... Além disso, é preciso também que nossos fluidos combinem. Que sejam, digamos, compatíveis. E o mais importante, tem que ser permitido. Tem que ter um propósito. Quando essa junção de fatores acontece, a aparição de torna possível.

- Somos compatíveis? - Marcel perguntou com certo ar de satisfação;

- Sim. somos... - Charlotte respondeu sorrindo.

- Nossa... Não fazia ideia de nada disso.

- A maioria das pessoas não faz ideia. Mas para tudo existe uma explicação.

Marcel trouxe Charlotte para sentar com ele em sua cama;

- Poderei te ver toda noite?

- Toda noite não. Vim hoje para agradecer. A oração que vocês fizeram foi linda. E surtiu o efeito que esperávamos. -

Charlotte acarinhou o rosto de Marcel; - Obrigada...

Marcel segurou sua mão e a beijou;

- Preciso te ver sempre.

- O fato de não me ver não quer dizer que eu não esteja por perto.

- Quando não sinto sua presença, me sinto incompleto, vazio.

Charlotte suspirou com certa tristeza;

- Marcel, não pode ficar preso a mim. Você tem uma vida para ser vivida. Um dia terá que conhecer uma moça, se casar, ter seus filhos.

- Então me diga como isso seria possível, porque não vejo como.

Uma lágrima cai dos seus olhos, verdes e tristes;

- É assim que tem que ser.

Marcel segurou o rosto de Charlotte entre as mãos e o puxou com carinho para junto do seu;

- Olhe para mim... Não vou me afastar de você, nunca.

- Não poderei ficar aqui para sempre. Este não é mais o meu lugar.

Os olhos de Marcel mostravam o pesar que seu coração experimentava;

- Daremos um jeito... sempre tem um jeito.

Charlotte fechou os olhos e aproximou seus lábios aos lábios de Marcel;

O beijo cheio de carinho e ternura se misturou com as lágrimas que eles não conseguiam evitar.

- Tenho que ir agora. Mais uma vez, obrigada por me ajudar.

- Eu amo você Charlotte. Amarei sempre, sempre. Não importa a condição em que nos encontramos.

- Eu também amo você. Se cuide.

Marcel beijou mais uma vez a sua amada.

- Se deite ao meu lado até que eu durma. Não quero te ver ir embora.

Charlotte ajeitou-se ao lado de Marcel, que a abraçou passando seus braços pelo vestido azul cintilante. Com o rosto encostado em seus cabelos, podia sentir o perfume que vinha de seus fios longos e dourados.

Com as mãos entrelaçadas, Charlotte e Marcel uniam seus corpos. O corpo denso, material de Marcel e o corpo espiritual e sutil de Charlotte.

Assim Marcel adormeceu. Desligou-se do corpo físico, ainda semi- inconsciente e se manteve ao lado da cama.

Charlotte beijou as mãos inertes de Marcel que a entrelaçava.

- Boa noite meu amor.

Saiu de seu antigo quarto com leveza.

Aproveitou a atmosfera favorável da casa e andou calmamente pelos corredores, desceu as escadas e sentou-se no último degrau.

Começou a recordar dos momentos que viveu na casa. Dos jantares em família e de como gostava de ficar na cozinha vendo sua mãe preparar croissant para seu pai.

Começou a chorar.

Apoiou a cabeça sobre as mãos e não conteve o pranto copioso.

Lían surgiu na sala e se aproximou, sentou-se ao seu lado devagar;

- Por que chora?

Charlotte, ainda de cabeça baixa, respondeu quase sem força;

- Queria tanto que as coisas fossem diferentes.

- Fala de que exatamente?

- De tudo.

- Em relação à situação de seus pais e desta casa, é questão de tempo. Eles estão expiando o que lhes cabe, você sabe. Todos os envolvidos aprenderão muito com tudo isso.

Charlotte levantou a cabeça;

- Eu sei.

- Agora, quanto a Marcel... Não entendo o motivo da tristeza. Não é todo dia que vemos nascer um sentimento tão bonito e verdadeiro.

- Um dia terei que deixa-lo aqui.

- Não permita que o desânimo tome conta do seu ser. Sim, chegará o dia em que terá que ir. Mas isso é motivo para tristeza? Quanto tempo levará até que Marcel parta para a verdadeira vida? E até lá, acredita mesmo que não poderá vir visitá-lo?

Charlotte ergueu o olhar;

- Tem razão. Estou pensando como a Charlotte de antes.

Lían sorriu amoroso;

- Os verdadeiros laços não precisam da vida material para existir. A vida na carne apenas os coloca em prova.

Charlotte segurou a mão de seu mentor;

- Obrigada.

- Temos muito trabalho pela frente. Aproveitemos a harmonia da casa para darmos o próximo passo.

- Que passo?

- Alguns irmãos chegarão e faremos uma pequena reunião. Tentaremos chegar até Aldráz.

Charlotte consentiu.

Depois de um tempo, amigos invisíveis começam a chegar. Antonie e Marion eram alguns dos que organizam as comitivas. Charlotte observava de longe.

Se espalharam pela sala e aguardaram juntos o pronunciamento de Lían, que não tardou em começar;

- Irmãos, temos esta noite um grande desafio. E nosso tempo é limitado. Uniremos nossos pensamentos em prece por nosso irmão Aldráz.

Pensamentos nobres de amor e caridade envolveram todo o ambiente.

Os infelizes perseguidores sentiram novamente uma onda de paz e tranquilidade atingir-lhes o íntimo. Tinham reações contraditórias. Ao mesmo tempo em que gozavam da alegria de um bem estar que há muito já haviam se esquecido, lutavam contra a onda de harmonia que os fazia esquecer-se de seus propósitos inferiores.

Na região umbralina, Aldráz liderava uma reunião de espíritos sofredores e enfermiços. Quanto mais trabalhadores recrutava, mais êxito teria em seus planos de vingança.

Aldráz tinha vários alvos. Por vezes, abraçava causas alheias em troca de pequenos agrados.

Quando terminava sua explanação dominadora, sentiu uma forte onda fluídica o envolver.

Não conseguia definir com clareza a origem daquele imã que o atraía para a casa 32 de Bernay.

"O que será desta vez...".

Aldráz se deixou envolver e quando se deu conta estava na sala da casa de Orlan. E não estava só.

Cercado de benfeitores que se mantinham visíveis com a ajuda das boas vibrações da casa, Aldráz deu um pulo para trás, como alguém que se vê diante de algo que lhe causava profundo pavor.

Mantinha-se no lugar com enorme dificuldade.

- O que fazem aqui? O que querem de mim?

Lían se aproximou;

- Aldráz, não queremos o seu mal. Viemos conversar com você.

Aldráz soltou uma gargalhada demorada;

- Conversar comigo?

Outra gargalhada estridente ecoava no cômodo iluminado.

- Não tenho conversa com vocês. Quero que respeitem meu território e saiam!

Lían se dirigiu a Aldráz, amorosamente, mas com firmeza;

- Aqui não é seu território.

- É meu por direito! Não podem ficar aqui! Não são bem vindos!

- Por que se compromete tanto? Não acha que já é hora de esquecer essa vingança?

- Agora que está ficando bom?

- Aldráz, todos cometemos erros. Perdoe os atos infelizes de nosso irmão Orlan.

A expressão de ódio de Aldráz aumentou;

- Perdoar? Jamais! Terei minha vingança! Veja onde estou, olhe pra mim! Acha que esse verme merece perdão?

- Chegou a este ponto movido por seus sentimentos de vingança.

- Ele me colocou aqui! Ele não me deu alternativa!

- Sempre temos alternativa. E o que faz com Rose? Acha que isso vai tirar você da sua situação?

- Quando aquele covarde aparecer, eu deixo a mulher.

- Orlan responderá por suas faltas, você não precisa sujar suas mãos com o sofrimento dele.

- Não confio nas suas regras. Prefiro seguir as minhas.

- Estas regras não são minhas. E aceitando ou não, você está subordinado a elas. Um dia, você terá que responder por tudo isso. Não poderá fugir. - Aldráz olhou fundo nos olhos de Lían, que continuou; - O que prefere? Criar mais problemas pra você? Até quando acha que poderá fugir da justiça?

- Sou eu quem faz a justiça por aqui!

- Pense em tudo o que lhe disse. No momento em que desistir de fazer tanto mal, eu te receberei pessoalmente.

- Nunca! Nunca! Eu sou o chefe aqui. Mando e sou obedecido!

- Terá que responder também por estas criaturas que escraviza. Veja até onde você chegou.

- E posso ir bem mais longe...

- Aldráz, todos recebemos o remédio que precisamos para melhorar, ainda que este tenha o gosto bem amargo. Mas em algum momento, melhoramos e nos livramos do purgante regenerador. Esse dia chegará para todos estes que persegue com seu ódio. Inclusive esses infelizes que escraviza. Quando este dia chegar, não terá mais domínio sobre eles. E dia chegará em que terá que responder por seus atos. Estamos lhe dando a chance de que esse dia chegue por sua vontade. Não desperdice essa oportunidade.

Aldráz olhou em sua volta e para todos os espíritos amigos;

- Pois terão que me pegar à força se quiserem que eu responda por alguma coisa!

Aldráz sai da sala impetuosamente, profundamente transtornado.

Antonie se aproximou de Lían;

- Tivemos êxito.

- Sim. Precisaremos de mais alguns dias e então recorreremos ao último recurso, Este por certo será decisivo.

Os benfeitores se uniram a Charlotte e deixaram a casa com a certeza do dever cumprido.

Aldráz voltou para seu esconderijo, cheio de ódio, mas sem forças para agir.

As lembranças da vida miserável de crimes que passou a levar após sua total ruína e a solidão dos dias escuros em que a enfermidade dominou seu corpo e sua alma, martelavam em sua mente sem piedade e se misturavam com as palavras de Lían.

Percebendo que não conseguia se livrar daquelas sensações contraditórias, seguiu de volta para as ruas da França.

Se alojou em um velho e conhecido prostíbulo de Paris. Ali encontraria os ingredientes que precisava para tirar de seu ser as lembranças daquela noite de tormenta.

O despertar

Os dias passavam e a rotina da família continuava a mesma. Visivelmente mais harmonizados, conseguiram manter o equilíbrio emocional em todas as questões que se apresentavam.

Marcel já compreendia como as coisas funcionavam. Seu sentimento por Charlotte não era ilusão ou fantasia. Eram dois seres que se amavam, em condições distintas.

Os encontros que Marcel tanto esperava não eram tão frequentes como desejava. Mas eram suficientes para que seu coração sentisse a paz e alegria que tanto buscava.

Com a ajuda de Lían e dos outros mentores, Marcel deu continuidade às orações noturnas com firmeza e dedicação.

Após sete dias, a casa já apresentava outro teor vibratório.

Os espíritos sofredores, escravizados por Aldráz, sentiam uma leve esperança, que os faziam vacilar diante de suas funestas missões.

Não conseguiam mais atrapalhar, perseguir, tumultuar. Se mantinham inertes, sem forças.

Aldráz se afastava da casa durante a noite. Saía às ruas buscando diversão, acompanhado por Brás.

As emanções de amor e caridade direcionadas a eles, principalmente a Aldráz, surtiem um efeito mais eficaz em seu ser do que ele podia supor.

Desorientado e perdido, Aldráz não conseguia mais afetar a suas vítimas como antes. Inclusive a Rose.

Preso em uma das cavernas das regiões inferiores, Livre dos dardos energéticos negativos de seu algoz, Rose já conseguia entender sua situação, por ela mesma.

O guardião putrefato apenas a vigiava, mas não entendia o motivo de fazê-lo. Sem o controle constante de Aldráz, seu domínio sob Rose era cada vez menos eficiente.

Rose começava a lembrar-se de sua vida em Bernay ao lado de Orlan e de Charlotte. Não eram mais lembranças entrecortadas, soltas. Lembrava-se dos fatos e de como se sentia em relação a cada um deles.

A saudade daqueles dias nublados, mas profundamente felizes invadia o seu ser com a força de uma tormenta.

Seus sentimentos sinceros chegaram até Orlan, que de seu descanso rendido, sentiu os pensamentos da esposa, causando em seu coração um misto de comoção e alegria.

- Antonie! Marion! - Orlan sentou-se na maca e esticou a cabeça até onde seus olhos alcançavam.

- Se acalme Senhor Orlan! Nossos irmãos estão em outras regiões no momento, precisa de ajuda?

- Sim! Minha Rose! Ela está de volta! Está de volta! Posso sentir! Eles precisam saber! Precisam ir buscá-la!

- Esta agitação não fará bem para o senhor! Eles saberão disso, esteja certo! Se acalme e eleve o seu pensamento, encha-o de paz e harmonia e o direcione a nossa irmã Rose. A fortalecerá neste momento do despertar.

Orlan deitou-se novamente e deixou uma lágrima cair;

- Tem razão...

Fechou os olhos e mentalizou sua esposa com carinho;

"Rose seja forte! Não está sozinha! Amamos você!"

Em meio às suas doces lembranças, Rose sentiu as palavras de Orlan em seu coração. Algo que não sabia explicar, mas que a confortava;

- Orlan...

Olhou a sua volta e sentiu uma profunda tristeza diante da sua situação. Cobriu o rosto com as mãos e chorou;

- Preciso de ajuda... Preciso sair daqui, este não é meu lugar! Preciso de ajuda!

As palavras de Rose se misturavam ao éter universal, matéria prima única que interliga todas as coisas do universo e ecoaram em todas as direções em que sua vibração estava ligada. como um fio condutor de energia.

Tais emanções chegaram a Orlan, Charlotte e aos mentores que a acompanhavam, principalmente, a Lían.

Não tardou para que Lían, acompanhado de Marion, chegasse à região tenebrosa.

Andaram tranquilamente entre os lamaçais mal cheirosos onde espíritos consumidos por seus sentimentos destrutivos rolavam de um lado a outro, entre gemidos e juras de vingança.

Os mentores não podiam ser percebidos, tamanha a diferença do tônus vibracional que existia entre eles.

Caminharam pela vasta região íngreme e escura, até que chegaram até a caverna de Rose;

- É aqui. Repare na figura grotesca que monta guarda.

- Sim, Lían. É lamentável que ainda existam irmãos que vivem nesta situação.

Lían se aproximou primeiro, seguido de Marion. Como era de se esperar, não foram notados pelo soldado de Aldráz.

Mas foram vistos por Rose.

A pobre suicida se jogou aos pés de Lían tão logo notou sua presença;

- Me ajude! Me ajude! Preciso sair daqui!

- Calma minha irmã. Levante-se. Estamos aqui para lhe ajudar. - Lían levantou Rose pelos braços com cuidado. - Não chore. Vamos levá-la daqui. Sua hora chegou.

Rose sentiu seu coração se encher de esperança. Buscou o equilíbrio necessário para manter a condição emocional que finalmente havia conquistado.

Lían e Marion lhe aplicaram fluidos balsamizantes que funcionaram como anestesia temporária. Apoiaram Rose em seus braços e saíram do cativo trevosos. Envolvida por vibrações superiores, Rose não foi notada por seu sentinela.

Chegaram ao mesmo Posto de socorro em que Orlan era hóspede. Acomodaram Rose, ainda desacordada, em uma das

macas.

Passando a mão carinhosamente em sua fronte, Lían se dirigiu à Rose, ainda que não pudesse ser ouvido;

- Seu sofrimento acaba aqui.

- Daremos a boa notícia à Orlan? - Marion questionou se aproximando mais da maca.

- Creio que ela necessita de mais tempo. Precisa recuperar suas forças.

- Sim. É aconselhável.

- Fique um pouco com ela e dê as devidas instruções sobre o caso em questão. Voltarei em breve.

Lían seguiu em direção a uma colônia espiritual muito próxima à crosta terrestre. Apesar de a densidade fazer lembrar um pouco à da Terra, era um lugar que inspirava uma sensação de paz singular, que nem mesmo as criaturas mais felizes da Terra podiam experimentar.

Os jardins eram verdes e luminosos. Suas flores tinham cor e textura incomparáveis. Havia bancos espalhados por todo o jardim, todos cobertos por flores e folhas, onde os espíritos que ali viviam podiam conversar, ler ou simplesmente ouvir a música suave que se fazia notar em toda a extensão da colônia.

Lían caminhou pelo vasto jardim em direção a um banco afastado que ficava de frente a um pequeno lago; Nele, Charlotte se entretinha com um pequeno livro de poesias.

- Charlotte, que bom vê-la estudando!

Charlotte interrompeu sua leitura e se dirigiu a Lían, com ânimo;

- Lían, precisava falar com você, mas não sabia como encontrá-lo!

- O que queria falar?

- Sobre mamãe. Creio que algo aconteceu.

Lían sorriu;

- Sim, aconteceu. E foi isto que vim lhe falar.

- O que houve? Senti como se ela quisesse falar comigo, nunca havia sentido isso antes.

- Sua mãe já recuperou a consciência, Charlotte. Longe das teias de Aldráz, ela finalmente conseguiu o equilíbrio necessário para sair do transe em que estava.

Entre lágrimas, Charlotte não disfarçou a emoção;

- Que boa notícia! Onde ela está? Quando poderei vê-la?

- Está no mesmo lugar que seu pai. Mas ele ainda não sabe. Quanto a poder vê-la, é recomendável que esperemos mais. Ela precisa de um pouco mais de tempo para se fortalecer. Uma emoção tão forte agora poderia colocar sua sanidade em jogo novamente.

- Entendo. Esperarei o tempo que for. Agora estou tranquila, sei que ela está protegida.

- Faremos o possível para que a recuperação seja plena. Agora temos que ajudar aqueles pobres irmãos escravizados e por fim, Aldráz.

- Sim. Conseguiremos! Tenho certeza que não tardará o dia em que Aldráz entenderá nosso propósito de ajudá-lo.

- Esta noite nos uniremos ao protetor de Hermínia e tentaremos levá-la de lá.

Charlotte assentiu com a cabeça.

- E seu coração, ainda sofrendo com o futuro?

- Um pouco menos. Amo Marcel. Isso me fortalece para o que quer que nos aguarde no futuro.

Lían sorriu demonstrando satisfação;

- Fico feliz que seus pensamentos estejam mais equilibrados, que esteja conseguindo ver as coisas como elas realmente são. É um grande progresso! Por isto, lhe darei outra boa notícia!

- Qual?

- Hoje se encontrará com seu pai.

Charlotte levantou-se do pequeno banco coberto de alamandas amarelas e com as mãos levadas à boca, sorriu surpresa;

- Não posso acreditar! Verdade o que me diz?! Verei meu pai?!

- Sim! Levarei você até lá, mas... Com uma condição...

Enxugando as lágrimas que teimavam em cair, Charlotte indagou curiosa;

- Que condição?

- Não me pedirá para ver sua mãe. Poderá deixar-se levar pelo impulso de querer vê-la. Mas, precisará ser forte. Por ela. Estamos combinados?

Charlotte suspirou fundo;

- Estamos combinados. Não pedirei.

- Então, não esperemos mais!

Charlotte se assemelhava a uma criança prestes a receber o acolhimento do pai amado. Não cabia em si de tanta felicidade. Pensou em Marcel.

Queria compartilhar com seu amor tamanha felicidade. Quase sentiu-se triste, mas lembrou-se que, tinha mais motivos para agradecer do que motivos para chorar.

Pensou na alegria de rever seu pai, no reencontro que em breve teria com sua mãe, e que, havia encontrado o amor, exatamente como sempre imaginou que seria.

"Amo e sou amada. Que mais poderia querer?"

Seguiu feliz com Lían ao encontro tão esperado. Lembrou-se rapidamente de pequenos momentos que viveu com seu pai.

As brincadeiras no jardim em sua época de infância, do colo na hora da tristeza, dos abraços de alegria.

Se lembrou dos cafés e das conversas dos últimos anos... Do vazio que sentiu por não poder desfrutar mais de sua companhia, após a inevitável separação.

Se sentiu feliz... A saudade não a machucaria mais;

Finalmente, reencontraria seu pai.

O reencontro

Charlotte e Lían chegaram até o posto de atendimento envolvidos pela alegria e contentamento que a ocasião propiciava.

Ao se aproximar da entrada, Charlotte fez uma breve parada, fazendo com que Lían se colocasse mais à frente.

Lembrou-se da promessa que fez ao seu mentor, mas não conseguiu conter as lágrimas.

- Me desculpe.

Lían entendia os sentimentos de Charlotte;

- Tudo bem. Procure se harmonizar. Não temos pressa.

Com a delicadeza habitual, Charlotte sorriu em sinal de agradecimento. Seu coração precisava desta pausa.

Buscou direcionar os pensamentos para o momento do reencontro tão esperado com seu pai e deixou a saudade de sua mãe guardada para o momento oportuno.

- Estou pronta. - Respirou fundo.

Entraram no cômodo amplo e iluminado em direção ao leito de Orlan.

Quando estavam prestes a se aproximar, Lían conteve Charlotte;

- Deixe que eu prepare nosso irmão.

-Charlotte assentiu com a cabeça.

Com mais alguns passos, Lían se aproximou da maca e encontrou Orlan desperto, mas com o olhar perdido e desalentado;

- Como vai Orlan?!

O velho senhor de expressão triste virou-se lentamente e percebendo a presença de Lían, se apressou em dar a boa notícia, com a expressão mais animadora;

- Sr. Lían! Lhe busquei incessantemente! Creio que tenho boas novas!

- Do que se trata?

- Creio que minha Rose está melhorando! Tem notícia dela?

Lían sorriu, segurando a mão de Orlan;

- Ainda não, mas hoje estaremos em serviço na casa e teremos notícias de Rose por certo.

De certa forma decepcionado, mas sem perder o brilho nos olhos, Orlan retribuiu o gesto e buscou a mão do amigo;

- Por favor, me dê notícias dela, qualquer que seja!

- Sim, trarei notícias de Rose. Mas agora precisa se acalmar, pois tenho uma notícia muito boa para você.

- O que é?

- Hoje você tem uma visita muito especial.

Orlan correu seus olhos até onde podia ver;

- Quem? Quem está aqui?

Lían se afastou da maca rapidamente e voltou segurando Charlotte pelas mãos.

Sem acreditar no que via, Orlan buscou forças para levantar-se, o que conseguiu com enorme dificuldade.

Amparando-o pelos braços enfraquecidos, Charlotte o acomodou na velha maca, entre lágrimas copiosas de saudade;

- Pai! Meu pai! Quanta saudade!

Orlan não conseguiu falar. Abraçou forte a sua filha querida, a quem não via há tanto tempo... Seu pranto era comovente. Soluçava

baixinho, sem conseguir controlar sua emoção. Somente depois de uns poucos minutos, conseguiu falar;

- Filha!

Lían observava a cena enternecedora. Já estava acostumado a presenciar encontros, reencontros e despedidas, mas cada cena que se repetia diante de seus olhos, era como se fosse a primeira.

A saudade é um sentimento legítimo da alma humana. Compreendida e justificada pelos espíritos mais elevados.

Abraçado à filha, Orlan deu um suspiro profundo e prolongado, como se seu coração colocasse para fora todo resquício de tristeza e dor que insistiram em ficar.

- Paizinho... Como esperei por isso!

- Como você está filha? - Orlan passava as mãos pelos cabelos de Charlotte, com ternura.

Voltando o olhar para seu pai, Charlotte enxugou as lágrimas que caíam em seu rosto alvo;

- Eu estou bem. E o senhor, como se sente?

- Demorei em recuperar minhas forças... Mas aos poucos estou me restabelecendo... Tem notícias de sua mãe?

Charlotte olhou rapidamente para Lían, como se pedisse ajuda;

- Mamãe ainda está um pouco perdida, como já deve saber. Mas estou acompanhando seu progresso.

Lían interveio;

- Em breve teremos boas notícias.

- Que assim seja! Lembrei-me que está ajudando a meu sobrinho e a família dele em nossa antiga casa.

- Sim. Estamos logrando grandes êxitos!

- Fico feliz, filha... Sente - se aqui do meu lado, vamos conversar um pouco.

Charlotte sentou-se ao lado do pai amado e afagando seus cabelos, Sorriu emocionada;

- Estou tão feliz de estar ao seu lado novamente!

Orlan buscou o abraço de Charlotte mais uma vez.

Lían interrompeu o momento, falando em tom cordial;

- Verei alguns irmãos em observação e já volto. Charlotte, prepare-se. Temos uma missão importante pela frente.

Lían deixou pai e filha a sós.

- Tome cuidado. Não quero que nada lhe faça mal. Não mais... - Orlan desabafo com as mãos entrelaçadas as de Charlotte.

- Não se preocupe. Contamos com a ajuda necessária. Quero que descanse, pai. Quero vê-lo longe daqui, para passarmos juntos, como fazíamos, lembra-se?

- Como não me lembraria? Lembro-me de cada momento.

- Somente esses bons momentos que deverá reter em seu coração daqui pra frente. Me promete?

- Prometo filha. - Respondeu Orlan, com os olhos molhados de lágrimas.

Bastou que Lían surgisse aos olhos de Charlotte, ao longe, para que ela entendesse que era chegado o momento de se despedir.

- Paizinho, preciso ir. Voltarei em breve.

- Não demore a voltar! E... Cuide-se filha.

- Tomarei cuidado, pai... E lembre-se do que lhe disse!

- Eu prometo que farei tudo para melhorar.

Um abraço demorado selou o acordo.

Sentado na maca, entre lençóis brancos e delicados, Orlan observou sua filha se afastar calmamente.

"Obrigado meu Deus! Obrigado por trazer de volta a minha menina!"

Deitou-se com as mãos sobre o peito e o sorriso nos lábios.

Na casa de Bernay, a família se preparava para terminar as orações da noite. Sem que notassem, estavam amparados por diversos espíritos de vários estipes.

Mentores que traziam irmãos desencarnados em busca de palavras edificantes, espíritos que assistiam à reunião por vontade própria e principalmente, os espíritos sofredores habitantes da casa, cada vez mais libertos das amarras de Aldráz.

Hermínia já conseguia assistir às reuniões na sala, sentada no velho sofá. Ao seu lado, seu mentor aplicava-lhe fluidos que ajudavam a recompor seu perispírito enfermiço.

Lían e Charlotte chegaram em meio ao clima de harmonia que exalava na grande sala.

Charlotte se colocou ao lado de Marcel, que ainda ocupava a mesa.

Imediatamente Marcel sentiu a presença de seu amor. Além do perfume, já conhecia a sensação de felicidade que somente a presença de Charlotte lhe trazia.

Lían se aproximou de Pierre, que após aplicar os fluidos em Hermínia, mantinha-se ao lado de sua protegida.

- Vejo que nossa irmã melhora a cada dia.

- Ela tem apresentado significantes progressos, mas ainda não consegue notar minha presença.

- É natural. Faremos hoje com que venha conosco. Está pronto?

- Sim. É provável que ela siga o menino até o quarto, como faz todas as noites.

- Receberemos o menino, ele nos ajudará no processo.

- Sem dúvida.

- Aguardemos que a família se recolha.

E assim aconteceu. Não tardou para que o silêncio invadisse a casa 32.

Lían e Pierre foram até o quarto de Allan e encontrou seu corpo espiritual deitado ao lado de seu pequeno corpo de carne.

Com cuidado, Lían se aproximou do corpo fluídico do menino, que despertou sem dificuldade.

- Allan, precisamos de você esta noite. Nos aproxime de Hermínia. Precisamos que ela nos veja.

- Em estado de consciência semi-entorpecida, Allan compreendeu a petição e perguntou preocupado;

- Como farei isso?

- Ela lhe tem como guia e protetor. Diga a ela que viemos ajudá-la. Isso facilitará nossa aproximação.

Allan consentiu.

Se dirigiu ao canto do quarto, onde Hermínia repousava. Se aproximou e abaixando-se lentamente, falou em voz baixa;

- Hermínia... Acorde...

Hermínia levantou a cabeça devagar;

- Estou acordada.

- Lembra-se que lhe prometi ajuda?

- Sim. Me lembro. - Respondeu com surpresa.

- Pois então. Eu sozinho não posso fazer muito, mas aqui comigo tem dois amigos que poderão te ajudar.

Hermínia se levantou e buscou a sua volta;

- Onde estão? De que amigos fala?

Lían se aproximou enquanto Pierre mantinha os pensamentos harmonizados, que liberavam pequenas luzes em direção ao campo de força de Hermínia, situado na parte alta de sua cabeça.

Ao perceber a presença de Lían, Hermínia deu um pequeno salto para trás.

- Não se assuste, minha irmã. Estou aqui para lhe ajudar.

- Quem é você?

- Sou seu amigo. Confie em mim. Não vou lhe fazer mal.

Hermínia buscou o olhar de Allan, que a encorajou a ouvir o mentor;

- Ele é nosso amigo Hermínia. Não tenha medo.

Se aproximando aos poucos, Lían foi ficando cada vez mais visível aos olhos da pobre mulher.

- Minha irmã, viemos buscá-la! Não precisa ficar aqui. Precisa descansar.

Sentindo uma sensação de paz e conforto que aumentava à medida que Lían se aproximava, Hermínia chorou com as mãos entre os olhos, escondendo-se de sua dura realidade;

- Só quero encontrar meus filhos!

- Lhe ajudaremos! Se encontrará com eles!

- Agora? Onde estão?

- Acalme-se minha irmã! Eles estão bem! Precisa equilibrar suas forças para que esse encontro seja possível.

- Me ajude! - Pediu, desamparada.

- Lhe ajudaremos! Pierre levará você a um lugar seguro. Ele é seu amigo de longa data, ainda que não se lembre.

Pierre se aproximou de Hermínia e com um sorriso de felicidade, segurou suas mãos trêmulas;

- Que alegria está sendo para mim tirá-la desta condição!

Hermínia se emocionou ao ver aqueles olhos cheios de ternura voltados para ela. Refugiou-se no abraço de Pierre, encontrando o alívio que seu coração tanto precisava.

Allan observava profundamente comovido.

- Obrigado, Allan. Seu carinho e atenção por Hermínia foram cruciais em nosso êxito. - Com as mãos nos ombros do menino, Lían o levou de volta ao seu corpo físico.

Pierre já havia deixado o cômodo levando Hermínia, quando Allan despertou, observado por Lían.

Sua mente estava confusa. Sabia que havia vivido momentos importantes, podia sentir seu coração bater forte, mas não se

lembrava de nada concreto.

Sentou-se na cama e buscou uma pequena garrafa de água em sua cabeceira.

Enquanto bebia a água, Lían acarinhava seus cabelos. Sorriu e deixou o quarto.

Voltou à sala onde Charlotte ajudava os outros mentores, transmitindo fluidos energizantes aos moradores invisíveis da casa.

Terminado o seu trabalho, Charlotte se aproximou do benfeitor;

- Como foi com Hermínia?

- Não poderia ter sido melhor. Não houve resistência alguma. Ela já está fora da casa.

- Que boa notícia! Imaginei que não encontraria dificuldades, ela já apresentava melhora considerável.

- Sim. Graças ao menino ela já estava pronta para esse momento.

Charlotte sorriu; - Agora temos que alcançar Aldráz e seu fiel servidor.

Lían respondeu pensativo;

- O trabalho exigirá muito de nós. Mas estou confiante.

- Iremos em busca deles?

- Hoje não. A hora deles chegará.

Um amor maior

A madrugada de chuva intensa deu lugar a uma manhã cinza e gelada. A chuva continuava. Mais fina e suave. O vento rumoroso balançava as copas das árvores, convidando os moradores de Bernay a permanecerem no aconchego de seus lares, por mais algum tempo.

Renné foi a primeira a se levantar, como acontecia todos os dias. Desceu as escadas amarrando seu robe bege para se proteger do ar frio que a incomodava.

Enquanto esquentava o leite, começou a preparar o café, calmamente. Tirou de cima da geladeira o bolo de milho que havia feito na noite anterior.

De repente a casa foi tomada pelo aroma do café recém-coado e do leite quente. Não demorou para que a família se juntasse à mesa para mais um café da manhã.

Grande parte dos perseguidores que viviam na casa já haviam partido.

Muitos resgatados por seus mentores, que aproveitaram as brechas que seus protegidos criaram quando foram tocados por arrependimentos tenazes.

Outros foram naturalmente atraídos para fora da casa, por parentes e amigos que conseguiram se fazer notar.

Marcel e Allan já estavam prontos para sair quando foram abordados por Jacques;

- Esperem, sairei com vocês, vou comprar o jornal. Quem sabe dão notícias sobre a ocupação em Orne. Pegarei meu cachecol, não me demoro.

- Estamos esperando. - Marcel aguardava na porta, enquanto Allan se dirigia para o jardim.

Jacques desceu as escadas apressado, parando apenas para dar um rápido beijo na esposa, que ajeitando as voltas do

cachecol do marido, indagou;

- Por que quer notícias de Orne? Por acaso pensa em voltar?

- Claro que não mulher! Mas precisamos decidir o que fazer com a casa. Fechada não poderá ficar.

Renné levantou as sobrancelhas e suspirou; - Sim, sim. Tem razão.

- Vamos então?

- Sim filho, vamos.

A porta se fechou deixando Renné só na casa. A chuva fina não parava de cair e com o passar dos minutos, o frio só aumentava.

Renné aproveitou o silêncio da casa e voltou para o quarto. Tirando os chinelos, murmurou baixinho;

- Arrumarei a cozinha mais tarde. Que frio de matar!

Tirou o robe e escondeu-se entre os dois cobertores de lã que ocupavam a cama espaçosa.

A banca de jornal mais próxima ficava há dois quarteirões da casa. Jacques buscou o seu jornal e caminhou apressado pelas ruas. Não via a hora de voltar para o abrigo de seu lar. As ruas de Bernay estavam geladas e vazias. Somente o barulho da chuva e o assobio do vento frio o acompanhavam.

Quando chegou à sua rua, se sentiu algo aliviado.

Notou que uma mulher se protegia da chuva embaixo da marquise de uma das casas.

Ao passar por ela, percebeu que chorava baixinho;

- Senhora, posso ajudá-la?

A mulher demorou alguns segundos para virar o rosto para Jacques. Mas ainda assim, não houve resposta.

- Senhora, algum problema?

A senhora de meia idade olhou nos olhos de Jacques e respondeu entre soluços discretos;

- Estou esperando meu marido.

- A senhora mora aqui?

- Sim.

- Como se chama?

- Mercedes.

- Está muito frio senhora Mercedes, não está agasalhada. Por que não entra e o espera na sua casa?

- Não consigo, estou muito preocupada.

Não vendo meios de ajudar à mulher em seu problema doméstico, Jacques resolveu prosseguir;

- Moro naquela casa de portão de ferro mais à frente, qualquer problema não pense duas vezes em me chamar.

A mulher não respondeu.

Jacques seguiu caminhando pela calçada, após quatro ou cinco passos, resolveu olhar mais uma vez, "Quem sabe mudou de ideia e quer minha ajuda?", ao vira-se, percebeu que ela não estava mais lá.

Voltou para observar entre as frechas do velho portão de madeira e viu apenas um velho jardim seco, e a porta da pequena casa fechada.

- Para onde ela foi?

Voltou-se para a rua, olhando atentamente para todas as casas, ela poderia ter optado pela ajuda de algum vizinho mais próximo, mas não havia nenhuma movimentação.

Caminhou até sua casa pensando naquele rosto pálido e triste.

Quando se aproximou do portão, a mulher surgiu ao seu lado;

- Onde está meu marido? Ele ainda não voltou para a casa!

Jacques deu um salto para trás, deixando cair seu jornal e as chaves no chão.

A mulher se aproximou mais um pouco;

- Onde ele está? Onde eles estão?

- Não posso ajudá-la! - Jacques buscou rapidamente seus pertences do chão e entrou em casa sem olhar para trás.

Fechou a porta da sala com a respiração ofegante. Jogou o jornal ensopado por cima da mesa e correu para cozinha;

- Renné! Renné!

Percebendo o cômodo vazio, subiu as escadas à procura da esposa.

Abriu a porta do quarto e encontrou Renné entre as cobertas, dormindo.

- Mulher, acorde! Acorde!

- O que é isso! O Que houve!?

Jacques sentou-se na beira da cama e tentou acalmar a respiração.

- Está molhando minhas cobertas!

- Mulher, não vai acreditar no que vi! Estava voltando da banca e vi uma mulher parada em frente a uma casa aqui perto, nessa mesma calçada, então resolvi oferecer ajuda e...

- Fale devagar homem! Vai ter um ataque do coração!

- Renné, escute! Eu ofereci ajuda e ela não aceitou e eu voltei para casa, mas quando olhei para trás ela não estava mais lá... - Jacques faz uma pequena pausa para retomar o fôlego.

- E...

- Mulher! Ela apareceu do meu lado no nosso portão!

- De que está falando homem!

- Ela apareceu no meu lado, como poderia? Não passou por mim! Entende o que digo?

Renné olhou para o marido, pálido e amedrontado;

- Deve ter se distraído e não percebeu que ela te seguiu! O que ela queria?

- Não sei! Dizia que queria ver o marido, sei lá! Mulher... Eu sei o que vi! Estou e dizendo!

- Jacques, vá tirar essa roupa molhada e vá ler seu jornal. Depois quando estiver mais calmo conversaremos sobre isso. Não comente isso com os meninos, já bastam às histórias da tal senhora que morou aqui! - Renné levantou-se da cama e calçou os chinelos;
- Veja o que fez! Não tenho mais sono!

Jacques continuou sentado na cama, atônito.

- Sei o que vi! Por Deus! Que loucura! Será que ela passou por mim e não fui capaz de ver?

Longe dali Aldráz continuava fazendo suas vítimas. Nas esferas invisíveis sombrias, onde a maldade, o medo e a culpa caminham juntos, a subjugação imposta por espíritos perversos era algo fácil de notar.

Brás acompanhava seu companheiro por todo o vale. Em um dado momento, chegou bem perto do ouvido de seu chefe, sussurrando com sapiência;

- Quando voltaremos a casa?

Aldráz continuou seu caminhar torto, ignorando a fala mansa do pequeno servo.

Percebendo que não obteve resposta, mudou de lado e voltou a sussurrar;

- Não acha que estamos muito tempo longe? Não podemos deixar aqueles infames vencerem!

Aldráz interrompeu a marcha.

- Não me diga o que fazer!

- Não estou! Mas sabe bem como eles trabalham! Já perdemos a suicida!

- Vá e volte com informações.

- Irei com prazer!

Brás se afastou saltitando.

Sozinho em meio ao lodo fétido, Aldráz se deu conta de que realmente estava perdendo o controle da situação.

- Tolos! Pensam que desistirei fácil. Continuem achando que estão ganhando. Minha hora vai chegar!

Aldráz ainda sentia ódio de Orlan e de sua família, mas o que mais o incomodava era notar a sua inércia diante da ameaça ao

êxito de seus planos.

Não conseguia ver, mas estava sendo observado por Lían e uma velha senhora de cabelos prateados.

- Não será fácil, mas temos que confiar na providência divina.
- Lían se dirigiu à anciã, com pesar.

Com os olhos rasos d'água, a senhora juntou as mãos junto ao peito;

- Eu confio! Meu filho despertará deste pesadelo! Desistirá desta vingança!

- Veja, mesmo que ele não se dê conta, como suas vibrações já o atingem. Em outros tempos ele mesmo iria até a casa, diante da provocação de Brás.

- Ficarei com ele, Lían. Até que a hora chegue.

- Está certa de que conseguirá?

- Sim! Esperei muito tempo até chegar esse momento. Ficarei com ele.

- Está bem. - Lían sorriu com doçura.

O amor de uma mãe por seu filho é algo que transcende as amarras da vida física. Ainda que passem anos, séculos, seu amor se mantém intocado.

Na penúltima encarnação de ambos, Madeleine havia experimentado a maternidade através de Aldráz. Havia sido uma boa mãe, movida pelas inclinações superiores que seu espírito já experimentava.

Já na última encarnação de Aldráz, Madeleine o acompanhou em espírito. Aldráz cresceu sem mãe, que o abandonou o deixando aos cuidados de uma tia distante.

Madeleine o amparou espiritualmente até onde foi permitido. Mas mesmo à distância, pedia por ele em preces fervorosas, aguardando o momento em que pudesse finalmente encontrar-se com seu filho amado e ter a chance de resgatá-lo.

Essa hora estava chegando.

A velha senhora seguiu pela região trevosa, sem ser observada por ninguém, ao lado do filho a quem tanto amava.

Não se importava com os ruídos, com o odor, com as imagens que a cercavam. Olhava para Aldráz com o mesmo amor e cuidado que dedicou, há muitos anos, aos primeiros passos do filho.

Como uma criança que não se dá conta dos cuidados da mãe, Aldráz seguia seu caminho com passos firmes, amparado e amado, pelo vale de dor.

Não sabia, mas seus dias nas sombras estavam contados.

Novos rumos

Naquela manhã, Marcel deu sua aula como de costume, com o mesmo entusiasmo e paixão, embora tivesse notado que seu coração estava mais leve que antes.

Ainda tinha muitas perguntas, mas, por outro lado, já possuía algumas respostas. Somente a distância de Charlotte ainda o entristecia, mas esse era um assunto que preferia não nutrir demasiadas indagações. Sabia o que lhe bastava: Charlotte encheu seus dias de sentido. Era o que seu coração precisava sentir.

No fim daquela manhã, resolveu buscar Allan e visitar uma charmosa cafeteria próximo ao colégio que lecionava. Já havia ouvido falar que o lugar oferecia bons livros para empréstimo e sentia necessidade de buscar novos títulos para sua leitura.

Ao entrar com o irmão, foi recepcionado por um senhor alegre e espontâneo.

- Boa tarde, meninos! Em que posso servi-los?

-Boa tarde, senhor. Por favor, uma xícara de café para mim e um chocolate quente para meu irmão.

- Claro que sim! Sentem-se por favor! Sou Gérard e estou aqui para o que desejarem!

Marcel sorriu com tamanha gentileza;

- Muito grato, senhor. Sou Marcel e esse rapazinho é Allan.

Gérard enxugou as mãos em uma pequena toalha que trazia amarrada à cintura, presa ao avental alvo e cumprimentou os irmãos com entusiasmo;

- MUITÍSSIMO prazer! Sejam bem-vindos à minha cafeteria! Dispomos de alguns títulos para que desfrutem se apreciarem uma boa leitura! Livros de todos os tipos! Minha neta Anne organizou tudo!

Marcel escutava com atenção quando Gérard virou-se com interesse;

- Veja! Falando nela... Minha Anne!

Marcel e Allan lançaram os olhos na direção em que o senhor apontava e viu uma linda moça se aproximar.

Anne tinha os cabelos negros presos pela metade, deixando longos cachos caídos por sobre os ombros.

Seus olhos eram grandes e bem desenhados, negros e luminosos. Os lábios eram grossos, porém, suaves no contorno. A pele era alva e com a textura de uma menina que acabara de sair da infância, apesar de seus vinte e poucos anos.

- Anne, venha conhecer nossos mais novos clientes, Marcel e... Desculpe-me...

- Allan! – Allan estendeu a mão visivelmente entusiasmado.

Anne retribuiu; - Olá Allan!

Anne virou-se para Marcel com um sorriso tímido, sem deixar de notar o perfume suave que exalava do rapaz; - Olá Marcel, prazer em conhecê-los.

Marcel correspondeu com um sorriso; - Olá. O prazer é meu.

- Estava dizendo que temos livros de todos os tipos, que você mesma se encarregou de organizar tudo.

Anne sorriu encabulada diante do entusiasmo do avô.

- Anne veio de Paris, estudou lá por anos. Agora ficará comigo. Vá Anne, mostre a eles os livros que trouxe.

Sem jeito, Anne fez o convite de maneira formal;

- Venham conhecer, vovô levará seus pedidos até a mesa.

- Claro! Claro! Eu levo, vão com ela!

Marcel e Allan seguiram Anne por um pequeno corredor que saía em uma pequena biblioteca.

- Vocês têm alguma preferência?

Allan se antecipou à resposta:

- Tem alguma coisa que fale de espíritos?

Marcel intercedeu com um riso espontâneo; - O Que é isso rapaz, vai espantar a moça com tais assuntos!

Anne retribuiu o sorriso; - Não me espanta de forma alguma! Por certo fico admirada de que um menino tão novo se interesse por

tal tema.

Antes que Allan se estendesse nas explicações, Marcel respondeu; - É que tais assuntos me interessam muito e acabo conversando com ele e aguçando sua curiosidade.

Anne se sentou em uma das mesas, no que foi acompanhada.

- Tenho também muito interesse por tais assuntos. Inclusive tenho títulos aqui bem interessantes que tratam do tema com muita seriedade. Podem levar alguns para ler, o que acham?

- Ótimo! Queremos sim! – Allan arregalou os olhos com visível euforia.

Anne buscou o consentimento de Marcel.

- Sim, senhorita, por favor, levaremos os títulos que indicar.

- Anne, por favor...Sem formalidades.

Marcel sorriu; - Levaremos o que achar apropriado, Anne. Somos leigos em tais assuntos. Obrigado.

Anne conseguiu notar, desta vez com mais detalhes, o sorriso de Marcel. Levantou-se para buscar os livros antes que seu encantamento fosse notado.

Allan sussurrou em voz baixa; - Marcel, ela é muito bonita, não achou?

- Sim, achei. E você controle seu entusiasmo!
- Eu não estou entusiasmado.
- Como se eu não lhe conhecesse.
- E de que adianta... Acho que ela gostou de você.

Anne voltou com os livros antes que Marcel se quer pensasse em uma resposta.

- Estes ajudarão vocês a entenderem um pouco mais sobre o assunto.

Marcel e Allan folhearam os livros com interesse. Passaram mais algum tempo na cafeteria, conversaram com Anne sobre variados assuntos, mas principalmente sobre aquele que mais atraía o interesse de ambos desde que se mudaram para Bernay.

Se despediram prometendo voltar para buscar mais títulos. Para Anne, os dias de labuta ao lado do avô havia ganho um sentido especial. Para Marcel, conhecer Anne trouxe a possibilidade de entender melhor aquele mundo que ainda desconhecia profundamente, mas que já fazia parte da sua realidade. Anne poderia ajudá-lo a entender o problema em que estavam inseridos, mas principalmente, poderia ajudá-lo a ajudar a sua Charlotte.

Charlotte não cabia em si tamanha a sua ansiedade. Lían a levaria para finalmente encontrar-se com sua mãe. E como se não bastasse, soube que seu paizinho teve autorização para morar na colônia.

- Quando minha mãe poderá ficar conosco Lían?

- Rose não tardará em se juntar a você e seu pai. Apesar do violento trauma psicológico que sofreu, consegue se reestruturar de forma bem direcionada. Além do mais, sua presença e a de seu pai a ajudarão no processo.

- Que boa notícia!

- Sim! Sem dúvida! Agora vamos!

Seguiram para o tão esperado reencontro.

Rose adormecia quando foi surpreendida pela presença amiga de Lían;

- Minha irmã. Desculpe-me interromper seu tão merecido repouso, mas asseguro-lhe que se trata de uma causa muito nobre.

- Não se desculpe. Cada minuto de paz que desfruto aqui é motivo de profundo agradecimento a todos vocês.

Lían sorriu enternecido; - Você tem seu mérito minha irmã. E por isso, trago uma visita para você.

Rose voltou os olhos para além de Lían e sem palavras, fechou os olhos marejados e profundamente agradecidos.

Charlotte caminhou calmamente e tão logo se aproximou da maca, buscou as mãos da amorosa genitora; - Como esperei por isso, mãe!

Beijou as mãos de Rose com ternura; - Quanta saudade consumiu meu coração!

Rose levantou o rosto da filha com carinho; - Filha... Como sou grata! Não tenho palavras para expressar tamanho contentamento!

Charlotte abraçou sua mãe com força; - Ficaremos juntas novamente!

- É tudo o que meu coração deseja! Minha felicidade seria completa se Orlan estivesse conosco!

Lían se aproximou com cuidado; - Orlan está esperando por vocês, Rose. Nosso irmão já está equilibrado e em perfeitas condições. Aguarda esse momento tanto quanto você.

Rose não conteve as lágrimas; - Não mereço tanto! Meu Orlan e minha Charlotte! Meu Deus, como sou grata! Quando poderei vê-lo? Onde ele está?

- Acalme seu coração Rose, ante do que imagina terá seu reencontro. Cuidado com suas emoções. Busque sempre o equilíbrio, lembre-se; ainda está se restabelecendo.

- Verdade, mãe. Tente manter as emoções em equilíbrio. Papai está bem agora.

Rose levou as mãos de Charlotte até o peito e deu um longo suspiro, buscando o equilíbrio de que tanto necessitava.

O pior já havia passado...

Na manhã seguinte, Marcel e Allan voltaram à cafeteria de Gérard.

Anne estava no balcão servindo a um cliente. Não conseguiu disfarçar a emoção em ver Marcel mais uma vez.

Gérard percebeu a fisionomia desconcertada e a pele rosada da neta;

- Rapazes! Como estão hoje? Que alegria vê-los!

- Como vai senhor Gérard?

- Muito bem Marcel! E esse rapazinho aqui?!

Allan sorriu.

- Anne! Sirva um café e um chocolate para meus amigos! É isso que querem?

- Obrigado senhor Gérard, hoje não queremos nada, viemos apenas trazer os livros.

Anne se aproximou; - Como vão? Vejo que já leram tudo. Que rapidez!

Marcel colocou os livros sobre o balcão com a ajuda de Allan;

- Sim. São muito interessantes.

- Pois separei mais alguns que com certeza acrescentarão muito a vocês dois. Venham.

Gérard observou Anne e os irmãos se dirigirem à biblioteca com interesse e um sorriso no canto dos lábios.

- Sentem-se, vou buscá-los.

Não demorou para que Anne voltasse com mais livros.

- Esses são bem elucidativos.

Marcel olhava com atenção, acompanhado pelo irmão.

- Marcel, desculpe-me a curiosidade, mas, não posso deixar de perguntar...

Marcel levantou os olhos dos livros e olhou para Anne com atenção; - O Que é? Pergunte.

O coração de Anne bateu mais forte. Não conseguia manter seus olhos nos olhos de Marcel por mais de um segundo. Se esforçou para manter a sobriedade;

- Vocês, digo, você e Allan; - olhou rapidamente para o irmão sentado à sua direita; - tiveram alguma experiência com espíritos ou algo do tipo?

Allan olhou para o irmão que continuava a olhar fixamente para Anne, enquanto buscava a resposta apropriada. Resolveu falar a verdade;

- Anne, em realidade, sim. Tivemos. Na verdade, temo que ainda temos contato, de alguma maneira.

Por um momento Anne esquece-se dos olhos de Marcel;

- Não me diga! Qual dos dois?

Allan se antecipou; - Os dois!

Anne olhou para Marcel buscando uma improvável confirmação.

- Sim, Anne, é verdade. Ambos tivemos experiências deste tipo. Temo que achará que somos loucos, mas o que vou lhe contar é a mais pura verdade.

- De forma alguma pensaria algo do tipo. Acredito em tais coisas! Contem-me! Que tipo de experiência tiveram? Ouviram? Viram?

Marcel contou a chegada da família em Bernay e como foram recebidos por Claire. Contou da experiência de Allan com Hermínia, dos sonhos, não economizou nos detalhes. Apenas quando falou de Charlotte, foi breve e objetivo, não falou dos encontros, de como se sentia. Era algo que só pertencia a Ele e a Charlotte, a ninguém mais.

A redenção

Orlan e Josephine, uma das coordenadoras do Instituto de reabilitação da colônia, caminhavam pelos corredores de uma das instalações, enquanto conversavam;

- Orlan, sua permanência aqui com sua família o fortalecerá. Em breve já poderá nos ajudar em algumas das frentes de trabalho disponíveis.

- É tudo o que quero. Ser útil. Assim não penso muito nas coisas que fiz.

- Não se torture com o passado. O tempo não volta. Por isso o espírito encarnado deve valorizar cada segundo enquanto estiver sobre a Terra. Mas sempre temos outras oportunidades. E elas não tardam em chegar. Terá a sua.

- Fala em voltar?

- Sim. Voltar à carne é começar de novo. É ter uma nova chance.

Orlan suspirou melancólico;

- Quero muito esta chance, mas não gostaria de me separar de Rose e Charlotte. Me doeu muito esta distância.

- Tudo a seu tempo Orlan! Pensemos no seu fortalecimento. Um passo de cada vez.

- Sim. Um passo de cada vez. - Sorriu confiante.

- Veja quem se aproxima!

Orlan voltou os olhos para o jardim e viu Lían e Charlotte caminhando ao lado de Rose.

- Por Deus! Minha Rose!

- Se acalme, ela ainda está se fortalecendo, teve autorização de vir para cá para que o amor de vocês a sustente, mas qualquer desequilíbrio pode significar retrocesso perigoso.

Orlan engoliu em seco; enxugou suas lágrimas e respirou fundo;

- Tem razão, tem razão! Não deixarei que se desequilibre novamente.

Josephine sorriu e seguiu com Orlan ao encontro dos três.

Rose se encantava a cada passo.

- Que lugar lindo, filha! E esse perfume no ar! Está sentindo?

- Sim, é mesmo maravilhoso! - Charlotte admirava comovida a alegria da mãe.

Rose se perdia entre as flores coloridas que enfeitavam as árvores frondosas e acolhedoras.

- Veja mamãe, veja quem está chegando! - Charlotte sorriu para Orlan, que se aproximava.

- Não pode ser! Estou sonhando! Orlan!

Orlan apressou os passos e em poucos segundos, estava de frente com sua Rose. Não teve palavras.

Acarinhou seus cabelos, os traços de seu rosto, suas mãos. Sabia que qualquer palavra que dissesse, desmontaria sua aparente fortaleza diante da esposa;

Rose retribuiu o carinho do marido. Acarinhou seus finos cabelos brancos, suas sobrancelhas, seus lábios.

- Orlan! Finalmente! - Disse baixinho, entre sorrisos e lágrimas.

Orlan trouxe Rose para junto de seu peito e a abraçou, fechando os olhos, fazendo cair uma lágrima discreta.

Charlotte observava a cena, emocionada. Juntou-se aos pais em um abraço envolvente que cabia todos os anos de saudade.

Josephine e Lían se aproximaram. Uma etapa já estava concluída. Agora precisavam pensar em Aldráz. Peça-chave daquele quebra-cabeças.

Em Bernay, após as orações, a família se recolheu para seus quartos, deixando a casa em silêncio.

Marcel terminava de ler um dos livros sugeridos por Anne, quando se pegou olhando para a foto de Charlotte.

Fechou o livro, o colocando sobre a cama. Aproximou-se do porta-retratos, segurando - o com cuidado.

- Não vejo a hora de te ver de novo.

Lembrou-se de quando pôde ver, com toda a nitidez, cada detalhe do seu rosto. Desejou com todas as suas forças estar com Charlotte novamente. A saudade doía em seu peito de forma discreta, porque sabia que em algum lugar, Charlotte estaria pensando nele também. Era um laço que não se desfazia com a ausência física.

Recostou-se em seu travesseiro e adormeceu, com o rosto de Charlotte em seus pensamentos.

No quarto de Jacques e Renné, a cena era menos enternecedora.

Brás, sentado no parapeito da janela, de braços cruzados, aguardava o desligamento de Jacques.

Aquela noite estava especialmente favorável para seus planos infelizes. Pôde permanecer no quarto sem que aquelas sensações perturbadoras vindas das entidades luminosas o envolvesse.

“Esses desgraçados devem estar cansando da brincadeira.”

Ao notar que o corpo espiritual de Jacques já se fazia notar, desprendido do corpo físico, Brás se aproximou sorrateiramente.

Entorpecido, Jacques avistou o homenzinho, que o mantinha o mais desperto que podia;

- Vamos meu amigo, Vamos nos divertir!

Abraçou sua vítima e seguiu para fora do cômodo escuro.

Desceram as escadas calmamente enquanto Brás soprava no ouvido de Jacques toda a espécie possível de sugestões de baixíssimo calão.

Ao chegar ao último degrau, parou para certificar-se de que estavam realmente a sós.

- Aldráz precisa ver isso! Hoje à noite é nossa! Recuperamos o controle! - Festejou com gargalhadas funestas e escandalosas.

Não tardou para que Aldráz entrasse pela sala.

Rapidamente Brás soltou sua presa e correu para perto de seu mentor;

- Veja! Veja! Não lhe disse? Não há mais ninguém! Um dia cansariam! Veja quem levarei para dar um passeio!

Aldráz olhou em volta, certificando-se de que, finalmente, estavam livres e deu a ordem;

- Traga o menino para participar da nossa festa! Eu cuidarei da esposa!

Brás gargalhava compulsivamente;

- Sim! Sim! Muito bem pensado!

Ao se afastar de Aldráz para subir as escadas, foi surpreendido por Lían e Marion.

Brás correu para trás de Aldráz, cerrando os dentes de ódio e descontentamento;

- Como entraram aqui? Não senti nada! O que fizeram?

Aldráz manteve-se parado.

Pela porta da sala, Charlotte e Antonie entraram sem afetação.

Brás olhou assustado a presença dos dois e não tendo mais para onde correr, subiu nos caibros, enrolando seus braços finos na madeira envelhecida.

Charlotte Caminhou em direção a Jacques, levando-o de volta a seu quarto.

- O que é isso? Algum tipo de armadilha? - Questionou Aldráz, dando um passo à frente na direção de Lían.

- Dê o nome que quiser. Hoje sua vingança termina. - Lían dirigiu-se à Aldráz em tom sereno, mas sem perder a firmeza.

Aldráz deu uma risada estridente, jogando a cabeça disforme para trás. Voltou-se para Lían batendo forte seu cajado no chão;

- Não tenho medo de você! Nem de ninguém aqui! - Olhou para Marion e Antonie, juntos no outro canto da sala.

- Não queremos seu medo.

- Pois muito bem! Porque nunca o terão! Não me afastarei daqui até que aquele covarde apareça!

- Orlan está bem longe desta casa. Está seguindo o seu caminho. e você deveria fazer o mesmo.

- É um covarde que se esconde nos truques de vocês!

- Está enganado! O único que se esconde da verdade é você.

- Não vai me enrolar com essa fala mansa! Eu estou no meu direito!

- Sabe que está enganado, Aldráz. O erro de Orlan com você e sua família não justifica toda essa maldade. Pensa que não terá que responder por tudo isso?

- Já disse que não tenho medo! Eu faço minhas regras!

- E eu já lhe disse que não é assim que as coisas são. Terá que responder por seus erros, assim como Orlan responderá pelos seus.

- Quem vai me obrigar? Você? Ou quantos de vocês?

- Sabe bem que não lhe obrigaremos a nada. Mas se não me ouve, sei quem poderá fazê-lo escutar.

- Já lhe disse! Seus truques não funcionam comigo!

A sala, até então preenchida por um discreto feixe de luz, se viu tomada por uma claridade brilhante.

Brás corria pelos caibros tentando escapar, mas não conseguia.

Aldráz olhou em volta, buscando entender o que acontecia, quando viu uma mulher se aproximar.

Era Madeleine.

Aldráz não se lembrava com clareza daquela mulher, mas sua presença não lhe era estranha. A sua penúltima encarnação ainda estava apagada de sua mente, mas seu coração sabia que a conhecia de algum lugar.

Em um misto de pavor e vergonha, se afastou o quanto pôde, rolando pelas paredes da sala, buscando uma fuga, sem sucesso.

- Filho... Meu filho! Não fuja!

- Quem é você? O que querem com isso? - Aldráz gritava e esmurrava as paredes.

Madeleine se aproximou do filho amado, com profunda tristeza;

- Em que se transformou meu menino?

Aldráz encolheu-se em um canto da sala, cobrindo a cabeça com as mãos;

- Não me olhe! Não me olhe!
- Aldráz. Olhe para mim.
- Não sou seu filho! Não sei quem é você!
- Você é meu filho amado e sempre será. Olhe para mim!
- Não posso!
- Olhe para mim meu filho!

Aos poucos, Aldráz desceu as mãos e fitou os olhos nos olhos serenos de sua mãe. A sensação que o dominava o incomodava profundamente, mas não conseguia escapar.

Madeleine chorou diante do filho;

- Que saudade de poder conversar com você!
- O que quer de mim?
- Quero que volte a ser o meu menino! Quero que apague esse ódio do seu peito! Veja no que ele te transformou!
- Aquele miserável fez isso, não eu!
- Não culpe os outros pelos erros que somente você é responsável! - Madeleine trocou a voz doce, por um tom austero e firme.

Aldráz ouvia calado;

- Não responsabilize Orlan por todas as desgraças da sua vida! Foi ele quem lhe obrigou a perseguir esta família? A causar tanto mal a Rose? Ele estava do seu lado, obrigando-o a cometer tanta atrocidade? Foi Orlan que o levou àquele lugar fétido, onde escraviza aquelas criaturas sem piedade?

- Ele tirou tudo o que eu tinha! - Respondeu em tom bem mais baixo que o habitual.

- Não, meu filho! Não! Orlan cometeu seus equívocos, mas a opção de se jogar na lama foi sua. E sair dela também depende de você.

- O que quer de mim?

- Quero que venha comigo, cuidarei de você!

Olhando nos olhos de sua mãe, diante daquelas palavras doces e carinhosas, lembrou-se por um momento de alguns fatos de sua encarnação vivida com Madeleine. Viu em sua mente, o mesmo olhar de ternura e não controlou a emoção. Chorou como uma criança perdida, que encontrava um abrigo no meio de um vendaval intenso.

Madeleine abraçou seu filho, acarinhando seus cabelos ruivos e desalinhados.

- Filho! O caminho é longo, mas não lhe deixarei um segundo se quer.

- Mãe... É você? - Aldráz soluçava ao lembrar-se de Madeleine.

- Não chore meu filho! Estou aqui com você!

- Mãe... Não tem lugar para mim!

Lían se aproximou, abaixou-se ao lado de Aldráz;

- Sempre há um bom lugar para aqueles que querem recomeçar.

Aldráz não conseguia olhar para Lían. Refugiou-se nos braços de sua mãe.

Lían colocou as mãos nos ombros de Madeleine e sorriu. Se dirigiu à Antonie e Marcel que observavam a cena, comovidos.

- Então, Lían, para onde Aldráz será levado?

- Madeleine se propôs a cuidar de Aldráz até que esteja pronto para se dirigir a um dos postos de atendimento, por enquanto, ficará em um centro de reabilitação próximo à crosta.

- O amor é o único remédio capaz de curar qualquer enfermidade da alma. Madeleine será feliz em sua missão.

Os centros de reabilitação mais próximos à crosta terrestre são locais semelhantes aos postos de atendimento, sendo que foram criados para espíritos ainda em estado moral muito atrasados.

Neles, espíritos como Aldráz se restabelecem ao lado de entidades preparadas para cuidá-los e após a conscientização total de sua condição e do firme compromisso de melhorarem-se, passam a trabalhar recebendo outros espíritos nas mesmas condições em que estavam quando chegaram.

Durante esse tempo, o perispírito harmoniza-se pouco a pouco e vai perdendo a aparência grotesca que apresenta, que nada mais é do que resultado de suas mentes desequilibradas e inclinadas para o mal.

Seguem assim até que possam partir para os postos de atendimento e de lá, para uma das colônias.

Abraçado à Madeleine, Aldráz chorava copiosamente;

- Não sei se sou capaz de esquecer o mal que me fizeram!

- Eu estou aqui para lhe ajudar!

- Têm notícias de minha esposa e de minhas filhas? Nunca mais as vi. Esconderam elas de mim!

- Ninguém as escondeu! Do jeito em que está não consegue vê-las!

Brás observava tudo, aterrorizado.

Lían olhou para o homenzinho disforme no alto da sala, com ternura;

- Então meu irmão, até quando ficará nesta condição?

Brás tomou coragem e respondeu, por detrás dos caibros, encolhido;

- Não sou seu irmão! Não me olhe! Não sabe nada sobre mim!

Brás começou a sentir as vibrações superiores, antes bloqueadas propositalmente para atrair Aldráz, e correu para fora da sala, saindo da casa, sem olhar para trás.

- Vai procurar outro para seguir. - Lamentou Lían.

- Acompanhamos Madeleine? - Perguntou Antonie.

- Não. Nossa presença ainda é ofensiva para Aldráz. Acompanharemos de longe.

- E Charlotte?

- Acho que sei onde está. Vão, eu vou em seguida. Madeleine levará Aldráz.

Marion e Antonie saíram da casa.

Madeleine seguia abraçada ao filho; - Não pense em nada agora. Seguiremos juntos daqui para frente, não tenha medo.

Aos poucos, as lembranças de Aldráz se tornavam mais claras. Conseguia recordar dos momentos que passou ao lado de Madeleine. Aquelas lembranças e emoções estavam além de suas forças.

Adormeceu nos braços de sua mãe, que o levou cuidadosamente, como quem carrega o mais precioso dos tesouros.

Lían subiu as escadas entrando no quarto, encontrou o corpo físico de Marcel, dormindo e o retrato de Charlotte na cabeceira.

O corpo fluídico de Marcel repousava com a cabeça apoiada no colo de Charlotte, que o acarinhava com ternura.

- Temos que ir. - Lían fez o aviso, em voz baixa.

- Seria possível ficar até a hora de seu despertar?

Lían sorriu;

- Sim. É possível.

- E Aldráz?

- Madeleine teve êxito, como esperávamos. Seguirá com ele.

Charlotte respirou aliviada;

- Acabou... estamos livres!

- Sim, ficaremos na casa por mais um tempo até que a harmonia esteja restabelecida por completo e então, nossa missão estará concluída.

Charlotte olhou para Marcel, pensativa;

- Sim. E então vamos embora.

Percebendo os sentimentos de Charlotte, Lían aproximou-se, colocando as mãos em seu ombro;

- Terá que ser forte. Antes de irmos, ainda terá mais uma pequena missão, junto a Marcel, que lhe custará muito.

- Que missão? - Charlotte olhou preocupada com o tom sério de Lían.

- Fique ao lado de Marcel agora. Preciso ir. - Beijou a fronte de sua protegida e saiu do quarto, deixando Charlotte sem resposta.

Charlotte segurou forte as mãos do corpo perispiritual de Marcel e encostou o rosto dele em seu rosto. Suspirou e fechou os olhos, deixando uma lágrima cair;

“Deus, me dê forças para deixá-lo...”.

Em mundos diferentes

A manhã chegou peculiarmente luminosa. O céu nublado deu lugar ao azul límpido e cristalino. Uma nuvem ou outra preenchia o espaço índigo, sem atrapalhar o lindo espetáculo daquele alvorecer radiante.

Após um café da manhã animado junto a família, Jacques levantou-se da cadeira e se colocou atrás da esposa, apoiando-se em seus ombros;

- Hoje não precisa fazer nada! Deixe que arrumo a cozinha e dou um jeito na casa.

Renné olhou para trás surpresa;

- Não me diga! Que milagre é este?

- É o amor Dona Renné! - Marcel se levantou apressado, dando um beijo em sua mãe. - Gostei de ver, pai! O caminho é esse!
- Deu um beijo em Jacques e animado, pegou dois biscoitos antes de deixar a cozinha; - Vamos Allan! Não posso me atrasar hoje!

- Já vou! Me espere!

Allan despediu-se de seus pais e correu para alcançar o irmão.

Renné foi até a janela da cozinha para observar Marcel e Allan cruzarem o portão;

- Que bom que Marcel está gostando do trabalho no colégio.

- É verdade. - Jacques respondeu a mulher enquanto tirava a mesa do café.

- Homem! O que te deu hoje?

- Nada! Só quero ajudar! Não quer minha ajuda?

- Claro que quero! Tome cuidado para não quebrar nenhuma louça!

- O que acha de passearmos um pouco depois que eu terminar?

- Passear? Passear onde?

- Não sei, vamos caminhar por aí.

- Tudo bem, vamos gastar esta energia toda!

- Vá se arrumar, mulher! Já já termino isto aqui.

- Vou agora! - Antes de subir as escadas, esticou o pescoço para dar mais uma olhada em Jacques. - Será que está ficando esclerosado? - Murmurou com seus botões.

Jacques lavava os pratos e xícaras cantarolando. O céu azul de Bernay o inspirava profundamente;

"Estou começando a gostar desta casa!"

No carro a caminho da escola, Allan e Marcel conversavam sobre Orne e alguns amigos que deixaram para trás;

- Sabe, não sinto mais tanta saudade. Eu não quero me mudar daqui, você quer Marcel?

- Não. Não me imagino mais longe daquela casa.

- Sei bem o motivo.

Marcel sorriu para o irmão, olhando-o de lado.

- Marcel, por que não vamos à biblioteca do Senhor Gérard hoje?

- Trouxe os livros?

- Sim. Aproveitamos e pegamos mais.

- É uma boa ideia. Combinado então. - Marcel parou o carro próximo à escola de Allan; - Boa aula, rapazinho, até daqui a pouco.

Após observar o irmão entrar na escola, Marcel seguiu para o trabalho.

Chegou a tempo de se preparar para aplicar prova já no primeiro horário.

Enquanto seus alunos faziam o exame, Marcel se perdia em seus pensamentos. Pensava em como seria sua vida com Charlotte a seu lado.

Olhou para um pequeno quadro da Virgem Maria pendurado na parede em frente à sua mesa e desejou com todo o seu coração, encontrar-se com Charlotte mais uma vez.

A manhã terminava e com ela o dia de trabalho de Marcel. A luz do sol estava mais forte, tornando a brisa menos fria e mais acolhedora.

Marcel se apressou em buscar Allan para que juntos fossem à biblioteca de Gérard.

Anne ajudava o avô na cafeteria quando os irmãos chegaram.

Mais uma vez, Gérard foi o primeiro a notar a presença de Marcel. Olhou rapidamente para Anne e cumprimentou os rapazes com entusiasmo;

- Meus clientes favoritos!

Anne virou-se em direção à porta de entrada para certificar-se de quem se tratava e ao ver Marcel, deixou a xícara de café que trazia nas mãos, espatifar-se no chão.

Marcel correu para ajudá-la;

- Se machucou?

Anne não conseguia olhar nos olhos de Marcel e de cabeça baixa respondeu;

- Não, estou bem, obrigada. - Olhou para Allan com um sorriso tímido; - Como vai Allan?

- Vou bem!

- O que houve Anne? - Gérard se aproximou do trio.

- Desculpe vovô, a xícara caiu da minha mão, que desastrada!

- Vá se lavar deixa que limpo essa bagunça.

- Sim, não me demoro.

- Sentem- se meninos, bebem algo?

- Nos sirva dois chocolates por gentileza, senhor Gérard. Assim esperamos a volta de Anne, Ela nos ajudará com alguns livros.

- Claro! Fiquem à vontade! Já sabem, a casa é de vocês!

- Obrigado!

Enquanto Gérard terminava de limpar o chão sujo de café, Marcel e Allan conversavam;

- Viu como Anne está bonita hoje?

- Deixe Gérard ouvir você falar assim da neta dele.

- Veja, veja, ela está voltando.

Anne surgiu no pequeno salão ajeitando os longos cabelos.

- Vovô eu limpo isto.

- Pode deixar, já estou terminando. Sirva chocolates para os rapazes.

Anne olhou para Marcel;

- Sim, vovô. - Se aproximou do balcão, ainda sem jeito.

- E então meninos, gostaram da leitura?

- Eu gostei muito! - Allan respondeu com aprazimento.

- Que bom Allan! E entendeu tudo?

- Quase tudo...

- Depois me diga o que não entendeu, talvez possa te ajudar.
E você Marcel, conseguiu ler?

- Sim, os livros são incríveis. Estou perplexo com tantas coisas que nunca fiz ideia que pudessem existir.

- Me senti do mesmo jeito. É fascinante. - Anne serviu os chocolates para os irmãos.

- Ainda tem muitas coisas que não consigo entender bem, mas aos poucos as peças vão se encaixando.

- Conte comigo para ajudar a montar este quebra-cabeças.

Marcel e Anne sorriram.

Gérard se aproximou da neta;

- Vá pegar os livros que separou para Marcel, eu atendo os clientes.

- Senhor Gérard, não queremos atrapalhar o serviço de Anne.

- Não atrapalham! Eu dou conta.

Marcel sorriu com simpatia;

- Está bem, eu agradeço então.

- Com licença, vou buscar os livros. Espero vocês na mesa.

- Obrigado Anne.

- Eu já terminei. - Allan saiu do balcão apressado.

- Então venha comigo! - Anne e Allan se deram as mãos e caminharam até as estantes.

- Senhor Gérard, tome cuidado com esse rapazinho, está encantado por sua neta.

- Eu percebi! - Gérard soltou seu riso espontâneo; - Mas creio que o coração de Anne já tem dono.

- Isso vai deixar Allan bem decepcionado. - Marcel satirizou enquanto tomava seu último gole de chocolate.

- Sobretudo quando souber que o rival é o próprio irmão. - Gérard soltou a informação preciosa enquanto limpava o balcão.

Marcel não sabia o que responder. Sorriu encabulado e tentou disfarçar o constrangimento;

- De que fala Senhor Gérard?

- Marcel, não sou mais criança e me admira que ainda não tenha notado. Anne está encantada pelo senhor. Não se preocupe, faço muito gosto. Sinto que é um rapaz decente, respeitador, de família.

- Desculpe, mas acho que está enganado. Sua neta é muito educada e amável. Só isso.

- Senhor Marcel, senhor Marcel... Deve andar muito distraído para não reparar tal coisa! - Sorriu com ironia.

- Pode ser... Vou me juntar a eles, com licença Senhor Gérard.

- Vá meu filho, vá!

Marcel levantou-se do balcão com o pensamento longe. Não conseguia mais manter o mesmo equilíbrio. O caminho até as mesas da biblioteca parecia infinito. Caminhava pensando na situação em que se via mergulhado, sem ter se dado conta, até aquele momento.

- Marcel, veja esses livros que Anne separou!

- Me deixe ver. - Sentou-se ao lado do irmão, de frente para Anne.

Olhava as linhas da página do livro, sem ler.

- Parece interessante. Podemos levar?

- Claro! Separei para que levassem.

- Obrigado pelo interesse, Anne. Está nos ajudando muito. - Marcel olhou para Anne, como se fosse a primeira vez.

- De nada. Fico feliz em ajudar. - Anne manteve os olhos fixos nos olhos de Marcel.

Demoraram-se naquele momento, esquecendo o que estava ao redor.

Marcel tentava perceber o que Gérard tinha tanta certeza em afirmar e Anne confirmava seus sentimentos, a cada segundo, mais intensos.

Percebendo a magia do momento, Allan se levantou calmamente, falando baixo;

- Vou buscar um livro ali na estante, já volto.

Marcel virou-se rapidamente para o irmão e voltou a folhear o livro.

- Como andam as coisas na sua casa? - Anne resolveu iniciar a conversa.

- Está tudo bem. Não vi mais nada e Allan também não tem ouvido e nem sonhado com nada.

- As orações rotineiras por certo ajudaram bastante.

- Sem dúvida.

- É importante que continuem. É bom para manter os bons espíritos por perto.

Marcel lembrou-se de Charlotte.

- Acredita que um espírito, digamos, evoluído, pode viver normalmente em uma casa, junto com os moradores?

- Pelo o que tenho lido, creio que não. Pode visitar algumas vezes, se houver algum propósito ou se houver algum laço, mas a vida deve seguir em caminhos diferentes para encarnados e desencarnados.

- Caminhos diferentes...

- Sim... O que quer saber especificamente?

Marcel se lembrou do que Gérard havia dito há alguns minutos atrás e resolveu não revelar suas verdadeiras indagações;

- Nada em específico. Só curiosidade. Seria bom que vivêssemos cercados de bons espíritos todo o tempo, não acha?

- Sim, seria. Mas temos que aprender a caminhar por nossos próprios pés, viver o que nos cabe, dentro do tempo que nos cabe e então depois, aí sim, poderemos desfrutar da companhia maravilhosa desses espíritos, se assim merecermos!

Marcel ouvia aquelas palavras que caíam como uma luva para as aflições que lhe sondavam. Será que deveria aceitar viver sua vida sem Charlotte até o dia de partir?

Sabia que esperaria o tempo que fosse preciso e que nada mudaria em seu coração. Mas será que conseguiria dividir sua vida com outra pessoa?

- Ei! Em que está pensando? - A voz mansa e doce de Anne interrompeu os pensamentos de Marcel.

- Nada demais... É tanta informação que às vezes... Nossa! A cabeça dá um nó!

Anne sorriu com o encantamento de quem já se tornava refém de suas emoções.

- Eu... preciso ir.

- No sábado chegará alguns livros, inclusive de literatura, se não tiver nada para fazer...

- Ah claro... Sim, eu virei. Se der... Obrigado. - Marcel virou-se para buscar Allan; - Rapazinho, vamos! Despeça-se de Anne.

Allan abraçou Anne, em um gesto espontâneo.

Anne correspondeu com carinho;

- Volte logo.

- Sim, voltarei. - Allan se afastou, deixando Marcel e Anne sozinhos.

- Até mais Anne.

- Até, Marcel.

Olharam-se mais uma vez. - Marcel virou-se em direção ao balcão.

- Até mais Senhor Gérard!

- Vá com Deus Marcel, tchau Allan! Voltem em breve!

Anne seguiu Marcel até a porta, viu os irmãos entrarem no carro e seu coração se encheu de alegria quando Marcel a olhou mais uma vez, sem dizer nada.

Com um sorriso nos lábios, Anne acenou com as mãos. Marcel correspondeu com um sorriso e partiu.

Sem que notasse, Anne voltou para a biblioteca ainda com o sorriso nos lábios. Passou por Gérard, que a observava com discrição.

Sentou-se novamente na mesa em que estavam e juntou as mãos como se fizesse uma prece;

"Me olhou diferente... Eu sei!"

No caminho de volta, Marcel não conseguiu conversar.

- Por que está calado Marcel?

- Estou com fome. Você não está?

- Estou morrendo de fome!

- Já estamos chegando.

Enquanto dirigia, pensava nas palavras de Anne.

"Charlotte irá embora da minha vida... como posso evitar que isso aconteça?"

Não sabia a resposta.

Seguiu para casa com o coração angustiado. Se sentia como se vivesse em dois mundos diferentes. E de um deles, o que mais lhe trazia alegria, estava prestes a se despedir.

O segredo

Aquela noite foi a primeira sem as emanções inferiores comandadas por Aldráz. Para alguém mais sensível, era possível perceber a mudança.

Allan adormeceu após uma prece em que pedia conforto para o coração de Hermínia, onde quer que ela estivesse; estava convicto de que ela havia conseguido encontrar o seu rumo.

Jacques e Renné haviam passado a tarde em uma praça próxima a casa. Renné há muito não se sentia tão leve. Era como se respirasse aliviada pela primeira vez após o episódio em Orne.

Para Marcel, a noite não foi tão tranquila. Pensou na conversa com Gérard e nos olhos de Anne, carregados de encantamento que de pronto, não podia corresponder.

Lembrou-se do encontro com Charlotte, da sua voz, dos seus gestos. Não tinha dúvidas, Charlotte era a dona de seu coração. Era a mulher que independente da condição tão distinta, despertava em seu íntimo as emoções mais intensas, mais verdadeiras.

Se deitou com o pensamento em um mundo que ainda não conhecia, ou pelo menos, que não conseguia se lembrar.

“Preciso te ver meu amor. Agora mais do que nunca. Onde você está?”

Charlotte estava em serviço fora da colônia quando recebeu as vibrações intensas de Marcel.

Sabia que não podia deixar seu posto, mas sabia também que teria enormes dificuldades em continuar seu trabalho com o mesmo equilíbrio.

Se afastou para que pudesse reequilibrar suas emoções.

“Lían, preciso de ajuda.”

Sentou-se em um dos bancos e esperou. Depois de algum tempo, Marion surgiu e sentou-se ao seu lado;

- Lían não pôde vir. Posso ajudá-la?

- Marion, obrigada por vir. Estou sentindo o Coração de Marcel mergulhado em angústias perturbadoras. Não posso ausentar-me, peço que alguém possa socorrê-lo.

- Entendo. Cuidarei disso, irei ao encontro dele. Fique tranquila.

- Muito obrigada. Voltarei ao trabalho. Obrigada mais uma vez!

- Bom serviço minha irmã.

Charlotte voltou ao trabalho com a coração mais aliviado, enquanto Marion seguiu para sua pequena missão na Terra.

Chegou ao quarto de Marcel e o encontrou acordado, pensativo, emanando vibrações escuras e desarmoniosas.

Se aproximou com cuidado e com as mãos postas acima da cabeça de Marcel, transmitiu fluidos que pouco a pouco reequilibravam sua psique.

Sem que se desse conta, Marcel adormeceu.

Marion deixou o quarto com sua missão concluída. Marcel estava em paz.

Após concluir seu trabalho, Charlotte voltou para a colônia. Caminhava entre as flores e pensava nas emoções dos últimos dias. Orlan já estava prestes a começar a trabalhar e Rose Assistia a palestras edificantes que a fortalecia cada vez mais.

A brisa da colônia tinha um frescor único. Era úmido e adocicado, como se refrigerasse cada fibra da alma.

Sentou-se um pouco no jardim antes de entrar em uma das instalações.

Pensativa, não percebeu a presença de Lían, a seu lado.

- Que surpresa! Não esperava sua visita ainda hoje.

- Como você, não podia interromper o trabalho que conduzia, mas agora posso lhe ouvir.

- Obrigada por mandar Marion.

- Ele me disse que conseguiu reverter o quadro. Está tudo bem com Marcel.

Charlotte Sorriu, um sorriso triste.

Percebendo seu estado melancólico, Lían segurou a mão de sua protegida;

- Charlotte, sabia que este dia chegaria. E no fundo, Marcel também sabe.

- Poderei me despedir?

- Poderá estar com ele, mas não será uma despedida.

- Sabe o que digo. Minhas visitas a casa não serão tão frequentes.

- Sim, terão que seguir suas vidas. Você de um jeito e ele do outro. Acha que será fácil para ele?

- Talvez não.

- Não será. Por isso você precisa ajudá-lo.

- Como?

- Você saberá como. Antes de ter seu encontro com ele, faremos um passeio juntos.

- Para onde?

- Saberá no momento oportuno. Mas é importante que reconheça seu amor como algo que vai além do tempo presente.

Charlotte abaixou a cabeça;

- Farei tudo o que estiver ao meu alcance para vê-lo feliz. Isso é o que de verdade importa.

- Vá ouvir um pouco de música. Irá lhe recompor.

- Sim. Irei, mas ficarei um pouco mais com esse perfume; - Fechou os olhos e respirou fundo.

Cada brisa que soprava trazia o perfume das flores, a cada momento, um perfume diferente.

- Claro. Desfrute deste privilégio! Nos vemos em breve.

- Obrigada mais uma vez!

Lían Sorriu e se afastou, deixando Charlotte a sós com seus pensamentos.

Na manhã seguinte, Marcel acordou um pouco mais disposto. Imaginou que talvez tivesse estado com Charlotte sem que conseguisse se lembrar, pois seu coração estava um pouco mais sossegado em relação à noite anterior.

Após o café em família, arrumou os livros como fazia habitualmente e se preparou para sair.

- Pai, o carro está com algum problema, pois está demorando a dar a partida. Tentei verificar, mas sabe que não sou bom nessas coisas. O que acha que pode ser?

- Esse carro precisa de revisão urgente, já havia pensado em levar quando estávamos em Orne, mas uma coisa e outra, nunca consegui.

- Tem planos para esta manhã?

- Não. - Dirigiu-se à esposa que estava ao seu lado; - Temos René?

- Não. Por que filho?

- Estava pensando se o senhor pudesse levar o carro para dar uma verificada. Senhor Gérard comentou comigo certa vez de um lugar de confiança na rua do colégio que dou aula. Deixaríamos o Allan e iríamos juntos, o que acha?

- Sim. Pode ser.

- Gostaria de ir. Não quero ficar em casa, tem feito dias tão bonitos!

- Não é lugar para mulheres Renné!

- Deixe pai, Mamãe pode ficar na biblioteca do senhor Gérard, lá tem uma cafeteria muito boa, a senhora espera o papai com um café e um bolinho, parece bom, não é?

- Parece ótimo! Me arrumo em dois minutos!

- Vou colocar o casaco, filho. Já volto.

Saíram todos juntos deixando a casa somente com a companhia dos pássaros e da luz do sol que invadia todos os cômodos através das cortinas escancaradas.

Após deixar Allan na escola, Jacques chegou a rua do colégio onde Marcel lecionava, a mesma do local indicado por

Gérard.

- Pare papai, veja mãe, esta é a biblioteca do senhor Gérard. deve abrir daqui a uma hora mais ou menos. Pai, traga mamãe aqui quando der a hora. Digam que são meus pais.

- Sim filho, pode deixar. E onde deixo o carro?

- Vá mais à frente. - Jacques chegou ao ponto indicado por Marcel. - Veja, é aqui. Já estão abertos. Eu vou par ao colégio, é logo ali na frente.

- Espero você sair filho? Assim vamos juntos.

- De jeito nenhum pai! Saio depois do meio dia, pego uma condução, não se preocupe!

- Conseguirá pegar Allan?

- Sim, claro. Fique tranquilo.

Marcel deixou os pais e foi para o colégio. Conforme sua instrução, na hora exata, Jacques levou Renné até a biblioteca.

- Bom dia. Já está funcionando?

- Sim! Entrem e fiquem à vontade! Bom dia senhora!

- Bom dia!

- Sentem-se! O que desejam?

- Um café e um bolo de milho para minha esposa, por favor.

- É pra já! E o senhor?

- Eu estou na oficina de automóveis ali da frente verificando o meu carro. Ela ficará aqui até que venha buscá-la.

- Ah! Sim, claro! Temos uma pequena biblioteca ali atrás, a senhora pode distrair-se um pouco enquanto espera.

- Obrigado senhor Gérard, a propósito, sou Jacques, o pai de Marcel, ele nos indicou seu estabelecimento. - Estendeu a mão ao senhor do outro lado do balcão.

- São os pais de Marcel? - Retribuiu o gesto com um aperto de mão caloroso. - Não me digam! Ele fala muito de vocês! Muitíssimo prazer em conhecê-los finalmente!

- Obrigado senhor Gérard.

- Marcel e Allan também falam muito daqui. - Completou Renné.

- Fico feliz! Marcel sempre passa por aqui para ler uns livros e tomar meu café, mas sempre diz que não há café como o seu!

Renné sorriu orgulhosa.

- Bem, já volto para buscá-la, mais uma vez obrigada senhor Gérard e prazer em conhecê-lo! - Jacques se despediu, depois de beijar a testa de Renné.

- Igualmente senhor Jacques!

Renné olhava em volta enquanto Gérard preparava seu café;

- Que decoração interessante! Muito acolhedor aqui!

- Minha falecida esposa quem cuidou de tudo. Ela tinha muito bom gosto!

- Com certeza, tinha mesmo!

- Minha neta Anne já está para chegar, ela ficará feliz em conhecê-la.

- Ah sim! Anne. Finalmente a conhecerei! Allan fala muito dela.

- Sim! Sim! Está encantado por ela! - O riso solto de Gérard provocou um sorriso em Renné;

- Já percebi! Veja só!

Gérard se aproximou de Renné, falando baixo, como se estivessem sendo observados;

- Mas cá entre nós, minha neta já elegeu a Marcel para o posto de pretendente.

Renné interessou-se pelo assunto;

- Não me diga senhor Gérard?

- Pois digo! Seu Marcel arrebatou o coração de Anne! Já disse a ele que não fique acanhado, faço muito gosto! Marcel é como um filho para mim, nos damos muito bem!

- Agradeço a consideração por meu filho, realmente é um menino de ouro!

Voltou a cochichar ao pé do ouvido;

- Tem alguma moça, digo... Na vida dele?

- Não, não! Em Orne, onde morávamos, sim, ele chegou a ter um namorico, mas desde que chegamos a Bernay, não tem tido tempo para tais assuntos.

- Aqui está seu café e seu bolo; - Serviu Renné com um generoso pedaço de bolo de milho e uma xícara de café quente. - Fico mais tranquilo em saber.

A conversa foi interrompida com a chegada de Anne;

-Bom dia vovô, bom dia senhora.

- Anne! Falávamos de você!

Anne interrompeu a marcha, surpresa;

- Pois não?

- Não vai acreditar quem é esta dama que aqui está!

Renné sorriu tímida e ao mesmo tempo curiosa com cada detalhe do rosto de Anne;

- Muito prazer, sou Renné, mãe de Marcel e Allan.

Anne sorriu afetuosa;

- Como vai, senhora Renné?!

Abraçaram-se com simpatia.

- Muito bem, Anne! É mesmo tão bonita como Allan me disse!

- Imagine! Allan é um cavalheiro! Marcel a trouxe?

- Na verdade Jacques, meu marido, o deixou na escola e foi verificar o carro mais adiante, Estou aguardando até que termine.

- Ah sim. Bem eu... Preciso me trocar. Encantada em conhecê-la senhora Renné! Lamento não poder ficar para conversar mais.

- Não se preocupe! O que acha de tomar um café em minha casa no sábado? Assim poderemos conversar mais!

Anne não conseguiu esconder o júbilo diante do convite;

- Não quero lhe dar trabalho!

- Imagine! Desde que me mudei não recebo visitas! Farei um bolo para você e poderemos conversar! Será uma alegria para mim!

- Pois se é assim, então aceito com muito prazer!

- Não comente com os meninos! Faremos uma surpresa! - Renné segurou as mãos de Anne.

- Sim, está bem! - Anne retribuiu. - Será um segredo nosso!

- Vá! Vá! Não quero lhe atrapalhar mais! - Renné deu um abraço demorado em Anne.

- Com licença!

Gérard observava a cena com visível satisfação;

- É uma menina maravilhosa. Estudou em Paris, mas sabe cuidar de uma casa como ninguém.

- Sim, percebi que é uma moça especial.

Enquanto Anne colocava seu avental, olhava-se no espelho e via um enorme sorriso estampado em seu rosto. Exalava felicidade por cada poro de sua pele, não cabia em si de tanta euforia.

Queria gritar sua felicidade para que Bernay inteira pudesse escutar.

Estava mais perto de conseguir realizar o que mais desejava desde que conheceu os irmãos Burnier.

Estava mais perto de conquistar Marcel.

O primeiro toque

O movimento na cafeteria de Gérard já se fazia intenso. Entre um cliente e outro, Anne deixou rapidamente o balcão e se aproximou de Renné;

- Venha, senhora Renné, sente-se aqui, é mais confortável. -
Levou com cuidado a mãe de Marcel para uma das mesas da biblioteca.

- Obrigada querida! Mas por favor, retire este "senhora", quer que me sinta mais velha?

- Por Deus, não! Ainda é tão jovem!

- Pois então a partir de agora me chame só de Renné, está certo?

- Sim, claro!

Renné e Anne sorriram.

- Quer que lhe traga algo para ler?

- Não trouxe meus óculos! Não conseguiria decifrar uma sílaba!

- Temos livros ótimos com muitas fotografias! Pegarei alguns para a senhora!

Diante do olhar de reprovação de Renné, Anne remendou;

- Pegarei para você!

- Ótimo! Das fotografias darei conta!

Gérard se viu sobrecarregado em suas funções, mas achou melhor não interromper o ato solícito da neta.

De quando em quando, Anne procurava atender à Renné com alguma gentileza, até o momento em que Jacques voltou para buscar a esposa.

- Como vai senhor Gérard?

- Olá senhor Jacques! Sente-se!

- Obrigado, mas gostaria de ir para a casa o quanto antes, preciso esticar as pernas!

- Claro! Claro! Sua esposa está logo ali na biblioteca! -
Apontou para os fundos do salão. - Vá vê-la!

- Me dê licença!

Jacques se aproximou da mesa onde Renné e Anne conversavam.

- Bom dia!

- Bom dia! - Anne retribuiu, já imaginando de quem se tratava.

- Vamos Renné?

- Sim vamos! Jacques veja, essa é Anne, neta do senhor Gérard e amiga de Marcel e Allan!

- Muito prazer senhor Jacques!

- Anne? Sim! Já ouvi falar! Prazer em conhecê-la!

- Jacques, Anne irá sábado a nossa casa tomar um café conosco! Mas é surpresa, Marcel e Allan não podem saber!

- Por certo vão gostar muito da surpresa.

- Anne querida, agora não vou mais lhe atrapalhar! Até sábado e muito obrigada pela amável companhia!

- Imagine, foi um enorme prazer Renné! Nos vemos sábado então!

As duas se abraçaram como se fossem velhas conhecidas. Jacques beijou a mão de Anne, que Sorriu em um gesto de agradecimento.

- Quanto lhe devo senhor Gérard? - Jacques seguiu em direção ao balcão.

- De jeito nenhum! Não me deve nada! É meu modo de lhes desejar boas-vindas!

- É muita gentileza de sua parte! Eu e minha esposa agradecemos!

- Obrigada Senhor Gérard! O bolo estava delicioso!

- Obrigado! Voltem outras vezes! Faço questão!

- Sim, voltaremos! Obrigado mais una vez!

Jacques e Renné se despediram. No caminho de volta, Renné era só elogios para Anne;

- Viu que moça encantadora, Jacques?

- Sim, é muito bonita!

- Não apenas bonita, mas muito educada! Senhor Gérard disse que estudou em Paris.

- Parece mesmo ser moça estudada.

- E o melhor você não sabe, homem! Está interessada em nosso filho!

- Em Marcel?

- Mas é claro, em quem mais poderia ser? Em Allan?

- E ele, será que está interessado nela?

- É isso que vou sondar quando ela for lá em casa.

- Mulher! Mulher! Deixe que Marcel resolva seus assuntos!

- O Que estou fazendo de mal? Quero que meu filho se interesse por uma boa moça! Que mãe não quer isto?

- Ao menos seja sutil.

- Sempre sou sutil! E bico calado com eles, não quero que saibam de nada. Não vá esquecer e dar com a língua nos dentes!

- Se acalme mulher! Não falarei nada! Mas será que Marcel ainda não gosta daquela mocinha de Orne, qual é mesmo o nome...

- De Sara? Não! Ele quem colocou fim no relacionamento, homem! Não se lembra?

- É que às vezes vejo Marcel cabisbaixo, coisa de quem está apaixonado.

- E desde quando entende destas coisas?

- Entendo muito bem!

- Pois sim! Marcel deve estar se sentindo sozinho. Mas isso vai mudar em breve.

- Se depender da sua empolgação... Estou certo que sim!

Renné ignorou o comentário do marido e começou a planejar o tipo de bolo que faria e como receberia Anne em sua casa;

- Farei um bolo de chocolate de duas camadas. Temos que comprar toalhas de mesa nova. E alguns pratos e xícaras também. Verei isso amanhã.

Seguiu a viagem organizando suas ideias e as compartilhando com Jacques.

Aquela manhã estava radiante para Anne.

Atendeu a todos com um sorriso especial e uma alegria contagiante.

Passava um pouco do meio dia quando Marcel cruzou o portão da escola.

Entrou na biblioteca e com a cordialidade habitual, cumprimentou senhor Gérard;

- Boa tarde! Está tudo bem com o senhor?

Anne orientava um jovem na biblioteca quando, ao longe, ouviu a voz de Marcel. Virou-se rapidamente para confirmar sua suspeita;

- Ele chegou...

- Desculpe senhorita, falou comigo? - O jovem indagou confundido.

- Não, desculpe! Pensava alto. Com licença um minuto, volto já!

Anne afastou-se da mesa ajustando a longa saia preta, com minúsculas flores vermelhas desenhadas como detalhe.

Senhor Gérard saiu do balcão com euforia;

- Senhor Marcel, hoje recebemos visitas ilustres!

Marcel sorriu; - Finalmente conheceu dona Renné e o senhor Jacques!

Anne se aproximou delicadamente;

- Marcel... Como vai?

Por uns segundos Marcel tirou o sorriso do rosto, olhou para os olhos profundamente negros de Anne e respondeu após pequena pausa;

- Olá Anne. Vou bem e você?

- Muito bem. Gostei muito de seus pais, especialmente de sua mãe.

- Fico feliz.

- Sim! Conversaram o tempo todo! - Gérard emendou.

- Quer que lhe prepare um café? - A voz suave de Anne soava como música para os ouvidos de Marcel. Enquanto falava, Anne ajeitava os longos cabelos para o lado.

- Não obrigado, ainda terei que buscar Allan e hoje estou sem carro.

Anne demonstrou certo descontentamento, mas manteve a doçura no olhar que não desviava de Marcel por nenhum segundo;

- Está bem. Fica para outra oportunidade.

- Sim. Bem... Obrigado pela gentileza de terem acolhido a meus pais. - Marcel se dirigiu a Gérard e a Anne, mantendo a atenção em Anne por mais tempo.

- O que é isso rapaz! traga-os sempre que puder!

- Trarei senhor Gérard! Até mais.

Como sempre fazia, Anne seguiu Marcel até a porta.

Marcel parou e virou-se para Anne mais uma vez;

- Então... Nos vemos.

- Sim. Espero que muito em breve. - Anne tomou coragem para finalmente deixar escapar algo de seus sentimentos.

As palavras de Anne atingiram Marcel como um dardo. Sentiu-se feliz por ser alvo do carinho de alguém tão especial.

Anne o olhava como se esperasse uma resposta à altura. Marcel Precisava retribuir. E o fez; Acarinhou o rosto de Anne com cuidado e sem pressa;

- Eu também espero.

Seguiu seu caminho, desta vez, sem olhar para trás.

A emoção de Anne transbordou para seus olhos, sem que notasse. Só se deu conta quando sentiu a lágrima rolar em seu rosto. A enxugou com leveza e olhou para os dedos úmidos, sorrindo.

Finalmente Marcel havia demonstrado algum sentimento, algum interesse.

Se recompôs antes de entrar. Mas não conseguiu enganar ao avô.

Gérard percebeu a alegria nos olhos da neta, uma alegria que nunca havia visto desde que chegou de Paris.

"Isso ainda vai dar em casamento...".

Na janela do pequeno ônibus a diesel, Marcel observava as ruas e as pessoas caminhando, mas seu pensamento estava em outro lugar.

Era ciente do amor que nutria por Charlotte, mas se sentia profundamente angustiado quando pensava na possibilidade de magoar os sentimentos de Anne.

Pela primeira vez havia retribuído o carinho que ela o dispensara e isso fez com que seu coração experimentasse uma sensação de prazer e serenidade, ao mesmo tempo.

Resolveu mudar o rumo dos pensamentos e pegou um dos livros que carregava. abriu em uma página qualquer para se distrair.

Era um livro de poesias intitulado "Pranto", de Frederico García Lorca. Abriu justo em um poema, de título "Alma ausente", que dizia assim:

***"... O outono virá com caracóis,
uva de névoa e montes agrupados,
mas ninguém querará mirar teus olhos,
porque morreste para sempre.***

***Ninguém te conhece. Não. Porém eu te canto.
Eu canto sem tardança teu perfil e tua graça.
A madureza insigne do teu conhecimento.
A tua apetência de morte e o gosto de sua boca.
A tristeza que teve a tua valente alegria.***

***Tardará muito tempo em nascer, se é que nasce,
um andaluz tão claro, tão rico de aventura.
Canto-lhe a elegância com palavras que gemem
E recordo uma triste brisa nos olivais.”***

Fechou o livro e seus olhos. Se pudesse, teria Charlotte ali, naquele momento, ao seu lado, para segurar-lhe as mãos e falar de seus sentimentos.

Mas era apenas um desejo. Não podia ser real.

Olhou para o céu azul e por alguns minutos sentiu raiva de estar entre os vivos da Terra.

"Por que as coisas não são como queremos que elas sejam?"

Por mais que lesse e por mais que, teoricamente tivesse a resposta, seu coração teimava em não ouvi-la.

Seu coração só conhecia a vontade de na companhia Charlotte, como se tudo mais fosse angustiadamente desinteressante. Essa era a pergunta e a resposta.

Estava a ponto de passar pelo local onde deveria descer quando despertou de suas angústias e correu para sair do ônibus a tempo.

A luz do sol, tão rara, tão valiosa, acalentava a sensação gélida de sua alma. Seguiu para a escola de Allan envolvido pela energia benfazeja que os raios solares transmitem aos seres viventes, de todas as condições, de todos os mundos.

Não havia o que fazer. Reequilibrou suas emoções e as deixou onde sempre estiveram, à espera dos próximos acontecimentos.

Os olhos da alma

Aquele sábado custou a chegar para Anne, que contava os segundos imaginando o momento em que entraria na casa de Marcel. Mal dormia à noite, imaginando como deveria se comportar para que Renné e Jacques a visse como a mulher ideal para o filho amado.

Chegou à conclusão que deveria continuar sendo ela mesma, que seu amor por Marcel falaria mais alto que qualquer falha que viesse a ter, diante dos olhos de seus pais.

Renné acordou cedo e começou a preparar o bolo que serviria para a visita ilustre.

Marcel também se levantou cedo e estranhou a movimentação da mãe;

- O que está havendo dona Renné? Vi que comprou coisas novas para a cozinha, agora está fazendo bolo logo cedo... Teremos visita?

- Sim teremos! Uma amiga de Orne vem me ver. Veja que alegria!

- Que amiga?

- Você não se lembra dela. Já não nos víamos há muito tempo. Pretende sair?

- Tenho uma aula particular para dar agora cedo e depois estava pensando em dar uma volta com Allan.

- Pois não pode! Minha amiga quer conhecer vocês, seria deselegante não estarem presentes!

- E que horas ela virá?

- À tardinha. Faço questão da presença de vocês!

- Está bem, se é tão importante para a senhora... Estarei aqui!

Renné beijou o filho com carinho;

- Irá gostar muito!

Marcel retribuiu o beijo;

- Preciso tomar café rápido se não, chegarei atrasado.

Renné preparou o café de Marcel com um sorriso no rosto.

Bem longe dali, Charlotte assistia a uma palestra em um dos salões da colônia, com Orlan e Rose.

No final, caminharam juntos para o jardim. Abraçada ao marido, Rose comentou, encantada;

- Que belas palavras, não acha, Orlan? Nunca poderia imaginar tais ideias!

- Sim, é verdade, temos muito a aprender.

- Josephine comentou que em breve a senhora poderá me acompanhar nos trabalhos com os jovens.

- Estou muito empolgada. Não vejo a hora!

Orlan beijou a mão de Rose; - Estou muito feliz com o seu progresso!

- Não conseguiria jamais sem a ajuda de vocês!

Ao longe, Lían caminhava acompanhado de dois jovens.

- Preciso falar com Lían. Papai, mamãe, os vejo em breve.

- Jacques beijou a fronte da filha e se afastou de mãos dadas com Rose.

Percebendo a aproximação de Charlotte, Lían se despediu dos jovens e caminhou em sua direção;

- Charlotte! Como está? Soube que estava na palestra de Carmim. Então o que achou?

- Interessantíssima! Mamãe também gostou demais.

- Infelizmente não cheguei a tempo... Bem, hoje passearemos juntos! O que acha?

Charlotte sentiu um aperto no peito, como a muito não sentia.

- Aonde vamos?

- Vamos juntos até a casa de Marcel.

O aperto aumentou;

- Está tudo bem lá?

- Sim! Muito bem!

- Tem notícias de Aldráz?

- Está com Madeleine se restabelecendo pouco a pouco. Da última vez que o vi, seu perispírito já apresentava considerável melhora.

- Fico feliz em saber. Mas... se está tudo bem na casa...

- Sim, a casa está em perfeita harmonia.

- Sem perguntas, não é? - Charlotte sorriu com certa ironia.

Lían retribuiu o sorriso;

- Venho buscá-la quando chegar a hora.

Charlotte consentiu com a cabeça baixa.

- Charlothe... Confie no amor verdadeiro. Ele está acima de tudo. Ele ultrapassa o tempo, as barreiras da carne, dos mundos, para continuar vivo, irradiando a mesma luz do primeiro momento.

- Sim. Eu confio. - Respondeu ainda de cabeça baixa, pra que Lían não notasse seus olhos marejados.

- Suas lágrimas são dignas do meu mais absoluto respeito. Deixe-as cair. Sabe o que fazer depois.

Charlotte enxugou as lágrimas e segurou as mãos do amigo com brandura;

- Sim eu sei. Obrigada por todos os ensinamentos.

- Estarei sempre ao seu lado.

- Eu sei.

Lían beijou as mãos de Charlotte e se afastou. Olhando para trás mais uma vez, sorriu como quem transmitisse a confiança necessária para o momento que se aproximava.

Charlotte fechou os olhos, permitindo que mais algumas lágrimas caíssem. Não as impediu. Ficou ali por mais algum tempo e seguiu para o reencontro com seus pais.

Lían tinha razão. Seu coração sabia o que fazer.

A tarde caiu em Bernay e com ela a brisa fria habitual. O vento estava mais gelado e a luz do sol se tornava mais fraca a cada segundo.

Renné já tinha preparado tudo. A grande mesa da sala já estava posta com uma linda toalha madrepérola rendada.

As novas xícaras de porcelana descansavam sobre os pratos delicadamente desenhados com pequenas e singelas folhas de cor verde-musgo.

Todos estavam sentados na grande sala, aguardando a visita especial.

- Mãe, sua amiga vai demorar? Eu e Marcel ficamos de passar na biblioteca hoje.

- Ficamos? - Marcel perguntou em tom de brincadeira.

- Sim! Não lembra que Anne disse que hoje chegariam novos livros?

- Acalme-se Allan! Estará com Anne ainda hoje! - Renné acalmou o filho aflito.

- Não estou vendo como... - Allan murmurou baixinho.

O sino colocado por Jacques no portão tocou intermitentemente.

- Finalmente! - Allan soltou os braços no descanso do sofá.

- Vá! Jacques! Vá abrir o portão!

Jacques levantou-se sob o olhar eufórico de Renné, que correu para buscar o bolo de chocolate.

Quando voltou da cozinha, estampava um sorriso no rosto;

- Irão gostar muito da surpresa!

- Surpresa? - Marcel não teve tempo de perguntar mais nada, viu Anne entrar pela porta, seguida por seu pai.

Era ela, a visita tão esperada.

Allan levantou-se em um pulo;

- Não acredito!

Anne olhou para Marcel e logo depois, abriu os braços para Allan;

- Ficou feliz em me ver?

- Sim, muito!

- Eu pedi a Anne que não comentasse nada. - Renné deixou as louças sobre a mesa e seguiu em direção a Anne para cumprimentá-la. - Seja bem-vinda minha querida!

- Obrigada. Espero não estar incomodando.

- Você não incomoda! Imagine! Venha, sente-se aqui! - Renné tirou a almofada de um dos assentos do sofá para que Anne se acomodasse e sentou-se ao seu lado.

Jacques se sentou na grande poltrona vinho e Marcel e Allan, nas cadeiras em frente ao sofá.

- Não tivemos tempo de conversar direito com tanto entra e sai lá na cafeteria, não é Anne?

- Sim, aquele horário costuma ser bem movimentado.

Marcel olhava para Anne conversando com sua mãe e pela primeira vez pôde notar os detalhes de seu rosto sem constrangimento.

Anne era imensamente bela.

Seus cabelos muito negros e lisos que formavam grandes cachos nas pontas, emolduravam o rosto de traços fortes e bem definidos.

As sobrancelhas eram grossas, porém, bem desenhadas.

Os olhos eram negros, com cílios longos e igualmente escuros.

Seus lábios eram grossos, sem perder o contorno bem feito.

Marcel observava a movimentação de suas mãos, firmes, sem perder a delicadeza.

De vez em quando, Anne buscava o olhar de Marcel e lhe dava um sorriso tímido, que só eles entendiam.

A conversa seguia animada, quando Lían e Charlotte passaram pela porta.

Entraram na sala suavemente, colocaram-se de pé, ao lado da mesa.

Charlotte observou a cena, procurando entender o que se desenhava diante dela.

Fitou os olhos em Anne, e não tardou para perceber o olhar que a moça, de modos tão finos, dirigia para Marcel, entre uma frase e outra.

Observou Marcel se encantar com cada gesto e olhou para Lían, esperando alguma palavra.

- Charlotte quero que observe com atenção o que se inicia nesta sala.

- Acho que já posso imaginar.

- As relações na Terra começam assim, cheias de encantamento e é assim que deve ser. Espíritos que assumiram o compromisso de trilhar o mesmo caminho, precisam se sentir atraídos, seja física, intelectual ou emocionalmente, para que aceitem compartilhar as lições que virão.

Charlotte ouvia com atenção, com um abatimento visível. E Lían prosseguiu;

- Anne e Marcel precisam caminhar juntos. Para isso, precisam se sentir atraídos, interessados. Para Anne foi fácil. É uma

moça com sonhos, como qualquer uma de sua idade. Viu na figura de Marcel a personificação do homem que sempre desejou para a sua vida. Já para Marcel, creio que será um pouco mais difícil.

- A mim não me parece que será tão difícil.

- Veja com os olhos da alma, Charlotte, não com os olhos da mulher de carne que já foi um dia. Percebeu apenas o olhar do homem para a mulher. Encantado com a beleza que poderá ter, dos gestos que poderá desfrutar. Mas para Marcel, só isso não é o bastante. Não depois de ter conhecido o sentimento desinteressado e puro que você despertou em seu espírito.

Charlotte não conteve as lágrimas copiosas.

- Marcel não se renderá a Anne. Não depois de você.

- Não virei mais nesta casa, não com frequência. Isso o ajudará a esquecer.

- Talvez sua ausência o afaste de seus próprios sentimentos e ele resolva seguir adiante. Mas isso pode demorar. E talvez Anne não possa esperar tanto tempo.

- O que sugere que eu faça?

- Sugiro que converse com Marcel e mostre a ele o caminho que deverá seguir.

- Quer que eu peça a ele que me esqueça, que se esqueça de nós?

- Não. Ele não precisará esquecê-la. E esteja certa, ainda que peça, não o fará. Ele precisa entender o amor que sente por você e separá-lo do sentimento novo que está surgindo em seu coração, por Anne.

- Não sei se serei capaz...

- Marcel precisa dividir sua vida com Anne. Devem trazer ao mundo, como filho, alguém que precisa voltar nesta família, nestas condições. Se eles se perderem, tudo será refeito e isto pode custar muitos anos de conquistas para todos os envolvidos. Essa é a missão dele. Ajude-o a cumpri-la!

Charlotte olhou para Marcel, aproximou-se dele e com carinho, passou a mão em seus cabelos.

- Irei ajudá-lo. Farei o que for preciso.

Colocou a mão no coração de Marcel e fechou os olhos;

- Eu te esperarei até que cumpra a sua missão. Até que seu trabalho esteja terminado. Esperarei o tempo que for, meu amor...

Lían cuidava para que o perispírito muito sutil de Charlotte, não emanasse o aroma de flores que Marcel tanto apreciava.

O trabalho estava começando.

- Quando poderei falar com ele?

- Será esta noite, quando ele se desligar do corpo. Será melhor assim.

- Ele será capaz de lembrar-se de tudo?

- Seja eficaz e cuide bem das palavras. Ele se lembrará de toda a conversa.

- Sim. Serei.

- Agora podemos ir.

Charlotte caminhou até a porta, ao lado de Lían e antes de partir, olhou para Marcel com ternura;

- Creio que ainda há muito em mim da mulher de carne que fui um dia.

- Por que diz isso?
- Porque meu coração está sangrando.
- O amor cura todas as feridas. - Abraçou Charlotte, afastando-a da casa. - Vai passar.

Além do arco-íris

Charlotte voltou para a colônia sem ter deixado seu perfume impregnado nos sentidos de Marcel desta vez.

Na casa, a conversa seguia cada vez mais animada. Anne transitava facilmente por qualquer assunto.

- Vamos para a mesa, esquentarei o chocolate em dois minutos, vão se sentando!
- Eu lhe ajudo Renné!
- Venha minha filha, venha! Não repare na casa, é muito antiga!
- Imagina! É uma bela casa!

Renné e Anne foram juntas para a cozinha.

- Sua casa é linda Renné. Adoro casas que preservam os ares do século 19.
- Confesso que não me agrada muito, mas... A encontramos assim e assim ficará pelo menos por enquanto.
- O tio do senhor Jacques morava aqui com a família, não é? Marcel me contou.

- Sim. Moravam ele, a esposa e a filha. No fim só tinha ele. Esposa e filha morreram precocemente.

- Que triste deve ser perder um filho...

- Sim, e ela era bem jovem. Tem um retrato dela no quarto de Marcel, depois peça a ele que lhe mostre.

- Tem? Ele não comentou.

- Vamos. Já estão quentes.

Todos já haviam ocupado seus lugares na mesa. Jacques sentou-se na cabeceira. Marcel deixou uma cadeira livre para Renné e sentou-se na cadeira ao lado, seguido por Allan.

Renné e Anne levavam cada uma, duas lindas leiteiras de porcelana no mesmo desenho das xícaras.

Ao sair da cozinha, Renné percebeu o lugar vazio ao lado de Marcel e agiu rápido;

- Anne, sirva Marcel e Allan, por favor. Eu servirei Jacques. - E tomou a direção oposta aos filhos.

Mais próxima do assento vazio ao lado de Marcel e percebendo que Renné ocupara o lugar de frente, Anne não teve alternativa a não ser sentar-se ali.

Já esteve próxima a Marcel outras vezes, mas aquele momento era especial.

Serviu o chocolate quente com medo de não demonstrar as mãos trêmulas dominadas pelo nervosismo.

Marcel experimentava a mesma sensação. Não tinha as mãos trêmulas, mas a presença de Anne ao seu lado lhe despertava sensações perturbadoras. Resolveu fazer algo para distrair suas emoções;

- Cortarei o bolo!

Serviu a Anne o primeiro pedaço;

- Anne será nossa cobaia. - Marcel fez com que todos rissem do comentário, fixando-se, sem disfarçar, no sorriso de Anne.

- Meu bolo está delicioso! Disso tenho certeza! - Renné respondeu em tom de brincadeira.

- Está delicioso Renné! Aprovedíssimo!

Marcel serviu a todos.

- E você, filho, não vai pegar um pedaço do meu bolo?

- Pegarei mais tarde mãe, almocei um pouco tarde.

- Pegue do meu, colocou um pedaço bem generoso em meu prato, não conseguirei sozinha. - Anne tirou o garfo do prato vazio de Marcel e o colocou em suas mãos. - Vamos, pegue.

- Está bem. Só um pedaço.

Marcel partiu um pequeno pedaço de bolo do prato de Anne. Seu braço encostava no braço de Anne, que ficou imóvel. Queria congelar aquele momento. Após partir o pedaço, se aproximou mais do prato para que os farelos de bolo não caíssem sobre a mesa, aproximando-se ainda mais de Anne, que podia sentir a fragrância de seu perfume com mais intensidade.

Renné sorriu. Seu plano havia saído melhor do que havia previsto.

Marcel não pegou apenas um pedaço, dividiu o bolo com Anne até o final.

Renné se dirigiu ao filho, visivelmente envolvido pelo momento; - Marcel, leve Anne para conhecer o jardim. Olhou para Anne, igualmente enternecida; - Quando chegamos aqui o jardim estava abandonado e pouco a pouco Jacques deu vida a tudo!

- Modéstia à parte, está muito bonito. - Jacques ajudou a promover o convite.

- Vamos? - Marcel estendeu a mão para Anne, que a segurou com firmeza.

Marcel e Anne foram para o jardim pelos fundos da casa, de braços dados.

O jardim estava realmente admirável. Jacques havia plantado flores de todos os cores e tipos. Mas a brisa estava gélida e pouco convidativa.

- Sente frio? - Marcel perguntou ao ver Anne cruzar os braços.

- Sim, um pouco. Creio que este agasalho não dará conta.

- Quer entrar?

- Não... É realmente tão lindo como seus pais disseram. Gostaria de ficar um pouco mais.

- Pegarei mais um casaco para você.

- Não... Não precisa. Chegue mais perto. Nosso calor vai nos manter aquecidos. - Esticou os braços para Marcel, que retribuiu trazendo o corpo trêmulo de Anne para junto do seu.

- Melhorou?

- Sim...

Marcel envolveu Anne em seus braços, que por sua vez, colocou os seus repousados no peito de Marcel.

Os lábios de Marcel tocavam os cabelos de Anne.

Ao fundo, a vitrola de Renné começava a tocar "L'arc en ciel", na voz de Léo Marjane.

Com mansuetude, Marcel beijou a fronte de Anne, que por sua vez, levantou a cabeça devagar, permitindo que os lábios de Marcel descessem lentamente, passando por seus olhos, pelo contorno do nariz, pelas maçãs do rosto, até que finalmente os lábios de Marcel encontraram os seus.

Anne abriu os olhos. Era real. Os fechou novamente e retribuiu o beijo que esperou desde que viu Marcel pela primeira vez.

Marcel deslizava suavemente seus lábios pelos lábios de Anne, em uma confusão de paz e desassossego, saciedade e desejo.

Allan se aproximou da porta que dava para o jardim e interrompeu a marcha, surpreso. Ficou feliz com o que estava diante de seus olhos. Correu para contar a feliz novidade a Renné.

Marcel Levou as mãos até o rosto de Anne, passando o polegar carinhosamente por seus lábios;

- Acho que o frio já passou.

Anne sorriu encabulada; - Sim, passou. E então, gostou da surpresa?

- Sim, gostei muito.

- Tive medo de que não gostasse.

- Por que não gostaria?

- Não sei... Às vezes percebo o seu olhar distante. Tive medo de que tivesse algum assunto mal resolvido em sua vida.

- Que tipo de assunto?

- Não sei... Alguém especial talvez.

Marcel sentiu o coração bater mais forte. A expressão suave de seu rosto deu lugar a notável apreensão.

- O que foi? Existe alguém?

- Anne... Não vou mentir. Não quero mentir. Você me encanta profundamente. Não tem ideia do quanto. Mas... Sim, existe alguém. Não da maneira que imagina.

Anne se afastou de Marcel, mantendo-se ainda a sua frente;

- Alguém que deixou em Orne?

- É uma história difícil de contar. Não temos nada, na verdade nem mesmo espero ter. O fato é que... Anne, estou muito confuso com meus sentimentos e não quero que se magoe.

Anne não conseguiu disfarçar a frustração.

Marcel se aproximou mais uma vez. A trouxe para perto e a abraçou.

Conduziu o rosto de Anne para junto do seu;

- Me desculpe. Mas não quero que se decepcione. Talvez não consiga corresponder suas expectativas. É só isso.

- Não precisa se desculpar, Marcel. Agradeço a sua sinceridade. - Anne deixou escapar uma lágrima de seu rosto.

Marcel a enxugou e a beijou mais uma vez;

- Anne... Não quero que fique triste por minha causa.

- Desculpe, não consigo evitar. Preciso ir. Depois conversamos melhor.

- Levarei você.

- Não. Por favor. Ainda é cedo e preciso ir sozinha.

- Levarei você Anne.

- Não Marcel, realmente preciso ficar sozinha. Por favor.

- Está certa disso?

- Sim. Estou.

- Vem aqui. - Marcel beijou Anne com afeto; - Nos falaremos de novo sobre isso.

- Está bem. Vou me despedir de todos. - Anne acarinhou o rosto de Marcel e se afastou.

Marcel sentou-se no jardim. Aquela lágrima havia cortado o seu coração como uma faca.

O perfume de Anne em suas mãos fortalecia mais a impressão deixada por aquele momento. Não sabia se desejava não ter dado aquele beijo ou se desejava outros mais.

Ainda podia sentir o gosto do beijo em sua boca. No fundo não tinha dúvida, desejava sim, outros como aquele.

Seus pensamentos foram interrompidos por Jacques e Renné;

- Por que não levou Anne até o portão? Aconteceu alguma coisa?

- Mulher, isto é assunto deles!

- Está tudo bem mãe, não se preocupe. Vão descansar vocês. Ficarei um pouco mais aqui.

- Boa noite filho, vamos Renné.

- Não quer conversar sobre o que aconteceu?

- Não mãe, gostaria de ficar um pouco aqui sozinho, apenas isso.

- Vamos Renné...

- Está bem então... Boa noite, filho. - Renné se afastou pouco satisfeita com o pedido de Marcel.

Renné e Jacques entraram na sala abraçados.

- Allan, vá ver o que houve, pode ser que Marcel fale com você. Como é possível? Uma hora se beijam e na outra nem se despedem?

- Ele vai falar, não hoje. Deixa ele um pouco sozinho, mãe.

- O menino tem mais juízo que você, Renné.

- Pois então tire a mesa você que 'a sem juízo' vai descansar.

- Renné subiu as escadas perceptivelmente contrariada.

- Eu te ajudo pai.

Allan começou a recolher as xícaras enquanto Jacques beliscava o bolo;

- E não é que este bolo é gostoso mesmo? Come mais um pedaço, filho. Sente ai, arrumamos tudo depois.

Serviram-se de bolo e chocolate ao som de Léo Marjane que ainda tocava.

Marcel deitou-se no jardim apoiando a cabeça sobre os braços.

Estava exausto.

Fechou os olhos para tentar calar seus pensamentos e adormeceu.

Charlotte se aproximou da casa ao lado de Lían.

- Aproveite a oportunidade. - Lían sugeriu, em tom austero.

- Não será melhor esperar que se recolha em seu quarto?

- Usufrua das emoções à flor da pele de Marcel neste momento. Isso facilitará êxito do encontro. Cuidarei para que não sejam interrompidos.

Charlotte se aproximou do portão, observada por Lían;

- Vá.

A noite estava clara e silenciosa.

Charlotte caminhou pelo jardim, até encontrar Marcel, desacordado, pouco acima de seu corpo material.

“É agora!”.

Respirou fundo e buscou coragem. A hora de dizer adeus havia chegado.

A promessa

A lua cheia, majestosa, iluminava o jardim de Renné. O vento que soprava suave e frio, balançava as folhas das árvores com o cuidado de quem não queria fazer barulho.

Charlotte se aproximou de Marcel-espírito e segurando-lhe as mãos, o afastou mais de seu corpo físico.

- Marcel, eu estou aqui. - Chamou com cuidado.

Marcel despertou lentamente. Olhou para o sorriso que mais lhe encantava, de todos que já havia visto. Era a sua Charlotte.

- Charlotte... Graças a Deus, meu amor! Senti tanta saudade.

A abraçou com tamanha desesperação, que nenhuma palavra que dissesse seria capaz de expressar.

- Marcel! Como desejei que este momento chegasse logo!

- Aconteceram tantas coisas... Queria tanto que estivesse aqui.

- Marcel, - Charlotte saiu do abraço, com brandura; - Preciso lhe falar.

- Eu também! Preciso muito lhe contar algumas coisas.

- Não, meu amor. Não precisa. Eu já sei o que quer me dizer.

Marcel declinou a cabeça, constrangido;

- Eu não sei o que fazer... Ajude-me! - Marcel segurou forte as mãos de Charlotte.

- Marcel, meu trabalho nesta casa está concluído. Sabe que não poderei mais voltar. Precisa seguir com a sua vida.

Marcel chorava como um menino perdido;

- Eu sei..., mas é estranho... nada tem sentido, nada me interessa, só você.

Charlotte chorou junto com Marcel;

- Ouça-me bem, você tem lido muitos livros, já entende como as coisas são. Sabe que um dia nos encontraremos, não tem mais dúvidas disso! Pois então! Temos que esperar.

- E se quando eu me for, você não estiver mais lá? Se já tiver voltado?

- Não voltarei até que você chegue. Prometo-lhe.

Marcel beijou as mãos de Charlotte;

- Me promete? Não quero perder você de vista.

- Sim! Tem minha palavra. Meu amor... Preste atenção: Anne será uma boa companhia para você. Precisarás muito dela.

- Tenho medo.

- De que?

- De não conseguir amá-la. De não conseguir ser feliz ou fazê-la feliz. Não é a mesma coisa...

- Eu sei...precisa tentar.

- Com você me sinto tão bem... queria dividir tantas coisas com você.

- O amor que temos estará intacto, esperando por nós, tão logo termine sua missão.

- Eu entendo...

- Me guarde em seu coração e enquanto você estiver aqui, permita que Anne faça morada em seus pensamentos. - Charlotte tocou no peito de Marcel, confiante.

- Eu te amo Charlotte. Te amarei além do dia em que meus olhos se fecharem para esta vida e se abrirem para a vida que teremos juntos.

- Eu também amo você. Estarei cuidando de tudo até a sua volta. - Charlotte buscou os olhos tristes de Marcel; - Cuide bem de Anne, sem culpa. Promete-me isso?

Marcel deslizou as mãos pelos cabelos loiros de Charlotte, sem pressa. Após alguns segundos, deu um longo suspiro; - Sim. Prometo.

- Não diga nada a ela sobre nós.

-Se assim deseja, não direi nada.

- Tenho que ir. Lían me chama.

Marcel segurou os braços de Charlotte delicadamente, trazendo-a para si e segurou seu rosto com gentileza;

- Viverei a minha vida, esperando por você.

Levou a mão de Charlotte até seu coração e continuou;

- Serei incompleto, até o dia que venha me buscar.

Charlotte sorriu, disfarçando seu pranto, e se aproximou mais, falando baixinho;

- Por favor, seja feliz...

- Vou tentar, eu prometo.

Charlotte levou Marcel até seu corpo físico, e fitou seus olhos com o mesmo fascínio da primeira vez que os viu;

- Eu amo você Marcel. - Delicadamente soltou suas mãos.

Marcel se encaixou perfeitamente em seu invólucro carnal. Abriu os olhos e não viu Charlotte.

- Charlotte! Não! - Se levantou assustado.

Olhou em volta e não viu nada além das flores.

Caminhou até o meio do jardim, desorientado.

Recostou-se em uma das árvores e se lembrou de cada palavra, de cada gesto, do abraço e do beijo.

Charlotte havia partido.

Voltou para dentro da casa e encontrou Jacques e Allan conversando na sala;

- Oi filho! Já íamos te chamar! Que cara é essa? Viu assombração?

- Eu peguei no sono sem querer.
- Com esse frio? - Allan questionou, surpreso.
- Não senti frio, me joguei na grama para descansar um pouco e acabei dormindo.
- Vá para a cama, filho. Vá descansar.
- Sim, farei isso. Boa noite.
- Boa noite filho. Consegue subir as escadas?
- Consigo, pai. Obrigado.

Allan observou seu irmão subir as escadas e percebeu pelas feições profundamente tristes que alguma coisa havia acontecido, além do cochilo no jardim.

“Amanhã ele vai me explicar isso direito.”

- Allan, vamos guardar tudo e dormir, também estou cansado. Chega por hoje!

Marcel não teve forças para se trocar. Deitou-se do jeito que estava e não teve coragem de olhar o retrato de Charlotte.

Fechou os olhos e repassou em sua mente tudo o que havia vivido em seu sonho. Palavra por palavra.

Não queria esquecer nunca mais.

Lían e Charlotte seguiram para a colônia.

Charlotte não disse nenhuma palavra desde que saiu da casa e Lían por sua vez, não fez nenhuma pergunta.

Deixou Charlotte com seu luto na entrada do jardim da colônia.

Apenas um abraço selou a despedida.

Sozinha, Charlotte caminhou por entre as árvores, estava sem rumo, sem chão.

Devido à grande proximidade que algumas colônias têm com a Terra, dia e noite funcionam da mesma maneira. Como os espíritos não precisam descansar, aproveitam o período da noite para visitar a Terra, momento em que as emanações vibratórias se fazem mais brandas por parte dos encarnados.

Alguns visitam seus entes queridos, outros, aproveitam para estudar em lugares usados para este fim.

Muitos locais como igrejas, templos, escolas, vazios durante as madrugadas, são usados por espíritos preparados para ministrarem estudos e palestras a desencarnados e encarnados, enquanto seus corpos repousam.

Quando os desencarnados não estão na Terra, participam de alguma das muitas atividades das colônias, sempre voltadas para os estudos, em diversos segmentos.

Charlotte escolheu o silêncio como seu refúgio. Sentou-se próximo ao lago, seu lugar preferido na colônia e esperou até que seu coração parasse de sangrar.

Para Anne, a lua também tinha um sabor amargo. Não conseguia dormir, por mais que tentasse. Por um lado estava feliz com o progresso de sua relação com Marcel, mas por outro, via-se atormentada com a existência de outra mulher em seu caminho.

Lembrou-se de recorrer à prece para que seu coração encontrasse um pouco de conforto.

Fechou os olhos e pediu com fervor;

"Sei que tenho mais a agradecer do que a pedir. E agradeço todos os dias. Mas hoje, gostaria de pedir um pouco de paz para o meu coração. Imaginei ter encontrado alguém a quem realmente me afeiçoei, mas agora meu coração se enche de dúvidas. Se este não

for o meu caminho, por favor, me ajude a sair dele, mas se for, me dê forças para continuar."

Anne não sabia, mas um espírito amigo estava ao seu lado desde que se deitou, mas encontrou certa dificuldade em se aproximar da sua psique tumultuada. Aproveitou a sintonia que se formava com os pensamentos elevados de Anne e se aproximou de sua protegida, com admirável devoção;

- Persevere Anne. Persevere. Confie no seu amor por Marcel. Não esmoreça.

Anne não ouvia com os ouvidos da carne. Mas seu cérebro sutil absorveu cada uma daquelas palavras.

Rezou o Pai Nosso que sua mãe a ensinou e deitou-se, para uma nova tentativa.

Desta vez, conseguiu dormir.

O domingo chegou sem o brilho do céu azul.

As nuvens voltaram a desenhar o cenário cinza e frio de Bernay.

Renné e Jacques se levantaram cedo e deixaram seus filhos dormirem até mais tarde. Deixaram a mesa da cozinha posta para quando acordassem.

Allan aproveitou o dia para colocar as tarefas da escola em dia e Marcel, o último a sair do quarto, tomou um rápido café e organizou seus livros na mesa da sala, preparando as aulas para o dia seguinte.

Instruída por Jacques, Renné decidiu não tocar no assunto de Anne com Marcel. Preferiu esperar para ver como as coisas se desenhariam. Apenas esperou o momento certo para elogiar a moça.

Oportunidade que chegou com o comentário de Allan para o irmão;

- Marcel, entre você e Anne está tudo bem?

- Sim, tudo bem.

- Que moça inteligente a Anne! Gostei muito dela! - Renné aproveitou a chance.

- É verdade mãe, Anne é muito inteligente.

Renné sentiu o impulso de encher Marcel de perguntas, mas se controlou, com certo sacrifício.

- Vou ajudar seu pai a cuidar do jardim.

Saiu da sala, deixando os irmãos sozinhos.

- Marcel, o que aconteceu ontem depois que Anne foi embora? Voltou a ver aquelas coisas?

- Charlotte veio me ver.

Allan saiu do sofá em que estava, deixando os livros de lado, sentou-se na mesa, em frente ao irmão;

- Como foi?

- Em sonho, mas desta vez minhas lembranças são muito claras. Lembro-me de cada detalhe.

- O que ela disse?

Marcel deu um longo suspiro. -Veio de despedir.

- Você disse que isso iria acontecer.

- Sim. Eu sabia que esse dia chegaria.

- Ela disse alguma coisa de Anne?

- Sim. Pediu-me que desse a Anne uma oportunidade.

- Eu não te disse que ela ia querer isso?

Marcel sorriu ainda desanimado;

- Disse sim.

- Marcel, vai ficar tudo bem. Um dia vocês vão poder ficar juntos.

- Eu sei. Allan... Preste atenção, ela pediu que Anne não soubesse dela. Não comente nada.

- Tudo bem. Mas... Por que Anne foi embora ontem daquele jeito?

- Ela perguntou se havia uma pessoa em minha vida e eu disse que sim. Mas está tudo bem, ela pensa que é alguém de Orne.

- Eu vi vocês se beijando.

- Viu? E contou para dona Renné, aposto.

- Sim...

- Rapazinho, rapazinho...

- Todo mundo aqui gosta dela. E você, gosta?

-Acho que sim. Amanhã falarei com ela. Vou pedir ao pai que te busque, tudo bem?

- Tudo!

- Agora volte para seus livros. Ainda tenho que corrigir algumas provas.

O domingo seguiu sem surpresas.

Anne passou o dia organizando a biblioteca com Gérard. Olhava para o relógio esperando que os ponteiros voassem, trazendo a segunda-feira que ela tanto esperava e com ela, as respostas que seu coração estava decidido a buscar.

O sol entre as nuvens

Rose lia à beira do lago ao lado de Orlan. Ao fundo, era possível ouvir uma orquestra suave de sinos, harmoniosa e reconfortante.

Josephine se aproximou acompanhada de Charlotte.

Orlan foi o primeiro a avistar a dupla.

- Rose, veja quem se aproxima!

Rose fechou o livro e sorriu com alegria;

- Charlotte! Josephine! Sentem-se conosco!

Charlotte beijou os pais e sentou-se entre eles. Josephine manteve-se de pé;

- Com vão?

- Muito bem, obrigado! - Orlan se antecipou em responder.

- Sinto muito por interromper a leitura de vocês, mas Marion tem um assunto importante para tratar e pediu a vocês que o encontrasse na sala maior do Instituto em que Charlotte atua. - Fez o anúncio olhando para os três.

- Agora?

- Sim.

- Pois vamos então! - Rose levantou-se com a ajuda de Orlan.

- Eu acompanho vocês até lá.

Charlotte seguiu de mãos dadas com seus pais enquanto Josephine caminhava mais à frente.

- Filha, sabe o assunto?

- Não, mãe. Apenas soube que se trata de algo importante. Está preocupada?

- Não, não. Está tudo bem. - Apertou mais forte a mão de Orlan.

Em poucos minutos estavam na sala maior do grande Instituto. Marion os esperava.

- Que alegria recebê-los! Como estão?

- Muito bem. - Orlan sorria para tentar disfarçar a inquietação.

- Sentem-se, por favor. - Apontou para as três cadeiras colocadas à sua frente.

- Obrigado Josephine!

- Por nada! Deem-me licença!

Josephine se afastou sob o olhar plácido de Marion.

- Pedi que os chamasse antes que Charlotte começasse suas funções no instituto, para que ela os acompanhasse, mas em realidade, o assunto diz respeito a vocês dois.

Rose ouvia com atenção.

- Do que se trata? - Orlan já não escondia a preocupação.

- Conhecem bem como as coisas funcionam na roda da vida. Estamos todos no mesmo caminho, em marchas diferentes. Precisamos aprender, crescer, melhorar cada vez mais, para que nossos passos sejam cada vez mais firmes, mais precisos, rumo ao nosso objetivo: a perfeição. É um caminho longo, cheio de pedras e subidas íngremes. Para alguns, são obstáculos, para outros, sentinelas que nos ensinam a ficar alertas. Aqui, na Terra ou nos mundos felizes, caminhamos todos juntos, em uma só direção. Às vezes, paramos no meio do caminho, desistimos, ou pegamos atalhos que nos afastam da rota, e nos perdemos.

Orlan baixou a cabeça, pensativo.

- E então, quando retomamos o caminho certo, precisamos apressar a marcha para que não fiquemos para trás. E não será o descanso que nos fará resgatar o tempo perdido. Temos que voltar a caminhar. O que quero dizer, meu irmão, - Olhou para Orlan, enternecido; - É que sua hora de voltar a caminhar pelos caminhos por onde se perdeu um dia, chegou.

Orlan chorou, comedido.

Rose segurou suas mãos, não conseguindo conter as lágrimas.

Charlotte não tinha palavras.

- Voltará no seio da sua última família na Terra. Se tudo correr como o planejado, Seu sobrinho Marcel o receberá como filho amado.

Charlotte sentiu vibrar todas as fibras de sua alma e enxugou as lágrimas antes que elas rolassem de seu rosto.

- Marcel? - Orlan chorava lágrimas copiosas.

- Sim. Crescerá amado por seus pais e no momento oportuno, você receberá alguém que precisará muito de você. Que

precisará de seus cuidados, de sua paciência, mas, sobretudo, de seu amor. Receberá Aldráz como seu filho.

De cabeça baixa, Orlan escondeu o rosto entre as mãos.

- Que assim seja...

- Poderá contar com a ajuda de Rose, se ela assim desejar. Esta missão é sua, não dela, por isso ela tem o privilégio da escolha. Se ela aceitar, poderá ser a sua companheira mais uma vez e o ajudar na difícil missão de reequilibrar Aldráz, que fatalmente ainda carregará consigo traços de animosidade em relação a você. Rose, - Se dirigiu a esposa; - Se achar que não conseguirá ajudá-lo desta maneira poderá ficar ao seu lado como espírito, o intuindo e o fortalecendo. A escolha é sua.

- Eu quero ficar ao lado de Orlan! Serei mais uma vez a sua companheira e não falharei desta vez! - Rose levantou o rosto do marido e olhou em seus olhos; - Serei forte e o ajudarei com nosso filhinho! Eu prometo!

- Rose, não posso permitir que se sacrifique por mim!

- A escolha é minha. E não será sacrifício algum! Estarei ao seu lado!

Rose e Orlan se abraçaram. Charlotte se juntou a seus pais e os abraçou, com ternura.

Marion acarinhou os cabelos de Rose.

- Ajudaremos. Terão êxito. Estou seguro.

Após um longo tempo abraçados, em silêncio, Orlan se dirigiu a Marion, em tom sério;

- Quando será?

- Em relação a você, Orlan, as coisas já estão se encaminhando. Creio que contados pouco mais de doze meses da

Terra, já poderá regressar. Quanto à Rose, trarei notícias em breve. Preparem-se que dentro de alguns poucos dias, começará a preparação.

- E como é essa preparação?- Rose perguntou ainda abraçada ao marido.

- Cada um de vocês irá se preparar de um jeito. Poderão acompanhar seus projetos reencarnatórios com os espíritos que se encarregarão deles. Irão visitar suas futuras famílias, muitas vezes eles serão trazidos aqui, durante o descanso de seus corpos físicos na Terra. E por fim, passarão pelo processo de esquecimento. Mas essa é a última parte. Não pensemos nisso agora.

- É sempre do mesmo jeito para todos? Digo, para todos que voltam?

- Não Rose. Infelizmente não. Alguns não são tão lúcidos quanto aos seus deveres, e a volta desses irmãos muitas vezes é cheia de desconforto e contrariedade, não sendo possível a participação deles em todas as etapas do projeto.

Charlotte olhou para a mãe, visivelmente emocionada;

- Mãezinha... Seu gesto foi o mais lindo que já vi em toda a minha existência.

- Filha, sentirei tantas saudades de você... Desculpe por não ficar.

- Estarei com vocês, sempre que possível. - Virou-se para Orlan sem sair do abraço de Rose; - Pai... - beijou sua face com carinho; - Pai... Sei que vai conseguir! Sei disso!

Orlan retribuiu o beijo; - Obrigado filha.

Marion aproximou-se de Rose e Orlan; - Bem, os chamarei em poucos dias. Charlotte, fique com eles até que esse dia chegue. Suas funções aqui no instituto serão supridas.

- Muito obrigada, Marion.

Charlotte voltou a abraçar seus pais e em silêncio, pensou no momento da sua despedida com Marcel e nas palavras de Lían. Fechou os olhos e descansou seu coração. O caminho de Marcel estava traçado.

Na Terra, Marcel dava os últimos minutos de aula preparando-se psicologicamente para a conversa que teria com Anne.

Seu coração ainda estava triste. Tentava mudar o padrão dos seus pensamentos, fixando-se na promessa que havia feito à Charlotte, na noite da despedida.

Na biblioteca, Anne esperava ansiosa pelo momento em que finalmente veria Marcel de novo.

Finalmente Marcel terminou seu trabalho do dia e após se despedir de alguns alunos que buscavam alguma orientação após a aula, caminhou lentamente até o portão da escola.

Desceu a rua tendo como companhia apenas a chuva fina e a incerteza do que encontraria pela frente.

Anne retirava alguns livros das mesas e olhava para a porta a cada dois minutos, quando seus olhos finalmente foram contemplados com a chegada de Marcel.

Não foi ao seu encontro. Continuou sua tarefa como se não o tivesse visto.

- Boa tarde senhor Gérard!

- Como vai meu filho! Que cara de cansado é essa? Está precisando de um cafezinho, não?

- Acho que sim. Falarei com Anne antes. Obrigado!
- Ah, claro! Ela está ali organizando as mesas.
- Com licença.
- Tem toda meu filho!
- Olá... - Marcel se aproximou, com um sorriso tímido.

Anne virou-se simulando surpresa;

- Olá!

Marcel vestia uma alva camisa bem passada, de mangas compridas, com uma gravata preta já meio desarrumada. Por cima usava um longo casaco preto, molhado nos ombros, que abriu no momento em que entrou. O guarda-chuva estava pendurado em seu braço direito.

Seu perfume era inconfundível, notas amadeiradas se misturavam a um toque cítrico.

- Incomodo?
- Não, já terminei.
- Vamos dar uma volta?
- Sim. Avisarei ao vovô.

Anne usava um vestido marrom de manga 3/4, justo, que passava um pouco dos joelhos. Naquele dia havia prendido os longos cabelos em um coque alto, deixando apenas alguns fios soltos que caíam sobre o rosto.

- Vovô, sairei com Marcel, não me demoro.
- Prometo que não iremos demorar senhor Gérard.

- Não se preocupem! Essa hora não tem tanto movimento, dou conta.

- Obrigada vovô.

- Vá com Deus filha.

- Até mais senhor Gérard.

- Até, meu filho.

Marcel esperou Anne buscar o casaco e abriu o guarda-chuva, oferecendo seu braço; - Vamos?

- Sim. Vamos.

- Deixei o carro com meu pai hoje para que ele buscasse Allan na escola.

- Vamos caminhando. Tem um bosque aqui perto. O que acha?

- Não quer almoçar primeiro?

- Não tenho fome agora.

- Eu também não. Almoçamos depois.

Caminharam em direção a um pequeno bosque próximo dali.

Era o lugar perfeito. Havia algumas poucas pessoas e o canto dos pássaros prevalecia, apesar do mau tempo.

Sentaram embaixo de uma grande árvore que lhes serviu de abrigo.

- Marcel, queria me desculpar pela forma como agi em sua casa.

- Anne, não precisa se desculpar. Eu entendi suas razões.

- E seus pais, o que disseram?

- Eles adoraram você. Não se preocupe com isso.

- Me senti muito mal o domingo inteiro. Quero que se sinta bem em conversar suas coisas comigo e não constrangido, como o deixei.

- Não me deixou constrangido. Anne, - Segurou suas mãos, virando-se totalmente em sua direção; - A nossa vinda para Bernay foi um pouco tumultuada. Deparamo-nos com a notícia da morte do tio de meu pai, como lhe falei, o que nos deixou ainda mais perdidos. Sem contar os problemas que você já sabe, eu e Allan tendo que suportar tudo sem nem ao menos poder compartilhar com meu pai e minha mãe.

- Eu imagino.

- Tudo isso me deixou meio confuso. Até bem pouco tempo não sabíamos se voltaríamos para Orne ou não.

- E agora...

- Agora sabemos que não tem mais motivos para voltar. Alugaremos nossa casa, talvez venderemos, não sei... Nossa vida está se ajeitando aqui.

- E a tal moça. Pensa em procurá-la?

Marcel respirou fundo, discretamente para que Anne não percebesse sua afetação;

- Não, não penso.

- Mas você disse que...

Marcel a interrompeu, com segurança;

- Sinto um carinho especial por ela, mas como disse, não há chances para nós.

Anne abaixou a cabeça; E Marcel levantou seu queixo, delicadamente;

- Anne, não quero mais viver o passado de Orne, quero viver o presente, com você. É isso o que realmente quero.

Anne sorriu, espontaneamente;

- É o que quer?

Marcel também sorriu, olhando os lábios de Anne, que tanto o haviam fascinado;

- Sim, é o que quero.

Marcel afastou uma mecha de cabelo que caía nos olhos de Anne, e continuou; - Se lembra de onde paramos naquele dia?

Anne deu um sorriso encabulado;

- Lembro muito bem.

- Eu também...

Marcel se aproximou mais. Após um beijo demorado, percebeu que pela primeira vez estava realmente entregue à Anne, segurou seus cabelos com carinho e firmeza e a olhou com um desejo, até então adormecido;

- Eu quero... Marcel repetiu em voz baixa.

Anne segurou o rosto de Marcel e o trouxe para perto, beijando-o outra vez.

Beijaram-se e se abraçaram muitas e muitas vezes. Marcel se perdia entre a paz que seu coração experimentava e a inquietação com que sua boca buscava os lábios de Anne.

Anne se entregou completamente a seus sentimentos. Pertencia a Marcel, já não tinha como voltar atrás.

Marcel beijou a ponta do nariz de Anne, dando uma pequena mordida depois;

- Vamos almoçar? Agora estou morto de fome!

Anne sorriu. Estava feliz;

- Sim! Eu também.

Beijaram-se mais uma vez e deixaram o bosque abraçados.

Os pássaros cantavam com mais força enquanto voavam de uma árvore a outra.

Finalmente, o Céu escuro começava a se abrir.

A resposta

Bem próximos à crosta terrestre existem locais para onde espíritos ainda aprisionados pela matéria após o desencarne, recebem auxílio.

Espíritos que há muito estagiaram nas zonas inferiores, escravos do desequilíbrio e das más inclinações ou que amarraram-se à vida que tinham quando encarnados, tornando-se obsessores de suas próprias casas e de seus entes queridos, despertam para a triste realidade que os rodeiam e aceitam colocarem-se em posição de enfermos da alma, necessitados de reajuste.

Aldráz era um desses espíritos. Levado por Madeleine, foi para um lugar onde poderia reequilibrar sua psique, se fortalecendo para os dias de luta que chegariam, cedo ou tarde.

Após dois dias de sono profundo, Aldráz despertou para sua nova realidade, amparado sempre por Madeleine, recebeu a instrução que precisava para entender melhor o funcionamento da roda da vida.

Em algumas semanas, seu perispírito já apresentava aparência menos bizarra, recuperando a forma que tinha em sua última encarnação, pouco a pouco.

Lían acompanhava seu progresso de longe, até o dia que resolveu se fazer notar.

Aproximou-se do lugar, com o tónus vibratório muito semelhante ao da Terra, e avistou Aldráz cuidando da organização das macas dos pacientes que chegavam desacordados.

Lían se aproximou devagar e colocou a mão sobre o ombro de Aldráz, que se virou em um gesto ágil.

- Como vai Aldráz?

Com os olhos arregalados, Aldráz deu as costas, respondendo entre os dentes;

- Vou indo.

- Me alegro em vê-lo trabalhando.

Diante do silêncio de Aldráz, continuou;

- Quero que saiba que estarei disponível para o que precisar.

- Quando verei minha família? - Murmurou ainda de costas.

- Lhe peço um pouco mais de calma.

- Preciso trabalhar. - Respondeu em tom austero.

- Sim, claro. Mais uma vez, lhe felicito por seu progresso, Aldráz. Vemo-nos em breve.

Aldráz não se moveu. Ao perceber que Lían se afastara, retomou suas funções.

Lían foi ao encontro de Madeleine, que cuidava da outra ala de pacientes.

- Madeleine, que felicidade! Aldráz evolui a olhos vistos!

- Sim! Meu menino está voltando a ser o que era. -

Respondeu com um sorriso largo. - E na Terra, está tudo a seu tempo?

- Sim, sim. Por enquanto as coisas caminham como esperamos.

- Venha nos ver mais vezes!

- Claro, virei com muita alegria.

Lían abraçou Madeleine com afeto e a deixou com seu nobre labor.

Em Bernay a chuva seguia sem trégua pelos dias afora.

Após o encontro no bosque, Marcel ia à biblioteca todos os dias da semana após as aulas. Tomava um café com Anne e corria para buscar Allan.

Na sexta-feira, pediu a Jacques que buscasse o irmão, e levou Anne para almoçar no restaurante Le Bistrot, que ficava próximo à biblioteca.

Almoçaram *soufflé* com alcachofras. Um bom vinho acompanhou a refeição.

Marcel contava o seu dia no colégio para uma Anne atenta e interessada. No meio da conversa, Marcel segurou a mão de Anne sobre a mesa, que por sua vez, sentia o seu coração voar sobre as nuvens.

Entrelaçou seus dedos aos dedos de Marcel, enquanto o ouvia contar com entusiasmo as situações do seu dia. Até que em um momento, Marcel sorriu, fazendo com que Anne contemplasse a cena, completamente envolvida.

O sorriso de Marcel era realmente encantador. Seus dentes eram muito brancos e alinhados impecavelmente. Os lábios, perfeitamente desenhados, formavam uma "cavinha" discreta no lado direito da boca, cada vez que ele sorria.

Se Anne pudesse, olharia aquele sorriso por toda à tarde.

O frenesi de Anne foi interrompido com o anúncio de Marcel;

- Quero que vá almoçar lá em casa amanhã.

- Falou com seus pais?

- Dona Renné está falando disso a semana toda!

Anne sorriu; - Quero muito revê-la também!

- Leve seu avô.

Anne bebia um gole de vinho, que demorou a descer;

- Vovô? - Colocou a taça novamente sobre a mesa.

- Sim. - Segurou as duas mãos de Anne e se aproximou; - O que acha?

- Ele vai adorar... - Anne se aproximou mais.

- Eu também... - Marcel sussurrou, com os lábios encostados nos lábios de Anne.

Marcel se deixava levar cada vez mais pelas emoções que Anne lhe despertava e já não se imaginava livre delas.

Anne vivia para seus momentos com Marcel durante o dia e sonhava com eles à noite.

Estava com a alma leve. Naquela noite demorou a dormir. Desejava Marcel em sua vida, todos os dias.

O retrato de Charlotte ainda estava na cabeceira de Marcel, ainda que ele nunca mais o tenha olhado, desde a noite no jardim.

Deitou-se e pela primeira vez, desejou Anne ao seu lado. Adormeceu com um sorriso.

O sábado chegou desprezioso, devagar, com o voo inibido dos pássaros naquela manhã chuvosa.

Renné passou a manhã cuidando do almoço em família tão esperado.

Jacques ajudou a esposa, junto com Allan.

Marcel colocou parte de suas aulas em dia e próximo às onze horas, desceu as escadas, exalando seu perfume pela sala.

Renné e Jacques terminavam de lavar a louça enquanto Allan arrumava os pratos na mesa.

- Vai buscar Anne?

- Sim! Está ótimo isso aí! Leva jeito heim, rapazinho!

Allan jogou uma pequena toalha em Marcel; - Não vem com essa!

Marcel a jogou de volta, sorrindo e foi até a cozinha;

- Vou buscar Anne e Gérard, tudo bem?

- Sim, filho, seu pai e eu já terminamos. Vamos começar a nos preparar!

- Está bem. Até logo! - Beijou os pais, como de costume.

Marcel saiu da casa ao encontro de Anne.

- Homem, viu como ele está diferente?

- Está mais animado não é? Sim, notei.

- Rezo todos os dias para que Marcel se acerte com essa moça.

- Suas preces estão sendo ouvidas então. - Jacques sorriu, enxugando as mãos. - Agora vou me lavar.

- Vá! Vá! Já estou indo!

Sozinha na cozinha, Renné segurou forte a medalha da virgem Maria que levava no cordão; - Será que ele está gostando mesmo de Anne?

Não tardou para que Marcel voltasse com seus convidados especiais. Gérard estava impecável em seu terno de linho azul marinho.

Anne usava saia longa, justa e terninho, igualmente justo. Ambos na cor preta. Bem acinturado, o terno curto marcava a sua cintura com um cinto grosso, igualmente preto.

Os cabelos estavam presos, enrolados em um coque.

Marcel entrou na sala de mãos dadas com Anne, com Gérard à frente.

Renné serviu Coq au vin, feito de galinha. A mesa estava delicadamente elegante.

Gérard não disfarçava a afeição que nutria por Marcel e o tamanho da sua satisfação em ver sua neta como a eleita de seu coração.

Mais uma vez, Anne sentou-se ao lado de Marcel.

De sobremesa, Renné serviu Crème Brulée, receita que tirou de um de seus livros de culinária, especialmente para a ocasião.

- Renné! Nem sei o que dizer! Só comi um Crème Brulée assim em Paris! Está divino! Você tem mãos de fada!

Renné Sorriu orgulhosa;

- Tenho mãos boas para a cozinha! Tome, pegue mais um!

- Não, obrigada! Estou satisfeítíssima! Mas quero a receita! Farei na cafeteria, o que acha vovô?

- Se for gostoso assim, ficaremos ricos!

Todos riram descontraídos.

- Filho, leve Anne para conhecer o resto da casa, naquele dia não tive tempo de mostrar! Vou preparar um café.

Jacques e Gérard conversavam na sala, enquanto Allan ajudava Renné com o café.

Marcel foi com Anne para o segundo andar da casa, de mãos dadas.

- Aqui ficam os nossos quartos.

- E lá em cima?

- Tem mais dois quartos e uma pequena sala, mas não usamos, ainda tem algumas coisas que temos que nos desfazer.

- Posso conhecer seu quarto?

- Não tem medo de ficar sozinha comigo em meu quarto? - abraçou Anne levando-a de costas na direção de seu quarto.

- Medo nenhum... - Respondeu de olhos fechados, permitindo-se ser conduzida.

Entraram no quarto se beijando, pararam quando Anne esbarrou na mesinha de cabeceira.

- Cuidado! - Marcel a segurou sorrindo.

- Então este é o seu quarto?

- Exatamente isso.

Anne viu o retrato de Charlotte na mesinha e não resistiu ao impulso de pegá-lo.

- Ah essa deve ser sua prima, a antiga dona do quarto.

Marcel se esforçou para não demonstrar seu mal-estar. Sentou-se na beira da cama e virou-se com aparente tranquilidade;

- Sim, é ela.

- É muito bonita. Alguma vez já sentiu a presença dela aqui?

Marcel não gostava de mentir, mas se lembrou da promessa que fez a Charlotte e respirou fundo para responder;

- Não... Nunca senti.

- Deve estar bem longe.

Marcel baixou os olhos. – Sim, deve estar.

- Esse quarto deve ser mais parecido com você, Marcel. Não acha?

- Como assim?

- Não sei... Parece que a... Como é mesmo o nome dela?

- Charlotte...

- Parece que a Charlotte ainda é a dona deste quarto. Quer ajuda? - Colocou o retrato de volta na mesinha.

- Ajuda?

- Sim! Para redecorar o quarto! - Anne respondeu sorrindo, diante da reação lenta de Marcel.

- Sim... Pode ser.

- Pode confiar no meu bom gosto! - Falou se aproximando de Marcel, ainda sentado.

- Eu confio... - Respondeu, envolvendo seus braços na cintura de Anne.

Com carinho, Marcel encostou a cabeça no colo de Anne, que, de pé, passou as mãos em seus cabelos, beijando-os em seguida.

- Vamos descer? - Marcel perguntou ainda com o rosto apoiado em Anne.

- Vamos. Está tudo bem?

- Sim. - Levantou a cabeça buscando os olhos de Anne; - É que não responderei por mim se ficar sozinho com você mais um minuto.

- Me respeite senhor Marcel! Meu avô está lá embaixo!

Marcel jogou Anne em sua cama e se deitou ao seu lado, com rudeza. Colocando o corpo por cima do seu, se aproximou de seu ouvido;

- Estou tentando... - Encostou lentamente a boca nos lábios de Anne, que retribuiu com um beijo apaixonado.

Em meio ao momento carregado de emoção, Marcel encontrou forças para resistir.

- Não abuse da minha cordialidade senhorita...

- Eu te amo Marcel... - O coração de Anne estava exposto, desprotegido.

Diante daquele amor imenso, o coração de Marcel sentiu uma mescla de emoções que não sabia definir, apenas foi tomado pelo impulso de retribuir toda a felicidade que Anne o fazia experimentar. Olhou em seus olhos e disse baixinho;

- Eu também... - A abraçou, encaixando o queixo na curva de seu pescoço e ao abrir os olhos, se viu diante do retrato de

Charlotte, imóvel, na cabeceira. Fechou os olhos novamente. - Vamos, amor... Vamos descer.

Desceram as escadas abraçados, sorrindo.

Renné havia colocado um disco para embalar o momento. Ouviam "L'accordéoniste" na voz de Edith Piaf, enquanto conversavam e desfrutavam do café.

Anne e Marcel se juntaram aos demais. Sentaram-se no sofá, de frente para Renné, que observou Marcel buscar a mão de Anne e entrelaçá-la com a sua. Com discrição, segurou a medalha de Maria, colocando-a para dentro do vestido;

Tinha a sua resposta.

O pedido

O grande dia havia finalmente chegado para Rose e Orlan. Marion seguiu com Lían até a colônia e fizeram o anúncio;

- Por fim, chegou o momento tão esperado. - Comunicou em tom afetuoso.

Rose e Orlan haviam terminado de assistir a uma palestra, ainda estavam no grande auditório, sentados lado a lado. Enlaçaram-se as mãos com visível temor.

Percebendo a atmosfera que rondava o casal, Marion se aproximou, tentando conter o inevitável desânimo;

- Não têm o que temer. A separação será temporária. Em breve estarão juntos novamente.

- Nem tão breve assim... Ainda teremos alguns anos pela frente... - Orlan expressava profundo abatimento.

- Orlan... O Que são alguns anos na Terra diante de um propósito desta magnitude? Esqueceu-se de como um ano corria ligeiro por entre seus dedos? - Lían interferiu, colocando a mão no ombro de Orlan.

- Não podemos nos preparar juntos?

- Infelizmente não é possível que seja desse jeito, Rose. Ainda que o caminho de vocês vá se cruzar mais adiante, ele é único e individual, cada um com seus matizes extremamente complexos, que devem ser cuidadosamente planejados.

Rose olhou para Orlan, tentou manter-se forte e disfarçou o desapontamento diante da resposta de Lían e fez nova pergunta, em tom um pouco mais animador;

- Viveremos em lugares próximos?

- Sim! Como já sabemos Orlan voltará à sua velha casa e você, ficará no mesmo bairro. Terá uma família devotada, Rose. E embora seja a primeira vez que estarão juntos, estou certo que a afinidade se fará presente desde o primeiro momento.

Rose sorriu; - Viu, Orlan? Anime-se!

- Está certo. Estou pronto. O que tenho que fazer?

Marion esclareceu, atencioso;

- Ficarão a par de todo o processo. Iniciará agora o planejamento do futuro corpo físico. Depois, visitarão suas futuras famílias algumas vezes e por fim, se submeterão ao esquecimento do passado e ficarão à disposição de seus futuros pais, para a ligação inicial.

- Ligação Inicial? - Orlan perguntou, curioso.

- Sim. O início da ligação acontece no momento da união do espermatozoide com o óvulo. E assim, vai se fortalecendo durante os nove meses de gestação, até o nascimento, que é a ligação definitiva. Bem, definitiva em tese, porque em realidade, a ligação total, com todo o peso da palavra, somente se completa por volta dos sete anos.

Orlan e Rose se entreolharam.

- Coragem! Voltarão para cá vitoriosos! - Lían abraçou o casal, com otimismo.

- E Charlotte, não nos despediremos dela?

- Charlotte poderá vê-los e acompanhá-los, separadamente. Não se preocupe.

- Minha Rose, - Orlan voltou-se para a esposa amada; - Não vá se perder de mim...

- Nunca... Já nos achamos duas vezes, uma vez lá e a outra aqui. A terceira será fácil. - Rose sorriu, enxugando as lágrimas. - Não é um adeus, Orlan, é um até logo.

Orlan beijou a fronte de Rose com carinho;

- Até logo...

Marion seguiu de braços dados com Orlan e Lían ficou com Rose no grande auditório, partindo em seguida.

Rose e Orlan começavam a trilhar os caminhos da nova vida.

Na casa 32, a alegria com o namoro de Marcel era evidente. Até mesmo Jacques, indiferente no início, havia se rendido aos encantos de Anne.

Uma semana após o almoço, Anne e Marcel saíram para comprar coisas novas para o quarto de Marcel, conforme

combinaram.

Compraram cortinas, tapetes e até uma escrivaninha para que Marcel guardasse seus livros.

Neste dia, Marcel deixou Anne em sua casa e no carro, antes de despedirem-se, Anne retirou da bolsa um pequeno embrulho, oferecendo-o a Marcel;

- Ia me esquecendo, amor. Esse é o item mais importante da decoração!

- Você comprou?

- Na verdade, já o tinha. Quero que seja seu agora.

- O que é? - Marcel abriu o embrulho como uma criança diante de um presente;

Com parte do papel já descerrado, era possível ver os olhos de Anne, e aos poucos seu rosto se revelava em uma delicada porta-retratos com moldura de prata envelhecida com pequenas flores.

Marcel sorriu, ainda com os olhos no retrato.

- Gostou?

- Adorei. - Marcel respondeu após um rápido beijo.

- De verdade?

- De verdade!

Marcel abraçou Anne e encostou sua frente na dela;

- Gostei muito... - A beijou lentamente.

- Bem, então, boa noite meu amor. - Anne despediu-se, com o coração querendo ficar.

- Boa noite... - Marcel a puxou novamente para outro beijo.
 - Preciso ir... - Anne sorria, enquanto o beijava.
 - Está cada vez mais difícil deixar você ir.
 - Para mim também... Anne entrelaçou seus braços em Marcel.
- Isso precisa mudar logo. - Marcel olhou firme nos olhos de Anne, e após dar um leve beijo em seu queixo a deixou ir.

Anne viu o carro de Marcel se afastar com o coração nas mãos. Sentiu vontade de gritar o seu amor para que toda a rua escutasse. Entrou em casa sorrindo. Não queria dormir tão cedo. Não queria que aquele dia acabasse.

Sentou-se na velha cadeira de balanço de Gérard e com a cabeça recostada, recapitulou cada momento com Marcel. Fechou os olhos e suspirou; o coração de Marcel era seu.

Jacques ajudou Marcel a tirar as coisas do carro, ajeitando tudo no canto da sala;

- Quanta coisa, filho!
- É para meu quarto. Não se preocupe pai, amanhã quando chegar eu subo com tudo. Vai dormir, já é tarde, obrigado por me ajudar.
- E Anne, como está?
- Está bem, mandou um beijo pra vocês.
- Está certo. Vou subir filho. Vai ficar aqui embaixo?
- Não, também vou, pai. Vamos juntos.

Marcel subiu abraçado a Jacques, com o pequeno presente de Anne embrulhado, embaixo do braço.

Assim que entrou no quarto, Marcel buscou o retrato de Charlotte pela primeira vez, depois da despedida.

Em seu quarto, recostou-se na cama, com o presente de Anne nas mãos. Sentiu um nó na garganta quando fitou os olhos no retrato de Charlotte, os olhos que conhecia tão bem.

- Será como combinamos.

Tirou o retrato de Charlotte da mesinha e colocou o porta-retratos com a foto de Anne em seu lugar.

Com a foto de Charlotte nas mãos, encostou seus lábios na imagem que o havia encantado desde o primeiro momento que a viu.

Passou as mãos pelos contornos do rosto delicado e após algum tempo, levou o retrato até o armário. Abriu a caixa onde havia outros objetos de Charlotte e o colocou entre eles.

Voltou para a cama e recostou-se novamente.

Fechou os olhos enquanto uma lágrima discreta caía.

Adormeceu, anestesiado pela ferida ainda aberta em seu coração.

Não estava só. Lían e Marion observavam a cena, com condolência. Lían se aproximou e falando baixinho, colocou a mão em seu coração;

- Posso sentir a sua dor. Ela vai passar.

Antes de se afastar, olhou o retrato de Anne e sorriu;

- Tudo a seu tempo, Marcel. Tudo a seu tempo.

E o tempo passou... Marcel não buscou mais as lembranças de Charlotte, ainda que percebesse sua presença em seu coração, a cada minuto. Uma emoção que Anne não conseguia perceber.

Marcel permitiu que Anne ocupasse todos os espaços de sua vida. Sentia-se vivo ao seu lado, sentia-se feliz. E foi em nome dessa felicidade que em exatos três meses e doze dias após aquela noite, Marcel pediu a mão de Anne em casamento.

Foi em uma noite clara, a lua cheia brilhava no céu.

Após assistirem ao filme "À meia luz", com Ingrid Bergman, Marcel e Anne saíram do cinema e seguiram de mãos dadas até a praça de Bernay.

Anne fazia comentários sobre o filme com entusiasmo contagiante. Marcel observava sua maneira de falar, fazendo suaves pausas entre uma frase e outra, dando ênfase às suas ideias de forma clara e apaixonada.

Interrompeu o discurso, colocando-se à sua frente de maneira inesperada;

- Case comigo!

Imóvel, Anne Não sabia se respondia ou se corria para seus braços. Precisava de mais tempo para se decidir;

- O que disse?

- Quero que se case comigo, senhorita. Aceita?

Anne escolheu a segunda opção; e após enlaçar os braços ao redor do pescoço de Marcel, deu a sua resposta;

- Aceito! Me caso com você!

Marcel sorriu apaixonado; - Não terei mais que voltar para casa sem você.

- Nunca mais... Nunca mais, meu amor!

Naquela noite, Marcel chegou em casa anunciando o noivado aos quatro ventos. Anne acordou o avô para dar a notícia.

No dia seguinte, Gérard espalhou para toda a vizinhança que sua neta estava noiva. Noiva de Marcel.

Anne trouxe seus pais de Paris para que Marcel oficializasse o pedido. Ofereceu um jantar na casa de Gérard, que contou também com a presença de Jacques, Renné e Allan.

Louis e Alícia Dubois gostaram de Marcel tão logo o viram. Para Renné, não havia em suas lembranças momento mais feliz.

Louis era um jornalista renomado em Paris, liberal para a maioria dos homens da época, mas transmitia certa austeridade para quem não o conhecia muito bem.

- Senhor Louis, Gostaria de pedir a sua permissão para fazer de Anne minha noiva.

Louis olhou com seriedade para Marcel e falou em tom grave;

- Meu rapaz! Alegro-me por Anne ter lhe escolhido. Acordava à noite com pesadelos de que meu genro era um alemão nazista! Tem minha aprovação!

Alícia, a mãe de Charlotte, era uma senhora de finos modos. De pele muito clara e cabelos escuros, se vestia como as grandes damas do cinema da época. Constrangida com a irreverência do marido, interferiu, diante do riso dos presentes;

- Ora Louis, que comentário infame!

Gérard, sentado ao lado do filho, complementou. Levantando sua taça de champagne;

- Está certo, filho! Fique feliz com a escolha de Anne, não poderia ter sido melhor! Um brinde aos noivos!

Todos levantaram suas taças, festejando o célebre acontecimento.

Após o jantar, Anne foi até pequena varanda da casa de mãos dadas com Marcel;

- Agora sou oficialmente sua noiva!

- Minha noiva! - Marcel levantou Anne colocando-a sentada sobre o parapeito da varanda; - Quero me casar logo com você! Não quero esperar!

- Eu também! Não suportarei esperar mais. Que tal em maio? Tem mês mais lindo?

- Perfeito! Amanhã vamos à igreja para marcar.

- Não está muito perto? É daqui a... - Contou nos dedos; - Seis meses!

- Está ótimo! Não quero te dar a chance de desistir! - Marcel fez cócegas em sua cintura, abraçando-a em seguida. - Será em maio!

Anne sorria encantada;

- Nunca desistirei de você!

- Quero que tenhamos logo um filho!

- Tão rápido?

- Não pensa nisso?

- Não sei... Na verdade meus planos mudaram completamente quando te conheci. Esperava passar um tempo com vovô e voltar a Paris. Mas agora só quero estar com você... - Anne beijou Marcel com ternura; - Se quer, teremos logo um filho. "*Le petit Marcel*"...

- Ou... "*La petit Anne*"... Linda assim como a mãe.

Marcel desceu Anne, encaixando-a em seus braços;

- Seremos felizes, Anne. Prometo-te.

Anne juntou-se mais a Marcel e mansamente, sussurrou;

- Eu já sou imensamente feliz, meu amor...

Abraçaram-se juntando dois corações cheios de esperanças em um futuro que não tardaria em chegar.

O casamento

Como combinado, Marcel e Anne foram até a igreja de Sainte-Croix de Bernay para marcar a data do casamento. Escolheram se casar em um sábado de 12 de maio de 1945, no religioso. O casamento civil seria um dia antes.

Anne teve a ajuda da mãe em Paris para escolher o vestido. Não havia muitas opções de tecidos e costureiros, eram tempos difíceis. Mas nada tirava a alegria de Anne com o dia mais feliz da sua vida, que ficava cada vez mais próximo.

Renné ajudava no que podia. E em uma noite, pouco antes do natal, conversou com Jacques sobre o destino da família após o casamento de Marcel.

- Jacques, andei pensando... Marcel e Anne podem morar aqui. O que acha?

- Seria ótimo, mas acho que eles vão querer uma casa só pra eles.

- Mas nós não moraríamos com eles, homem!

- Como não? Pra onde vamos?

- Pensei em voltarmos para Orne.

- Voltar para Orne? - Jacques fez a pergunta para si mesmo.

- Sim. Poderíamos vir sempre aqui, dá um pouco mais de uma hora, a gente dá conta. O que acha?

- Olha mulher, lá no fundo sou meio escabreado com essa casa, você sabe.

- Não me vem com essas histórias de coisa de outro mundo, Jacques!

- Não é história! Eu sei o que eu vi naquele dia. Esse lugar atrai coisa esquisita. Já estava me acostumando, mas... Sinto falta da nossa casinha.

- Eu também sinto... Marcel gosta daqui. Anne também gostou da casa.

- Você pensou certo. Vamos falar com Marcel. A casa fica pra eles.

Jacques abraçou Renné com carinho; - É minha velha... Lá vamos nós pra nossa vidinha em Orne!

- Será que Marcel vai aceitar?

- Acho que sim. Ele gosta mesmo dessa casa, sempre gostou desde que chegamos. Eles serão felizes aqui.

- Deus te ouça... Deus te ouça!

O convite foi feito no meio de um almoço de domingo.

Marcel ficou surpreso com a ideia. Olhou para Anne, e viu a euforia em seus olhos;

- O que acha Anne?

- Eu adoraria morar aqui! Mas não quero que vocês se sacrifiquem por nós. Poderão ficar conosco. A casa é enorme! - Olhou para Renné e Jacques, que sentavam à sua frente.

Marcel sorriu, não esperava nada diferente de Anne.

- Filha, não será sacrifício nenhum para nós. Sentimos falta de nossa casa em Orne. E sei que um casal precisa ter sua própria casa. - Renné acalmou o coração da futura nora.

- Mãe, não tenho certeza se é uma boa ideia ficarem longe. - As palavras de Marcel estavam carregadas de apreensão.

- Não é assim tão longe! Filho... há um tempo atrás talvez eu não quisesse voltar, mas sabe... De uns dias pra cá tenho pensado muito na nossa casinha em Orne, nos nossos amigos. Meu coração diz que é hora de voltarmos.

- Terei que mudar de escola novamente... - Allan resmungou baixinho.

Anne sorriu com o comentário de Allan e imediatamente fez o seu convite;

- Se Renné e Jacques não se importarem, poderá ficar conosco, Allan.

- Fala sério?

- Claro que sim! O Que acha Marcel?

- Eu acho ótima ideia, mas... O pai e a mãe ficarão sozinhos?

- Sozinhos em Orne? Por Deus, filho! Temos nossos amigos lá. Allan pode ficar com vocês se quiser. Será mais feliz aqui do que com um casal de velhos. - Jacques deu sua permissão.

- É isso que quer, filho? - Renné passou a mão nos cabelos de Allan com cuidado.

- Eu gosto daqui mãe. Não queria ir.

- Está certo. Fique com Anne e seu irmão então.

Allan comemorou, abraçando Anne com euforia.

- Tem certeza do que querem? Vejam o tamanho desta casa!

- Fique tranquilo, filho! E depois estaremos sempre por aqui para visita-los ou acha que sua mãe vai dar esta colher de chá?

- Então está combinado! Esta será nossa casa! - E deste rapazinho aqui. - Passou a mão na cabeça do irmão, seu amigo de todas as horas. - Mas no momento que quiserem, poderão voltar, sem nenhuma cerimônia.

O acordo estava feito. Jacques abriu uma garrafa de vinho para comemorar.

As festas de fim de ano chegaram em um clima de alegria e contentamento.

Anne, Gérard, Louis e Alícia haviam passado a noite do dia 24 de dezembro na casa de Marcel. Conversavam animados sobre os preparativos do casamento e sobre a reforma que fariam na casa. Após uma hora da madrugada, Anne e sua família voltaram para a casa de Gérard.

Cansados da noite festiva, a família Burnier se recolheu tão logo seus novos parentes se retiraram.

Lían aproveitou a serenidade da casa para levar Orlan a seu velho futuro lar.

Era a primeira vez que Orlan voltava a casa, desde o seu desencarne.

Ao se aproximarem da entrada, Orlan sentiu um nó no peito.

- Quanto tempo... Já nem me lembrava direito deste portão.

- Vamos entrar.

As lembranças de sua última encarnação ainda eram fortes, mas seu envolvimento com seu novo projeto de vida havia lhe dado uma nova percepção acerca de seu passado.

Cruzou o jardim da casa e as lembranças vinham em sua mente como um tesouro que era pouco a pouco resgatado, mas que não lhe despertava mais a mesma cobiça.

Entraram na grande sala devagar. Orlan olhava cada detalhe. Não conseguia pensar naqueles tempos, sem que junto não viesse a sensação triste de tantas oportunidades perdidas. Seu coração estava pesado. Não queria estar ali.

- Vamos até o quarto de Marcel.

- Sim.

- Desta vez só vamos observar. Quero que se harmonize com esta casa e com suas lembranças.

- Está bem.

Subiram até o quarto e encontraram Marcel dormindo. Seu espírito estava longe, deixando seus sentidos totalmente anestesiados.

Orlan o olhou com afeto. Passou a mão em seu rosto e em silêncio, rogou para que suas inclinações não mudassem.

Percorreram todos os cômodos da casa. Ao final, Orlan já conseguia permanecer em seu velho lar sem angústia. Ansiava mais do que nunca, pela bênção do recomeço.

Orlan voltou à casa muitas vezes após aquela noite. Em algumas delas, encontrou-se com Anne e Marcel, fora de seus corpos físicos. Ficando na companhia de seus futuros pais durante alguns momentos antes destes despertarem.

Outras vezes, Marcel e Anne eram levados até a colônia, sempre acompanhados por Lían ou Marion.

Quando despertavam, não retinham, conscientemente, as lembranças destes encontros.

Apenas percebiam que a afinidade entre eles se fazia maior a cada dia. Como um laço que se forma delicadamente, envolvendo um presente precioso.

Os meses correram como Anne tanto desejou. Maio chegou com as flores da primavera. Os dias eram repletos de luz e de cor.

Aquele sábado de 12 de maio amanheceu radiante. As flores enfeitavam praças e ruas, convidando os pássaros para uma melodia que trazia paz e alegria ao coração de todos.

O casamento estava marcado para às nove horas daquela manhã. A igreja de Sainte-Croix estava discretamente enfeitada com algumas flores de íris na cor lilás espalhadas pelos bancos.

Anne convidou seus parentes de Paris mais próximos e Marcel, alguns poucos parentes de Renné e alguns amigos. Para a alegria de Marcel, Jean, seu amigo do exército francês, havia sobrevivido à ocupação nazista. Foi com alegria ao casamento do melhor amigo.

Às oito e meia a maioria dos convidados já haviam chegado. Seriam recepcionados, após o rito religioso, com um grande almoço na casa 32, futura casa de Marcel e Anne. O jardim já estava enfeitado e o buffet pronto, esperando pelos noivos.

Marcel vestia um terno preto alinhado, com uma singela flor branca na lapela. Entrou de braços dados com Renné, que usava um elegante vestido de cetim verde.

O relógio soava nove horas e quinze minutos quando Anne apontou na porta da igreja, de braços dados com Louis.

De longe, Marcel olhava deslumbrado.

Anne era a noiva mais bonita que Bernay já havia visto.

Com um lindo vestido branco justo, marcando sua silhueta, levava nas mãos um singelo bouquet de íris, na mesma cor lilás que enfeitava a igreja.

Seus cabelos estavam presos para o lado direito, fazendo os cachos caírem sobre os ombros. Um delicado véu partia do alto da cabeça e ia até a cintura, harmonizando-se com o corte reto do vestido de mangas longas.

Louis a conduziu até os braços de Marcel, elegantemente.

Naquele momento Marcel começava a sua nova vida, ao lado de Anne. Não havia mais espaço para enganos, confusões, dúvidas. Sua vida estaria enlaçada à vida de Anne, para sempre.

Em um determinado momento, enquanto ouvia as palavras do padre, Marcel se desligou por alguns minutos de tudo o que estava ao seu redor. Pensou que Charlotte pudesse estar presente na igreja, testemunhando a concretização do que havia lhe prometido.

Olhou discretamente para as pessoas presentes no altar, procurando por um rosto que já não via há algum tempo. Mas não o encontrou.

Charlotte havia recebido permissão para ir ao casamento de Marcel, se assim quisesse. Mas preferiu ficar com Orlan em seus momentos cruciais antes da sua volta, que já se aproximava.

O devaneio de Marcel foi interrompido com a pergunta decisiva;

- Marcel Mathieu Burnier, é de sua livre vontade que recebe Anne Marie Privost Dubois como sua legítima esposa?

- Sim - Respondeu com seus olhos nos olhos marejados de Anne.

- Anne Marie Privost Dubois, é de sua vontade receber Marcel Mathieu Burnier como seu legítimo esposo?

- Sim... - Anne não conteve as lágrimas que caíam comedidas de seu rosto.

- Assim, os declaro marido e mulher. A noiva passa a chamar-se Anne Marie Dubois Burnier. Vão em paz, meus filhos, e que o senhor os acompanhe.

Marcel e Anne levantaram-se do altar e de braços dados, percorreram o corredor da igreja em direção à saída, casados.

Ao cruzarem o imponente portão da igreja, alguns convidados jogaram pétalas de rosas vermelhas nos recém casados, que felizes, correram para o carro, enfeitado com laços e fitas.

Foram os primeiros a chegar em casa.

Alguns empregados, trazidos de Paris por Alícia, esperavam enfileirados, na sala, o momento de começarem a servir.

Anne abriu a vitrola de Renné e colocou Josephine Baker para tocar. Aumentou o volume e foi correndo com Marcel para os fundos da casa até chegarem ao grande jardim. Enfeitado especialmente para a ocasião.

Marcel abraçou Anne levantando-a no colo;

- Casados! Casados enfim!

- Nem acredito meu amor! Lembra-se do nosso primeiro beijo, aqui nesse jardim?

- Sim, me lembro... - Sorriu para a esposa, afagando o seu rosto com carinho.

- Hoje é o dia mais feliz da minha vida! Eu amo você...
Senhor Burnier!

- E eu a você, senhora Burnier! - Marcel encaixou o rosto de Anne em suas mãos e a beijou com desejo.

O sol brilhava nos olhos dos recém-casados.

Receberam seus convidados com alegria. Festejaram, brincaram. Foram cortejados e parabenizados.

Bem longe dali, Charlotte se despedia de Orlan que, inconsciente já por alguns dias, partiria para a grande jornada em questão de horas.

Afastou-se da maca onde seu pai repousava e se sentou, sem conseguir conter a emoção.

Pensou em Marcel, envolvido em sua nova vida e no adeus que mais uma vez daria a seu pai.

Chorou apoiando o rosto triste por entre as mãos.

Lían se aproximou, declinado o corpo, colocando-o em frente ao seu;

- Sabe que não é um adeus. Tenha paciência. Os dias vão passar...

Sem palavras, Charlotte sorriu para Lían que a abraçou com carinho paternal.

Envolvida pelo abraço sincero, Charlotte fechou os olhos.

Esperaria o tempo passar.

O maior dos presentes

O almoço festivo seguiu até às quatro horas da tarde, regado a muita música, dança e champagne.

Aos poucos, os convidados foram deixando a casa, restando apenas os mais chegados.

Louis exagerou na bebida e foi a caminho do carro cantando *La Marseillaise* pela calçada, amparado por Alícia e Gérard.

Jean foi o último convidado a partir. Depois de algum tempo contando a Marcel as histórias da guerra, percebeu o adiantar das horas levantando-se da poltrona ainda meio tonto pelo vinho;

- Veja só! Já são seis e meia da tarde amigo! Preciso ir e deixá-lo enfim para a sua esposa!

- Como pretende dirigir se não está enxergando um palmo à frente do nariz?

- O que está dizendo, Marcel? Esta me desconhecendo? Conduzo muito melhor depois de umas e outras, sabe disso!

- Sim, eu sei... Por que não dorme aqui, amanhã meus pais vão para Orne também.

- Dormir aqui? De jeito nenhum! Hoje tenho algumas pendências para resolver, se é que me entende!

Jean apoiou-se nos ombros de Marcel; - preciso recuperar o tempo perdido meu amigo!

- Está certo! Mas tome cuidado! Quero que venha me visitar outras vezes.

- Virei! Virei! Onde está sua esposa?

- Deve estar lá em cima com minha mãe, vou chamá-la.

- Não precisa, deixe-a lá, de um beijo nela por mim e na Dona Renné.

Foi até Jacques que comia um pedaço de bolo sentado no degrau da escada;

- Senhor Jacques! Foi um prazer revê-lo!

- O prazer foi meu rapaz! Vá com cuidado! Vemo-nos em Orne!

- Sim! Vemo-nos!

Marcel levou o amigo até o carro, despedindo-se dele com um abraço forte;

- Olhe seu Jacques e dona Renné por mim!

- Deixe comigo, meu amigo! Felicidades pra vocês!

Marcel esperou o carro de Jean virar a esquina e voltou para a casa. Para a sua casa com Anne.

Entrou na sala e se jogou no sofá;

- Estou exausto! Não sabia que casar cansava tanto!

Jacques levantou-se da escada com o prato vazio nas mãos e sentou-se ao lado de Marcel;

- Ainda não viu nada, filho!

Os dois riram e Marcel bateu levemente na perna de Jacques;

- É meu velho! Amanhã por essas horas já estará em Orne.

- É isso aí... Nosso recomeço.

Jacques deu um abraço demorado em Marcel;

- Não se preocupe conosco, filho. Pense na sua nova família agora. Ficaremos bem.

- Eu sei pai.

- Vou subir, estou cansado. Vá ver sua mulher. Amanhã cedo nos falamos.

- Vá descansar. Já vou subir.

Marcel recostou a cabeça no sofá. Estava realmente exausto e um pouco tonto pela bebida.

Estava a ponto de cochilar quando foi surpreendido pela voz de Anne em seu ouvido;

- acorde preguiçoso!

Marcel levantou a cabeça assustado;

- Não ouvi você chegar...

- Seu amigo já foi?

- Acabou se sair.

Anne ainda usava o vestido branco, mas já tinha retirado o véu e soltado os cabelos.

Marcel se aproximou com malícia;

- Vamos subir? Te ajudo a tirar esse vestido.

Anne buscou os lábios de Marcel e o beijou, sem pressa;

- Vamos.

O quarto de Marcel era o novo quarto do casal enquanto o quarto de Jacques e Renné ficaria fechado, reservado para quando viessem de Orne à visita e por ventura precisassem dormir.

A luz do sol já começava a se despedir, dando ao céu a coloração baunilha tão bem representada por Monet.

Marcel e Anne entraram no quarto abraçados.

Marcel trancou a porta, abraçado a Anne, beijando-a com paixão.

Sentaram na cama e devagar, Marcel virou Anne de costas, desbotoando seu vestido.

Deixou que as mangas caíssem por seus ombros e tirou o nó da gravata, impaciente.

Desabotoou a própria blusa e deitando Anne na cama, colocou-se em cima de seu corpo, beijando seu colo com desejo.

A noite de amor tão esperada estava começando.

Na colônia, Lían e Marion observavam Orlan prostrado na maca, inconsciente.

Ali começaria o processo de modificação de seu perispírito.

Assim como o corpo de carne modifica sua forma conforme as circunstâncias, sejam elas, doença, idade, etc., o corpo fluídico, muito mais sutil, muda suas propriedades, de acordo com o fim a que se destina.

Dois espíritos visivelmente bem preparados para o trabalho que se seguiria, começaram o processo de manipulação no perispírito de Orlan.

Aos poucos, Orlan perdia a velha forma. Pouco mais de uma hora e meia depois, seu perispírito começava a apresentar certa coloração leitosa. Seu tamanho estava visivelmente diminuído.

Lían e Marion conduziram Orlan, com os dois espíritos construtores, para o seu futuro lar.

Ao entrarem na recamara do casal, Encontraram Marcel e Anne adormecidos. Seus espíritos estavam bem próximos a seus corpos físicos. Dois espíritos amigos já estavam junto ao corpo denso de Anne quando Lían e os outros chegaram. Haviam acabado de concluir a magnetização que levou o espermatozoide escolhido até o óvulo da futura mãe.

Lían aproximou-se de Anne, observando seu aparelho reprodutor com cuidado.

Marion trouxe Orlan para junto do corpo de Anne e com a ajuda de todos os envolvidos, Orlan começava a ajustar-se ao perispírito de Anne, mais precisamente ao minúsculo globo fecundado.

A divisão celular ainda nem havia começado e aquele novo futuro corpo, já tinha dono.

O perispírito de Anne modificou-se completamente com a chegada de Orlan.

Era possível observar as teias de ligação sutil formarem-se pouco a pouco, uma a uma.

Lían aplicou mais fluidos ao corpo físico de Anne e após algum tempo, levou as mãos a sua frente, olhando para Marion e para os outros trabalhadores;

- Está feito. Amanhã voltaremos para acompanhamento.

Os seis amigos invisíveis deixaram o quarto.

Os corpos fluídicos de Anne e Marcel continuavam imóveis, ao lado de seus corpos físicos.

Anne ainda não sabia, mas já estava grávida.

Assim como nenhum processo de desencarnação é exatamente igual para todos, com a reencarnação acontece o mesmo.

A reencarnação de Orlan tinha os seus matizes e a de Rose, teria os dela.

Quinze dias após a noite de núpcias de Marcel e Anne, em uma majestosa casa em rua próxima, Rose também voltava à carne.

Ambos regressaram com o mesmo sexo de suas últimas encarnações.

Na manhã seguinte ao casamento, todos tomaram o café da manhã juntos. Anne e Marcel estavam mais apaixonados que nunca. Jacques e Renné se despediram e partiram para Orne com o coração cheio de esperança.

Jacques ficou com o carro da família.

Dez dias depois, Louis mandou um Citroën Rosalie preto ano 1932 como presente para o casal.

Todos os dias, Marcel deixava Allan na escola e seguia para o colégio, deixando antes, Anne na biblioteca.

Marcel pegou mais turmas para lecionar. Na hora do almoço, pegava Allan e o deixava com Anne, buscando os dois no fim das aulas da tarde.

Acostumaram-se rapidamente com a nova rotina.

Todas as noites Anne recebia a visita de Lían e Marion.

Juliet também recebia a visita dos mentores. Também não sabia, mas já trazia em seu ventre o fruto de seu amor com Paulie. Rose já estava perfeitamente ajustada à nova vida que germinava.

Com um mês e quinze dias de casados. Anne já desconfiava que algo mudava em seu corpo. Seus seios estavam inchados e sua menstruação, tão pontual, não dava sinais de que chegaria.

Em uma manhã de domingo, Anne levantou-se mais cedo. Preparou o café e sentou-se na poltrona da sala, esperando os irmãos acordarem para o desjejum.

Marcel desceu as escadas meia hora depois.

- Bom dia, amor. Está tudo bem? Remexeu-se a noite toda.

- Tem feito mais calor que o normal, não acha?

- É o verão que se aproxima... Mas senti a temperatura bem agradável á noite.

- Pois eu não. Tive náuseas toda a noite.

Marcel não queria iludir-se com a possibilidade de ver seu grande desejo atendido;

- Deve ter siso algo que comeu ontem.

- Pode ser. - Anne respondeu com a cabeça recostada.

- Vem, vamos tomar café, Allan já está descendo.

- Não, amor. Não consigo pensar em nada comestível que meu estômago embrulha.

- Vem, vamos tentar.

Marcel entrou na cozinha abraçado a Anne. Sentaram-se lado a lado.

- Hum... Leite quentinho do jeito que eu gosto. - Ao observar Marcel derramar o leite na xícara, Anne não conseguiu controlar o mal-estar. Levantou-se rapidamente com a mão na boca e saiu da cozinha sem tempo de olhar para trás.

Esbarrou em Allan que se aproximava;

- O que ela tem?

Com um sorriso no rosto, Marcel se levantou;

- Vou ver o que é. Vá tomando seu café.

Allan sentou-se na mesa ainda confundido.

Marcel encontrou Anne sentada no banheiro, pálida.

- Anne, precisa ir ao médico.

- Deve ser só um mal-estar passageiro.

- Talvez seja algo maior que isso. - Falou acariciando sua frente molhada pelo suor frio.

Pela primeira vez Anne parou para pensar nas demais possibilidades. Deu-se conta de seu atraso e nas mudanças de seu corpo.

Sorriu ainda fraca, segurando nas mãos do marido;

- Amor... Amanhã vamos ao médico.

Abraçaram-se com alegria ainda discreta.

Anne passou o domingo em repouso. Com a ajuda de Allan, Marcel cercou a esposa de todos os cuidados possíveis.

No dia seguinte foram ao médico após deixar Allan na escola.

Dr. Frédéric Focault atendia em um consultório na rua Lisieux com a Des Sources. Anne foi a primeira paciente do dia.

Dr. Focault coletou sua urina e pediu que voltasse ao consultório uma semana depois.

Na segunda-feira seguinte, Anne soube o resultado ao abrir o envelope entregue pela secretária.

- Vamos, amor, abra logo!

Anne se sentou e tomou coragem. Abriu o envelope. Suas lágrimas deram a resposta.

Com as mãos trêmulas, Marcel pegou o resultado e constatou o que seu coração já sabia;

- Eu vou ser pai... Vou ser pai!

Abraçou a esposa com a alegria de quem recebia o maior dos presentes.

A notícia da gravidez de Anne foi motivo de comemoração para a família.

Em Paris, Louis e Alícia já pensavam na possibilidade de se instalarem em Bernay por alguns meses após o nascimento do neto. Alícia disponibilizou uma de suas empregadas para cuidar de Anne e Louis contou a novidade para todos os comerciantes conhecidos do local.

Jacques e Renné visitavam Marcel e Anne todos os sábados, voltando a Orne no domingo.

Juliet e Paulie também receberam a notícia da gravidez com júbilo. Reformaram o quarto para acolher mais confortavelmente o futuro membro da família.

Marcel já havia escolhido os nomes: Se fosse menino, teria o nome do avô paterno, irmão de Orlan: Serge.

Se fosse uma menina, Brigitte, como a avó materna.

Juliet escolheu Sophie para menina e Paulie, Vincent para o caso de ser um menino.

Charlotte se dedicava a trabalhos na colônia que exigiam sua atenção e empenho. Buscava notícias por meio de Lían, que a mantinha a par de todos os acontecimentos ligados a gravidez de Anne e Juliet. Não esteve mais na Casa 32. Notava a presença de Marcel em seus pensamentos em cada detalhe que a cercava e

envolvia-se mais em suas tarefas para que o abatimento não tomasse conta de seu coração.

Estava esperando o tempo passar...

O recomeço

A gravidez de Juliet seguiu sem tropeços. Quase sem enjoos ou mal estar de qualquer natureza, contava os dias para ter nos braços seu presente tão esperado.

Para Anne esse período não foi tão pacífico.

Com náuseas constantes e indisposições quase diárias, com três meses de gravidez já não ajudava Gérard na biblioteca e nem conseguia fazer coisas simples como ir ao mercado ou passear.

Andar de carro também era um suplício. À menor distância, sentia náuseas intermináveis e suas costas latejavam de tal modo que precisava ficar dentro de uma banheira com água quente por horas para que a dor a deixasse dormir.

Com Aicha à frente dos serviços domésticos. Os dias de Anne se resumiam em descansar e ver a tarde chegar sentada no jardim da casa.

Marcel fazia tudo o que podia para amenizar os momentos de indisposição da esposa, mas tinha pouco êxito.

Louis mandou uma enfermeira de Paris para acompanhar Anne. Clhoe era reconhecida por sua competência e quando chegasse a hora, faria o seu parto, em casa.

Os pais de Anne haviam planejado levá-la à Paris, cidade onde havia mais recursos disponíveis, porém as indisposições

constantes da filha, que impediam até mesmo locomoções pequenas, tornaram o plano inviável.

Lían e Marion se alternavam nos cuidados com a gravidez de Anne. Transferiam fluidos energizantes que traziam de volta o equilíbrio das forças vitais de Anne e do bebê, pelo menos por algum tempo.

Os meses passaram. O frio implacável cobria aquela noite de 17 de fevereiro de 1946 quando Anne sentiu as primeiras contrações.

O relógio marcava onze horas quando Anne acordou Marcel;

- Amor, acorde!

Nos últimos dias Marcel dormia com os sentidos aguçados para qualquer emergência. Levantou-se tão logo sentiu o toque de Anne;

- O que foi?

- Estou começando a sentir as dores.

Marcel levantou-se rapidamente;

- Vou chamar Clhoe. - Falou enquanto ajeitava as roupas.

Caminhou para o terceiro andar, subindo as escadas apressado.

Pouco tempo depois voltou para o quarto com Clhoe.

- O que está sentindo? - A enfermeira se aproximou da cama, segurando a mão de Anne.

- Sinto como se estivessem me rasgando por dentro! A dor vem e vai, mas cada vez que volta é pior!

- Fique calma. Vou precisar muito da sua ajuda, senhora Anne... - Olhou para Marcel com urgência - Temos que começar a

controlar o tempo entre as contrações. Traga-me, por favor, uma bacia com água e alguns panos.

Marcel desceu imediatamente para atender à enfermeira.

Cihoe retirou da bolsa um relógio com enorme corrente dourada que rapidamente enrolou no pulso, enquanto observava Anne ter a próxima contração.

- Vamos começar.

A madrugada seguiu com seu majestoso silêncio e a agonia de Anne só aumentava. Sentado na cama ao lado de Anne, Marcel segurava suas mãos, penalizado. Não sabia se avisava a família ou se esperava o desfecho tão esperado para finalmente dar a grande notícia.

Anne segurava forte a mão de Marcel; Apesar do frio, seus cabelos longos pingavam na fronha branca como se acabara de sair do banho.

- Cihoe, está indo tudo bem?

- Sim, está tudo dentro do esperado senhor Marcel. Sugiro que espere na sala. Isso pode demorar um pouco.

Marcel olhou para a esposa. E Cihoe prosseguiu;

- Cuidarei bem dela, não se preocupe, qualquer coisa lhe chamo.

- Está bem. -- Passou a mão nos cabelos encharcados da esposa; - Estarei lá embaixo, amor. Seja forte!

Anne respondeu com um sorriso. Não tinha forças para falar.

Cihoe não estava só em sua missão. Ao seu lado, Lían observava cada movimento, instruindo-a quando necessário. Cihoe não ouvia com os ouvidos da carne. Seguia as instruções como se estas fossem frutos de sua intuição profissional.

Allan acordou com os gritos de Anne e se juntou ao irmão na sala.

Marcel caminhava de um lado ao outro, ansioso pelo momento mais sublime de sua vida.

Momento que demorou a chegar.

Somente às cinco horas e quarenta e dois minutos daquela madrugada fria de 18 de fevereiro de 1946, Orlan voltou ao mundo, pelas mãos de Clhoe e de Lían.

O choro daquela vida nova ecoou por entre os cômodos da casa, chegando até a sala onde Marcel bebia um café, sentado à mesa.

Imediatamente largou a xícara sobre o pires e subiu as escadas, seguido por Allan.

Entrou no quarto e avistou a cena que esperou por tantos meses: Clhoe acabava de enrolar seu maior tesouro em um lençol branco enquanto seguia na direção de Anne.

- É um lindo menino senhor Marcel!

Observada por Lían, Anne chorou de emoção.

Clhoe colocou o bebê ao lado de Anne, ajudada por Marcel.

- Serge! Serge Burnier, meu filho! - Marcel olhou para o filho profundamente emocionado. Beijou suas pequenas mãos enquanto Anne sorria, sem palavras.

Lían saiu do quarto, após beijar a fronte do pequeno ser; "Seja bem-vindo de volta!".

De pé, na porta, Allan observava a cena enternecido.

- Venha rapazinho, venha ver seu sobrinho!

Allan se aproximou da cama timidamente.

Marcel afastou parte do lençol para que o rosto do novo membro da família ficasse mais exposto;

- Veja. Parece você quando nasceu. Vejas as bochechas.

Allan acarinhou o rosto de Serge;

- É tão pequeno!

Anne segurou a mão de Alan; - Está pronto para ajudar a cuidar de seu sobrinho?

- Sim! - Allan respondeu sorrindo.

- Agora precisam deixar a mamãe sozinha com Serge para que cuide da alimentação dele! - Clhoe se aproximou com as mãos entrelaçadas.

Marcel beijou o filho e em seguida, beijou Anne, comovido;

- Eu te amo...

Anne não escondeu a emoção ao ouvir aquelas palavras de Marcel. Era a primeira vez que demonstrava seu amor, com todas as letras, de forma tão espontânea. O abraçou com tamanha felicidade que nenhuma palavra no mundo seria capaz de expressar.

Marcel entendeu a comoção da esposa. A beijou mais uma vez e desceu com o irmão.

Da sala, telefonou para os pais, para Gérard e para os sogros em Paris.

Às nove horas da manhã, Jaques e Renné chegaram à Bernay. Meia hora depois, chegou Gérard.

Louis e Alícia chegaram pouco antes das onze horas.

A casa 32 estava em festa.

Conforme combinado, Clhoe voltou para Paris no dia seguinte. Aicha continuou na casa cuidando das funções domésticas e Renné ficou com Anne para ajudá-la com o bebê.

Louis e Alícia instalaram-se na casa de Gérard e planejaram ficar por no mínimo três meses.

A vida de todos havia mudado.

Diariamente Marcel observava, por horas, os finos traços do filho. Não se cansava;

- Veja amor. Como pode termos feito algo tão perfeito?

- É verdade... É mesmo incrível. Olhe Marcel, tem seus olhinhos.

- Você acha?

- Sim. Mamãe também acha. Tomara que tenha o seu sorriso também. - Se aproximou de Marcel, convidando-o a fazer o mesmo. Anne beijou o marido com a ternura de sempre. Sua felicidade estava completa.

A vez de Juliet chegou em uma manhã do dia 02 de março. Paulie achou mais prudente que o bebê nascesse na maternidade Port Royal, em Paris. A família conhecia boas parteiras, mas como a gravidez da esposa seguia sem sobressaltos, imaginou que uma viagem de duas horas até Paris não afetaria o quadro estável.

Juliet concordou.

Às onze horas e vinte e dois minutos, Sophie foi acolhida nos braços de seus pais.

- Eu sabia que seria uma menina, Paulie! Eu sabia!

- Ela é linda! Nossa princesinha!

Lían também estava presente.

A nova família voltou para Bernay dois dias depois.

As irmãs de Juliet preparam uma grande festa para receber Sophie. Toda a família estava presente.

Assim como fez no dia do nascimento de Serge, Lían foi ao encontro de Charlotte contar a boa nova.

A encontrou na sala de música. Ouvia um belíssimo concerto de violino.

- Posso interromper? - Se aproximou com cuidado, falando baixo.

- Claro Lían! Já está quase no fim. Sente-se e aprecie.

Lían sentou-se ao seu lado e esperou o concerto terminar.

Após dez minutos, foram para o lado de fora do grande salão e sentaram-se em frente ao jardim.

- Que belíssimo concerto. Estou impressionada.

- Sim. Sem sombra de dúvidas, um belo concerto. Este irmão voltará a Terra em breve, Renascerá em meio propício para que seu talento para a música se mostre e cresça cada vez mais.

- Ouvi algo sobre isso. Ele me pareceu animado com a ideia.

- Sim, deve estar. Ele sabe que nossos irmãos na Terra precisam de momentos iguais a este que acabamos de ter.

- E por falar em nossos irmãos na Terra...

- Pois então! Rose já está nos braços de sua nova família.

Charlotte respirou fundo e sorriu;

- Fico feliz.

- Esse olhar não é de felicidade.

- Acho que é só saudade. Estou realmente feliz que tudo tenha dado certo.

- Poderá vê-los quando quiser.

- Obrigada, Lían.

- Marcel está indo muito bem.

Charlotte ainda não conseguia ouvir o nome de Marcel sem se afetar.

- Deve estar maravilhado com o filho.

- Sim, está. Não consegue separar-se de Serge.

- E mamãe...

- Sophie é uma linda menina muito esperada por todos da família.

Charlotte ainda demonstrava um sensível abatimento; - Deixe passar mais alguns dias e me sentirei segura para visitá-los.

- Procure se animar! Seus pais estão cercados de muito amor. Verá por você mesma.

- Sim, creio que me sentirei melhor quando os ver.

- Estarei pronto para levá-la quando quiser.

Lían se despediu beijando a mão de sua protegida; - Nos vemos em breve.

Charlotte sentia imensa saudade de Orlan e Rose, mas estava feliz por terem sido acolhidos por pais amoráveis que de fato contribuiriam para o crescimento deles, em todos os sentidos.

Sentia falta do amor de Marcel, mas tinha consciência da importância de Anne em sua vida e de como essa relação estava diretamente ligada ao êxito de Orlan.

Entendia tudo com clareza, mas ainda assim sentia a alma fatigada.

Conhecia seus limites.

Sabia que teria que esperar um pouco mais para que esse entendimento chegasse a seu coração.

Fitou o horizonte claro e intransponível, suspirou e silenciou seus pensamentos. Fez uma prece agradecendo pela nova vida de Orlan e Rose. Pediu que seus dias fossem preenchidos com coragem e resignação.

E por fim, pediu a luz do esclarecimento que tanto precisava.

Sentiu uma brisa tocar seu coração de leve e sorriu.

Suas preces foram ouvidas.

O desenlace

Charlotte estava certa. Depois de três meses já estava pronta para visitar Serge e Sophie.

Seguiu com Lían para a casa de Juliet e Paulie.

Cruzaram os portões de uma linda casa com um jardim de flores muito bem cuidadas e um lindo chafariz ao centro. Atravessaram a sala e viram Paulie ao telefone cuidando de negócios. Passaram por um imenso corredor e entraram no quarto rosa enfeitado com bonecas de todos os tamanhos. Era o quarto de

Sophie. Encontraram Juliet ajeitando cuidadosamente seu bebê no berço.

Charlotte observava a cena, curiosa.

A mãe zelosa certificou-se que a filha estava bem e sentou-se na cadeira ao lado, visivelmente exausta com a nova rotina.

Charlotte foi a primeira a se aproximar. Sophie dormia profundamente.

- Que criança linda, Lían! E que traços tranquilos!

- Nunca precisamos interferir para acalmá-la. Os cuidados da mãe são suficientes.

- Que alegria saber disso. - Charlotte acarinhou o rosto miúdo e corado de Sophie.

Enquanto Charlotte contemplava o bebê, Lían colocou-se ao lado de Juliet e com as mãos, transferiu alguns fluidos diretamente em seu centro coronário.

Demoraram-se por mais alguns minutos e partiram para a nova casa de Orlan.

Lían foi o primeiro a entrar no jardim, seguido por Charlotte; - Está tudo bem?

- Sim. Tudo bem. - Charlotte respondeu com confiança.

A casa estava cheia. Naquele dia, alguns amigos de Bernay visitavam o casal, Jacques, Renné e seus amigos conversavam animadamente na sala.

Alícia e Louis também visitavam o neto. Alícia dava algumas instruções a Aicha na cozinha enquanto Louis montava um quebra-cabeças com Allan, sentados à mesa.

Lían e Charlotte subiram a escada e finalmente chegaram ao quarto do casal.

Charlotte entrou em seu antigo quarto, lugar de tantas lembranças, com aparente controle. Seu coração estava feliz, não somente por ver Serge, mas também por rever Marcel, depois de tanto tempo.

Marcel ajeitava o berço, colocado ao lado da cama, enquanto Anne, de pé, ninava o bebê.

Charlotte olhou para Marcel e um sorriso espontâneo surgiu em seu rosto.

- Pode trazê-lo Anne. - Marcel esperou que a esposa se aproximasse para ajudá-la a colocar Serge delicadamente no berço.

- Preciso tomar um banho! - Anne enrolava os longos cabelos em um coque improvisado.

- Pode ir, ficarei aqui lendo.

- Obrigada amor! Qualquer coisa me chame!

Anne beijou Marcel, sob o olhar de Lían e Charlotte.

Marcel sentou-se na cama, recostando-se na cabeceira e pegou o livro que estava sobre a mesinha.

Charlotte notou o retrato de Anne e ao lado, outro retrato com a fotografia de Marcel e Anne no dia do casamento.

Olhou para o sorriso de Marcel na foto e em seguida o observou concentrado em sua leitura.

- Saudade sem dor é bem melhor, não é? - Lían interrompeu o momento sublime.

- Sim... Bem melhor - Deu o seu sorriso tímido habitual. Caminhou até o berço e finalmente, conheceu Serge.

- Tem os olhos de Marcel, não acha Lían?

- Sim. É verdade. - Respondeu após olhar o bebê com mais atenção.

- Ele está bem? Estava tão abatido pouco antes de regressar...

- Está bem. É um pouco menos equilibrado que Sophie. Não conseguimos bloquear toda a angústia que nosso irmão carregava em relação às suas faltas, por isso temos que recorrer quase que diariamente ao recurso da harmonização fluídica até que consiga estar plenamente ajustado à sua nova realidade.

Charlotte ouvia com atenção enquanto tocava os cabelos finos do bebê.

- O que somos, levamos conosco a toda parte. - Falou em tom grave. - Agora temos que ir. Voltaremos outras vezes.

- Sim. - Se despediu de Serge com um beijo e virou-se na direção de Marcel. Olhou para Lían, como se pedisse permissão. O amigo assentiu com a cabeça.

Charlotte se aproximou de Marcel e beijou sua fronte, devagar.

Imediatamente Marcel sentiu um arrepio em toda a extensão do seu braço. Um longo arrepio que percorreu a nuca e fez sua cabeça vibrar.

Fechou o livro, colocando-o em seu colo.

Para Lían era possível observar fios muito tênues que saíam do perispírito de Charlotte e que tocavam, suavemente, o perispírito de Marcel, que os recebiam como um ímã.

Literalmente, suas almas estavam se tocando.

Charlotte não conseguia ver o que seu protetor via com tamanha clareza, mas conseguia sentir. E Marcel também.

- Vamos, Charlotte?

Charlotte obedeceu. Saiu do quarto mais feliz. Sentia-se renovada. Uma sensação de plenitude que já havia esquecido.

- Lían, obrigada por me trazer. Estou me sentindo muito melhor!

- Agora que já é capaz de entender e aceitar as tantas maneiras de amar que existem, poderá vir quantas vezes quiser.

Charlotte sorriu e seguiu abraçada ao amigo de volta para a colônia.

Marcel não conseguiu mais voltar à leitura. Conhecia aquela sensação. Não havia sentido o perfume das flores, mas sabia que Charlotte esteve ali.

Levantou-se e caminhou até a janela, depois de volta para a cama. Sorria como criança. Já havia se esquecido de como aquela sensação o preenchia.

Recostou-se na cama e conseguiu relaxar como há muito não fazia.

Não percebeu Anne voltar ao quarto.

- Ficou tudo bem?

Não ouviu a resposta do marido.

- Ei, amor. Dormiu? - Falou desta vez mais próxima.

- Oi amor. Não, não dormi, só estava descansando.

- Ficou tudo bem? Ele chorou?

- Não. Está dormindo como um anjo.

- Se incomoda que eu desça um pouco?

- Claro que não. - Beijou a fronte da esposa. - Vá lá se distrair. Eu olho ele.

Anne o beijou de volta. - Obrigada meu amor.

Marcel voltou a abrir o livro. Leu duas frases e voltou a pensar em Charlotte. Respirou fundo e sorriu.

Havia recebido seu segundo presente.

Passaram-se alguns meses até que as crianças completassem um ano de vida. Aquele ano de 1947 foi especialmente triste para Anne e sua família. Gérard havia contraído severa pneumonia e faleceu em uma noite de primavera.

Naquele mesmo ano, Louis e Alícia se mudaram definitivamente para Bernay, assumindo a biblioteca de Gérard.

Serge era um menino amoroso e extremamente sossegado. Sophie era doce e meiga e comovia a todos com sua sensibilidade aguçada.

Completaram seis anos quando começaram a frequentar a mesma escola. Ainda que nunca tenham se cruzado neste período. Foi um ano difícil para a família Burnier. Devido a uma bronquite crônica, Jacques faleceu em agosto de 1952.

Renné mudou-se de volta para Bernay. Custou a se recuperar. Serge era a única razão de sua alegria.

Allan não estava lá quando seu pai faleceu. Com 16 anos, havia ingressado na Universidade de Paris, deixando sua família para morar na cidade-luz. Regressou em 1954, aos 20 anos, com o diploma de advogado nas mãos.

Serge já contava oito anos quando o tio voltou.

- E então rapazinho, tem se comportando bem com sua mãe e seu pai? Tem respeitado a sua avó?

- Sim, tio. Sou comportado, o senhor sabe.

Allan sorriu, passando a mão nos cabelos do sobrinho. - Quero ver suas notas. Vamos lá, vá pegar suas coisas da escola, vá!

Marcel e Anne se esforçavam para oferecer uma vida confortável para Renné, que por sua vez, vivia para o neto.

Assim como Serge, Sophie era a luz da família. Madura para uma menina de oito anos, já dava conselhos e emitia opiniões sensatas que encantavam a todos.

A vida seguia seu rumo, quando em uma manhã de janeiro, aos 40 anos, sentado no jardim dos fundos da casa 32, um infarto desatava os laços de Marcel da sua vida física.

Marcel lia seu jornal em seu lugar favorito da casa, como passou a fazer todas as manhas, desde o nascimento de Serge. Todos dormiam. Mas Marcel não estava só.

Estava cercado de bem feitos espirituais que desfaziam as teias que ligavam seu espírito ao corpo de carne, de Lían que tocava sua fronte ajudando no trabalho singular, e de Charlotte, que observava um processo de desenlace pela primeira vez.

Pouco mais de quarenta minutos depois, Marcel finalmente se libertava das amarras físicas. Lían conduziu seu espírito adormecido até os braços de Charlotte, que o recebeu com profunda alegria.

- O levaremos até o hospital da colônia. - Lían acompanhou Charlotte, que carregava seu tesouro, imensamente comovida.

Poucas horas depois, quando Anne se aproximou do jardim, viu Marcel com a cabeça recostada em sua cadeira e o jornal em

seu colo. Preparou o café e levou uma xícara para despertar o marido.

Um dos espíritos amigos havia ficado para sustentar Anne no que seria o momento mais difícil de sua vida.

Seus gritos acordaram toda a casa. Allan desceu as escadas correndo e foi o primeiro a chegar. Cuidou para que Serge não visse o pai, pedindo a Aicha que o levasse para fora da casa.

Renné chegou ao jardim pouco tempo depois.

Com a alma em pedaços, Allan amparava Anne e uma Renné destroçada. Perdia seu melhor amigo, seu pai, seu irmão. Chorou abraçado às duas mulheres.

Seis dias se passaram e Marcel permanecia em sono profundo. A família, ainda em estado de choque pela perda repentina de Marcel, ainda trazia o coração sangrando.

Serge chorava todas as noites. Muitas vezes, Allan fazia companhia ao sobrinho, até o amanhecer. Conversavam sobre os livros que Allan e Marcel leram há alguns anos. Aquelas palavras não faziam muito sentido para Serge, mas trazia sossego para seu coração em luto;

- Será que tudo isso é verdade, tio?

- Eu e sua mãe acreditamos e seu pai acreditava também. Vivemos muitas coisas nesta casa que nos fizeram crer que a vida vai mais além.

- Tomara. Sinto-me mais tranquilo em saber que meu pai está em algum lugar, sendo ele mesmo. O mesmo de sempre. - Serge deixou uma lágrima cair.

- Ei! Ele está bem! E não vai gostar de te ver triste assim. - Abraçou o sobrinho, enxugando discretamente uma lágrima que

caía. - Temos que cuidar da sua mãe e de dona Renné. Somos os homens da casa agora.

O despertar de Marcel aconteceu após quinze dias. Foi acompanhado por Lían e Jacques.

Ainda sonolento, Marcel abriu os olhos lentamente e quando se viu em um quarto de hospital, reagiu com imensa surpresa;

- O que houve?

Lían se aproximou;

- Olá, Marcel! Seja bem-vindo!

Marcel repetiu a pergunta;

- O que aconteceu?

- Acalme-se Marcel. Esforce-se para se lembrar das lições que tanto ocupou sua mente há algum tempo.

- Lições?

- Sim. Lembra-se dos livros que você e seu irmão liam na biblioteca de Gérard?

- Sim...

- Pois então Marcel. Precisarás destas lições claras em sua mente agora.

- Não entendo.

Lían trouxe Jacques para perto da cama.

Marcel fitou os olhos em Jacques, que chorava de alegria;

- Meu filho...

Marcel tentou levantar-se, voltando ao travesseiro, ainda tonto;

- Pai! Meu pai!

Jacques abraçou o filho, com um amor que irradiava luz por todo o cômodo;

- Seja forte! As primeiras horas são as mais difíceis.

Abraçado ao pai, Marcel começou a compreender sua situação. Lembrou-se de Serge e aos poucos, da família que havia deixado para trás;

- Serge... - Começou a chorar, comedidamente.

Lían tomou a frente; - Marcel, Allan estará ao lado de Serge, em todos os momentos de sua vida. Será um segundo pai. Cuidará de Anne e de Renné. Não se preocupe. Eu não saberia ser um protetor mais confiável.

Marcel fechou os olhos, enquanto Jacques juntava o rosto do filho ao seu. -Filho, tem alguém que poderá lhe ajudar muito. Esteve comigo todo esse tempo. Fez muito por mim quando precisei.

Marcel recostou-se na cama, ainda debilitado.

Jacques se afastou, enquanto Lían trazia Charlotte pelas mãos.

Marcel não tinha forças para falar. Olhou para Charlotte, que se aproximava com o sorriso meigo que ele jamais havia esquecido.

- Marcel... - Segurou suas mãos com carinho; - Acalme o seu coração. Esse nó em seu peito vai se desfazer aos poucos. Prometo-te.

Marcel passou as mãos nos cabelos de Charlotte e a trouxe para junto de seu coração em um abraço.

Chorou copiosamente.

Lían e Jacques saíram do quarto.

Do lado de fora, Jacques perguntou preocupado;

- Lían, não seria melhor que Marcel voltasse a dormir mais um pouco?

- Não se preocupe Jacques. Charlotte saberá cuidar de dele. Vamos até a família da Terra, precisarão de nossa ajuda ainda por um tempo.

Marcel ficou nos braços de Charlotte por algumas horas. Charlotte acarinhava seu rosto, seus cabelos, suas mãos.

Quando Marcel finalmente adormeceu, Charlotte o beijou e fechou os olhos.

Ficou ali, com seu amor nos braços, esperando o seu próximo despertar.

Além do horizonte

Marcel passou mais dez dias oscilando entre o sono e a consciência. Charlotte não saiu do seu lado.

E foi assim que vinte e cinco dias após seu desencarne, Marcel despertou com total lucidez. Abriu os olhos e viu Charlotte sentada à sua frente, concentrada com a leitura de um livro.

Ainda imóvel, olhou em volta e se lembrou do momento em que despertou pela primeira vez e de tudo o que lhe foi dito.

"Não foi sonho...".

Olhou novamente para Charlotte. Sentiu seu coração bater acelerado, exatamente como antes.

Charlotte levantou os olhos na direção de Marcel. Sorriu ao vê-lo desperto e sem o abatimento dos dias anteriores. Aproximou-se da cama, enquanto Marcel se levantava, tentando se sentar;

Nada foi dito. Marcel abriu os braços e acolheu Charlotte em seu peito. O teor vibratório deles era o mesmo. A afinidade que os alimentava, era como um encaixe entre duas peças que não precisavam de esforço para se completar.

Após um demorado abraço, Charlotte trouxe seu rosto bem devagar para junto do rosto de Marcel;

- Meu amor, como se sente?

- Ainda não sei... Estou sentindo uma felicidade que me assusta, - Acariciou o rosto de Charlotte; - Mas quando penso... Em Serge e em todos que ficaram... - Baixou a cabeça, encostando a fronte no ombro de Charlotte. - Não quero que eles sofram!

- Eles estão sendo sustentados. Da mesma forma que você foi quando Jacques voltou para cá, lembra-se? - Charlotte afagava com carinho os cabelos de Marcel.

- Sim. Lembro-me.

- Então... Acalme o seu coração. O tempo deixará só o amor, nada mais.

Marcel levantou a cabeça e olhou nos olhos de Charlotte;

- Poderei vê-los? Assim como fazia comigo?

- Com o tempo, poderá estar com Allan como um dia já estivemos. Ele é portador de grande sensibilidade e tem um dom especial que propiciará o momento.

Marcel sorriu, emocionado; - Fala sério?

- Sim! Falo! - Enxugou as lágrimas de seu amor; - Marcel! Não existe adeus! Sabe disso melhor do que ninguém!

- Obrigado por estar comigo. Me faz tão bem...

- Onde mais estaria?

Marcel sorriu mais uma vez.

No mesmo dia, Marcel teve alta do hospital e seguiu com Charlotte para conhecer a colônia. Saíram juntos do edifício e de mãos dadas, caminharam na direção do jardim.

- Finalmente estou no seu mundo!

- Ficaré encantado com o que verá. E esse mundo agora é o nosso mundo!

Marcel abraçou Charlotte, beijando seu rosto com ternura;

- Sua presença me dá forças. Quando está perto de mim sinto os sentimentos ruins morrerem, pouco a pouco.

Charlotte sorriu; - Veja Marcel! Veja este lago!

Marcel olhava maravilhado para cada lugar que seus olhos alcançavam.

- É lindo! Nunca vi nada parecido.

- Sim, tudo aqui é maravilhoso!

- O que faremos? Quer dizer, como vivemos aqui?

- Temos muito o que fazer! Tudo depende da inclinação de cada um. Poderá dedicar-se à leitura, que é o que gosta.

- Como seria isso? Vi você lendo um livro.

- Da mesma forma que na Terra, materiais são manipulados para os mais variados fins, aqui ocorre o mesmo, a diferença é que aqui a matéria é mais sutil. Tudo o que vê a sua volta foi criado.

- Eu poderia criar alguma coisa?

- Um dia poderá. Não agora. Do mesmo jeito que uma criança em tenra idade jamais poderia construir uma casa na Terra.

- Acho que entendo.

- Terá muito tempo para lembrar-se de tudo o que já aprendeu um dia.

Marcel segurou as mãos de Charlotte, colocando-se à sua frente; - Ficaremos juntos agora. Não é?

- Sim... Sente-se. Quero lhe contar algumas coisas.

- Que coisas?

- Sente-se. Gostará de saber. Lembra-se do que enfrentou em sua casa? Você e Allan?

- Sim. Me lembro.

- Lembra-se também que em um de nossos encontros, pedi a sua ajuda.

- Sim.

- Todo aquele desequilíbrio era fruto de uma vingança contra meu pai. Há um tempo, quando vivíamos na casa, papai se negou a ajudar um homem, que, devido a essa indiferença teve perdas inomináveis. Ele morreu com ódio de papai. E jurou vingança. Todos aqueles espíritos eram escravizados por ele.

Marcel ouvia com atenção.

- O trabalho de Lían e de muitos outros foi incansável. E o de vocês, com as orações diárias, foram determinantes.

- Me lembro de que você me pediu que fizesse isso.

- Sim, é verdade. Aldráz conseguiu se render e hoje está aos cuidados da mãe dele, aguardando o seu momento de voltar.

- E seus pais, estão aqui?
- Não... Eles voltaram à carne.
- Quando?
- Há quatorze anos.

Marcel ouvia calado. Sabia que Charlotte tinha algo importante a dizer;

- Mamãe voltou em uma família maravilhosa em Bernay. Agora é Sophie, uma menina muito doce. Não mudou muita coisa!

Marcel sorriu;

- E tio Orlan?

Charlotte deu um longo suspiro antes de responder;

- Também está em Bernay. Em uma família igualmente incrível. Serge é um menino muito amado.

- Serge... não pode ser.

- Sim. Você e Anne receberam papai como seu filhinho amado.

Marcel tentava entender o misto de emoções que sentia naquele momento.

- Por quê?

- Serge reencontrará Sophie e juntos receberão Aldráz, para ajuste de contas.

- Faz todo o sentido.

- O que?

- Tudo... Tudo fazia parte de um plano maior. Cada acontecimento, cada detalhe.

- E algum dia em algum lugar já foi diferente? - sorriu amorosa.

- Tem razão, tem razão. - Pensativo, fitou o horizonte à sua frente. - E nós?

- Nós ajudaremos Serge e Sophie.

- Daqui?

- Sim. Daqui. É tudo o que sei. Poderemos intuí-los, quem sabe até estar com eles, no momento em que adormecerem.

- Como fazia comigo?

- Sim... Como fazia com você... - Charlotte entrelaçou seu braço ao de Marcel. - Como vê, temos muito trabalho pela frente.

- Sim. Ajudaremos Serge e Sophie, juntos, mais uma vez.

Charlotte sorriu; - Juntos.

Passados alguns meses, Marcel teve autorização de visitar sua família na Terra. Foi acompanhado de Lían, em uma madrugada fria e silenciosa.

Emocionou-se ao voltar a casa. Passou pelos móveis, tocando-os enquanto se lembrava dos momentos que viveu com sua família.

Amparado por Lían, entrou no quarto de Renné, que passou a ser o quarto de Anne também.

As duas dormiam lado a lado.

Marcel chorou enternecido ao ver a velha mãezinha, com sua expressão cansada e sofrida;

- Dona Renné... Dona Renné... Seja forte! Em breve estaremos todos juntos!

A abraçou com carinho, colocando-a protegida em seus braços por algum tempo.

Soltou-a aos poucos, se despedindo com um beijo; - Descanse mãe... Amo-te muito.

Foi na outra direção da cama e sentou-se ao lado de Anne, que dormia ao lado de um copo d'água e uma caixa de calmantes, colocados na mesinha.

Acarinhou o rosto da esposa; - Obrigado por todo o amor que me deu minha esposa, minha companheira... Cuide de nosso filho.

Beijou sua fronte devagar, acarinhando seu rosto; - Sempre terá o meu amor.

Serge ficou com o antigo quarto dos pais. Quando Marcel entrou, não conseguiu conter as lágrimas ao ver o filho novamente; - Filho... Meu Deus... Que saudade!

Aproximou-se rapidamente e o envolveu em seus braços, imensamente comovido; - Meu filho... Olharei sempre por você. Te prometo!

Com o rosto colado ao rosto do filho, pôde ver o antigo retrato de Anne sobre a mesinha. Lembrou-se da noite em que Anne lhe deu de presente. Viu o retrato de seu casamento e ao lado, um retrato seu e de Serge, em sua última festa de aniversário. Sorriu enternecido.

Lían se aproximou; - Seu amor e o de Anne ajudaram a construir um Orlan mais forte e confiante de si. Cumpriu muito bem sua missão.

Marcel olhou para Lían com simpatia.

Seguiram por fim, para o quarto de Allan. Antes de entrar, Lían se colocou à frente da porta;

- Deve preparar-se. Allan está desdobrado. Foi preparado para o momento que virá.

- O que quer dizer?

- Conversará com seu irmão. E ele se lembrará desse momento quando voltar ao corpo físico. Os deixarei sozinhos. Entre. Ele ainda não sabe, mas está te esperando.

- Obrigado. - Marcel tentou controlar a emoção. Entrou no quarto devagar e encontrou Allan, sentado na cama, ao lado de seu corpo de carne.

Aproximou-se calmamente; - Meu irmão! Sou eu!

Allan virou-se para Marcel e correu em sua direção. Naquele momento, voltou a ser criança. Abraçado a Marcel, chorava copiosamente; - Marcel! Marcel! Você voltou meu irmão! Senti tanto a sua falta!

- Eu também... Nem imagina o quanto!

- Onde você está?

- Levaria alguns minutos para te explicar e não temos tanto tempo assim... Queria que soubesse que penso muito em vocês e que tudo aquilo que lemos, é verdade. E sendo assim, meu irmão, um dia nos encontraremos.

Allan chorava e sorria ao mesmo tempo; - Você está bem?

- Sim, estou muito bem. Quero que estejam também. Allan, cuide de mamãe, de Anne e de Serge. Me promete?

Allan enxugou as lágrimas e segurou o rosto do irmão, olhando-o com firmeza;

- Eu prometo meu irmão... Eu prometo que cuidarei deles até o último dia da minha vida.

Marcel abraçou Allan mais uma vez; - Eu te amo tanto, meu irmão. Meu companheiro da vida toda... Não quero que chore por mim e não permita que eles chorem.

- Será como você quer. Do jeito que quer.

Lían entrou no quarto, anunciando em silêncio o momento de ir.

- Preciso ir. Não se esqueça da sua promessa.

- Jamais esquecerei! Eu te amo meu irmão.

- Eu também. Papai te manda um beijo.

Allan sorriu; - Dê um beijo nele por mim. Tenho saudade de vocês.

Marcel olhou para o irmão, emocionado e se afastou enquanto Lían conduziu Allan de volta a seu corpo, sem que ele notasse.

Carregado de emoção, Allan despertou com o coração acelerado. Sentou-se na cama e buscou um copo de água na pequena cabeceira.

- Marcel... Não posso crer! Marcel esteve aqui!

Em cada gole lembrava-se pouco a pouco de seu sonho; revezava choro e riso, sentindo o corpo trêmulo e o coração batendo a galope.

Naquela manhã, foi o último a sentar-se na mesa do café;

- Bom dia! - Beijou a fronte de Renné; - Bom dia Anne. Bom dia rapazinho!

- Bom dia Allan. - Anne notou o semblante diferente no rosto do cunhado.

- Tio, hoje não posso me atrasar para a escola.

- Não se atrasará! Não se preocupe!- Tomou metade da xícara de café, em um só gole; - Estive com Marcel esta noite.

Todos ficaram em silêncio. Renné levantou os olhos, levando-os diretamente aos olhos de Allan, sem nada dizer. Anne deixou a colher escorregar por entre seus dedos, caindo sobre o pires em um som estridente; - Como?

- Esta noite Marcel esteve em meu quarto; - repetiu, sorrindo.

- Allan, por favor... Respeite a memória de seu irmão. Não admito tais brincadeiras com o nome de Marcel!

- Não é brincadeira, mãe! Falo muito sério.

Anne não continha as lágrimas; - Como foi? Como foi Allan?

Serge ouvia assustado.

- Pois bem, foi como em um sonho, mas lembro dele de forma nítida, em pé, em frente à minha cama. Lembro-me até da roupa que usava, aquela camisa branca que ele adorava, lembra-se, Anne?

- Sim! - Anne respondeu sorrindo, enxugando as lágrimas.

- Pois então. Ele me pediu que olhasse por vocês. Fez-me prometer com aquele jeito que já conhecemos. - Allan tentou, mas não conseguiu conter a emoção enquanto falava do irmão; - Era ele, o mesmo sorriso, o mesmo jeito de olhar... Ele veio nos ver... - Olhou para Serge; - Não te disse?

Serge se levantou e correu para abraçar o tio. Anne fez o mesmo.

Renné se levantou com dificuldade e se dirigiu para a porta da cozinha, com passos lentos; - Me recuso a ouvir tais coisas.

Sentou-se devagar no sofá da sala e tirou de dentro do vestido, o cordão com a medalha de Maria. Segurou firme, enquanto uma lágrima caía. Fechou os olhos e sorriu;

- Meu Marcel...

Na colônia, Marcel se fortalecia cada dia mais. Dedicava-se a horas de leitura e ajudava Charlotte em suas funções. Eram inseparáveis.

Em uma tarde, Acabado o trabalho junto ao instituto, Marcel e Charlotte passeavam pelo jardim, quando foram abordados por Lían;

- Desculpe interromper o descanso de vocês, sei que trabalharam muito hoje.

- Lían, como vai?

- Muito bem Charlotte! Trago boas notícias! Aldráz será transferido para um dos postos de atendimento próximos a Terra! Em breve, poderá residir em uma colônia, quiçá esta!

- Sem dúvida uma ótima notícia! - Charlotte abraçou Lían.

- Me alegro em saber... Se ele ficar aqui, poderemos ajudá-lo diretamente em seu projeto reencarnatório, seria possível?

- Sem dúvida. Toda ajuda é bem-vinda em um projeto como este. Podemos planejar, mas não impor. O livre arbítrio sempre dá a última palavra. Nunca sabemos o que pode acontecer.

- E se alguma coisa não sair como o planejado? - Marcel questionou interessado;

- Neste caso, tentamos reverter os novos fatos a favor do plano inicial. Veja o ocorrido com vocês.

- Conosco? - Charlotte tomou a palavra, surpresa.

- Sim. Marcel chegou até a casa de Orlan conforme o planejado e tinha apenas que lhe ajudar com sua mediunidade nas questões de Aldráz e conhecer Anne para juntos, formarem uma família. Mas no meio do caminho, por acaso, uma grande afinidade nasceu. Bem, o nascer do amor verdadeiro é sempre uma questão nobre em qualquer mundo... Não é verdade?

Marcel abraçou Charlotte, sorrindo; - Sim. É verdade. - Beijou sua frente com carinho.

- Poderemos voltar juntos um dia, como papai e mamãe?

- Tudo a seu tempo, Charlotte! – Lían despediu-se com um sorriso.

Marcel e Charlotte se abraçaram enquanto ao fundo, se ouvia uma suave melodia no piano, vinda de uma das salas do Instituto.

- Quem sabe um dia poderemos ajudar Serge e Sophie vivendo ao lado deles? Minha felicidade estaria completa... - Charlotte suspirou deitando a cabeça no ombro de Marcel.

Marcel repetiu o gesto, recostando-se em Charlotte; - Quem sabe...

Ficaram ali parados, de frente para o lago, fitando o horizonte cor de baunilha. Uma brisa passou suavemente pelo coração de Charlotte, que conhecia bem aquela sensação. Sorriu com a certeza de que sua prece foi ouvida... Mais uma vez. .

FIM.

"Abençoadas sejam todas as voltas que a vida dá, pois numa dessas, a gente esbarra com a rainha, o sábio, o tolo, o rico, o bonito, o feio.

A gente esbarra no mundo e percebe que no final do jogo, todos partilham do mesmo vestiário. A peça termina. Os aplausos cessam. A cortina se fecha e tanto o vilão quanto o mocinho dividem o mesmo camarim.

Abençoada seja a alma sedenta que sossegará após ser alimentada, sem sequer exigir sofisticados manjares.

Abençoado o cansaço de cada dia que não escolherá cama, mas repousará em qualquer banco achando ser um castelo.

Abençoado o suor do trabalho e as mãos calejadas que anunciam a ocupação no lugar da estupidez de mentes vazias.

Bendito seja o silêncio, que se faz de vidente para a crueldade das palavras tolas.

Bendito o riso, que ocupa lugar privilegiado na face sóbria de quem sabe viver.

Abençoado o peso do saco de interrogações e da sacola de oportunidade que é manto sagrado de quem tem coragem para viver.

Abençoada as precipitadas declarações de amor, pois alivia o peito apertado e assegura a ausência do medo.

Abençoado seja o dia em que o acaso nos faça tropeçar em poesia." (Ita Portugal).

